

Universidade do Minho  
Instituto de Ciências Sociais

# EM BUSCA DO BERÇO PERDIDO

As Férias dos Emigrantes  
e a Inserção dos seus Filhos na Escola Portuguesa



Dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado em  
Sociologia, da Cultura e dos Estilos de Vida  
Maria da conceição R. F. Gonçalves  
Orientador- Prof. Doutor Moisés Martins

Braga  
- 2002 -

Ao Tino, ao João e ao Fernando

## **Agradecimentos**

Este trabalho só foi possível graças à colaboração de diversas pessoas e instituições.

Os impasses e as dúvidas cruzam-se a todo o momento no decorrer de uma investigação.

Nos momentos de maior dificuldade, provocados pelas múltiplas incertezas, agradeço ao Professor Doutor Albertino Gonçalves, pela partilha de saber e o rasgar de horizontes que me ajudaram a sair dessas situações.

Foi um privilégio beneficiar da estimulante orientação do Professor Doutor Moisés Martins, cuja leitura atenta e sugestões da maior pertinência contribuíram decisivamente para a realização deste trabalho.

Agradeço à Professora Doutora Maria Beatriz Rocha-Trindade o interesse sempre demonstrado por esta investigação, as orientações bibliográficas oportunas e o incentivo constante. Deu-me, assim, ânimo e energia para prosseguir a pesquisa.

Quero agradecer à Professora Doutora Maria Engrácia Leandro, pelas conversas e as impressões propiciadas.

A colaboração da Dra. Fernanda Serra na administração dos questionários aos estudantes em Melgaço foi preciosa. Manifesto ainda o meu reconhecimento ao Conselho Executivo da Escola Secundária de Melgaço pela boa-vontade e pelo modo como viabilizou este estudo.

Agradeço, também, ao Conselho Executivo da Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclos de Real, especialmente ao Dr. José Gomes Barbosa, pela confiança depositada neste estudo e pela prontidão da ajuda prestada.

A realização do pré-inquérito muito deve à colaboração do Conselho Executivo da Escola do Ensino Básico 2º e 3º ciclos de Gualtar.

O Conselho Executivo da Escola do Ensino Básico, 2º e 3º ciclos de Briteiros, escola em que me encontro a trabalhar, prodigou-me as melhores condições para a concretização deste trabalho.

Agradeço ao Senhor Santos o modo eficiente como sempre se prontificou a orientar-me pelos meandros da legislação e da burocracia.

A minha gratidão estende-se aos emigrantes, que aceitaram partilhar comigo os seus “pedaços” de vida. Sem eles este estudo não teria sido realizado nem sequer faria sentido. Expresso também a minha dívida para com todos os estudantes que, de forma empenhada e correcta, acederam a responder ao questionário.

Da Manuela, da Teresa, da Margarida, da Augusta, da Paula, da Inês, da Adriana, da Ana, da Celeste, da Fátima recebi o incentivo e o calor do companheirismo e da amizade.

À Berta, ao Nuno, ao Raúl, ao Domingos e ao António agradeço a forma solidária como acarinharam este projecto. No cerne da minha formação está a memória de meus pais. O meu Pai ensinou-me o gosto pelo saber. A minha Mãe deu-me a confiança que sustenta os meus projectos.

A investigação que desenvolvi dificilmente teria sido realizável sem um quadro familiar favorável, pelo que agradeço ao Tino, companheiro e confidente durante todo este percurso, ao João e ao Fernando, pelo amor e compreensão sempre reforçados. Eles foram os principais “colaboradores” desta obra.

Figura da capa:

M. C. Escher:  
Águas agitadas

## ÍNDICE GERAL

<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	<b>5</b>
ÍNDICE DE QUADROS .....	7
INTRODUÇÃO .....	8
<b>I - A ABORDAGEM</b> .....	<b>13</b>
1.1. Problemática .....	13
1.2. Os métodos e as técnicas de investigação .....	16
1.3. As férias dos emigrantes: entrevistas .....	17
1.4. As férias dos emigrantes: a análise de conteúdo .....	19
1.5. A inserção dos filhos dos emigrantes na escola portuguesa: inquérito ...	20
<b>II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>23</b>
2.1. Tempo livre/lazer .....	23
2.2. Tempo de lazer na cultura popular .....	29
2.3. As férias. Breve panorâmica histórica .....	33
2.4. O caso Português .....	39
<b>III - AS FÉRIAS DOS EMIGRANTES</b> .....	<b>40</b>
3.1. As relações sociais dos emigrantes .....	40
3.1.1. Em busca da identidade perdida .....	40
3.1.2. Emigrantes e familiares: relações fortes .....	41
3.1.3. "Invejidades" .....	43
3.1.4. A relação com o passado .....	44
3.1.5. Relações entre emigrantes .....	45
3.1.6. A unidade perdida: nacionalidade e identidade .....	48
3.1.7. Emigrantes e comerciantes: uma relação difícil .....	52
3.1.8. Os labirintos dos serviços públicos .....	55
3.2. Imagens de Portugal .....	59
3.2.1. Pelas estradas de Portugal .....	59
3.2.2. O sol brilha, as mentes escurecem .....	60
3.2.3. As "enguias" .....	63
3.2.4. A saudade .....	66
3.3. As viagens .....	68
3.3.1. Curtas evasões .....	68
3.3.2. Itinerários de sonho .....	71
3.4. A suspensão do tempo e do espaço .....	73
3.4.1. A conquista do espaço e da liberdade .....	74
3.4.2. A luta contra o tempo .....	77

3.4.3. Marcação do período de férias .....	80
3.5. O dinheiro dos emigrantes .....	81
3.5.1. A “carteira cheia” .....	82
3.5.2. A “carteira vazia” .....	84
3.6. “As casas castores” .....	86
3.7. Os emigrantes e a religião .....	88
3.7.1. Fátima: “Altar do mundo” .....	89
3.7.2. Acertar contas com Deus .....	91
3.7.3. Participar em actos sócio-religiosos .....	91
3.8. Conquista de liberdade no feminino .....	92
IV - PERCURSOS E EXPECTATIVAS ESCOLARES NUMA ESCOLA DE MASSAS	
4.1. Escolaridade obrigatória e igualdade de oportunidades: realidade e utopia ...	95
4.2. Caracterização da população escolar segundo a origem social .....	101
4.3. Práticas e representações na escola .....	105
4.4. Perspectivas de futuro .....	114
V - A INSERÇÃO DOS FILHOS DOS EMIGRANTES NA ESCOLA PORTUGUESA	
5.1. O regresso .....	120
5.2. Língua .....	126
5.3. Relações de amizade .....	130
5.4. Usos do tempo livre.....	131
5.5. Vivências das férias .....	134
5.6. Experiência de regresso .....	137
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>141</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>144</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

1. Composição do agregado familiar por laço de parentesco .....	101
2. Profissão do pai .....	103
3. Profissão da mãe .....	104
4. Distribuição das opiniões dos inquiridos por escolas .....	108
5. Mudança nas escolas, segundo a opinião dos alunos .....	110
6. Tempo dedicado ao estudo .....	114
7. Companhias de estudo .....	115
8. Locais de estudo .....	116
9. Profissão prevista e desejada por concelho .....	118
10. Profissão desejada, segundo a profissão do pai .....	119
11. Distribuição dos inquiridos por outras nacionalidades que não a portuguesa ...	124
12. País de nascimento no estrangeiro .....	126
13. País em que viveu no estrangeiro .....	128
14. Língua falada em casa no estrangeiro .....	131
15. Língua falada com os amigos no estrangeiro .....	133
16. Locais frequentados com os amigos no estrangeiro .....	135
17. Ocupação dos tempos livres no estrangeiro .....	138
18. Aspectos mais apreciados nas férias .....	140
19. Aspectos menos apreciados nas férias .....	142
20. Motivos para o regresso ao país estrangeiro .....	143
21. Aspectos mais apreciados no regresso a Portugal .....	145
22. Aspectos menos apreciados no regresso a Portugal .....	146

## INTRODUÇÃO

Durante os anos 60, a emigração foi predominantemente masculina. Nos meses de Novembro a Março as condições de clima eram mais rigorosas nos países da Europa receptores da emigração portuguesa. Os trabalhadores migrantes regressavam às aldeias, juntando-se às famílias no cultivo das terras e na reparação das habitações. Era o período em que se realizavam os casamentos, com as prometidas que pacientemente os aguardavam.

A partir dos anos 70, são muitas as mulheres e os filhos que se vão juntar ao cônjuge e pai emigrante. As férias passam a revestir um carácter familiar. A sua preparação é feita com muita antecedência, comprando-se presentes, escolhendo as roupas para se estrear na terra natal, antecipando económica e afectivamente as férias. Este regresso sazonal era aproveitado para supervisionar e trabalhar na construção da casa, bem como tratar de burocracias. Nas aldeias era ansiada a vinda dos emigrantes e as pessoas aglomeravam-se para ver os carros de matrícula estrangeira (Rocha-Trindade, 1973).

Todos os anos, ciclicamente, a actividade produtiva e os ritmos de vida quotidianos alteram-se como que suspensos por um movimento de quebra ou pausa: as férias. Segundo Lévi-Strauss, as férias são:

"des manoeuvres conjunratoires dont le modernisme est sujet à caution. Mettre une fois par an sa culture entre parenthèses pour, en fin de compte, la confirmer, ce n'est pas une invention des campeurs ou des clubs de vacances. (Il y a) encore de signes de sacralisation annuelle" (Lévi-Strauss, 1967).

As férias, ganham portanto, em ser enquadradas no conjunto das actividades e experiências do ciclo anual.

Ao nível dos emigrantes, as férias são vividas como um momento de festa, caracterizado por relações mais livres e intensas, em claro contraste com os restantes onze meses do ano de vivências rotineiras e mornas, quando não frias, ou seja um extenso período onde pouco ou nada acontece de memorável. Para a maior parte dos emigrantes, as férias representam um tempo extraordinário.

O fenómeno das férias dos emigrantes conheceu épocas de maior exuberância e efervescência. Durante o ano no estrangeiro, os emigrantes adoptavam uma postura geral de contenção, retraimento, disciplina e discrição, (Cunha, 1988; Leandro, 1995; Rocha-Trindade,

1998). Funcionando como contraponto a um ano de trabalho e de esforço, as férias propiciavam a expressão eufórica de si e a expansão de sentimentos, de afectos e de emoções. Os papéis assumidos diferiam, quando não contrastavam, com os desempenhados durante o ano:

"Para a comunidade e sobretudo para os emigrantes "em férias", o verão é tempo de casamentos, baptizados e culto dos antepassados; de arraiais, foguetes e procissões, de visitas, passeios e peregrinações; de banquetes, folias e desvarios; de alianças, prendas e leilões; de competições, invejas e ostentações; de partilhas, desavenças e brigas; de inventários, encenações e reconhecimentos; de negócios, escrituras e consumos; de planos, empreendimentos e acabamentos; de contas, arquivos e documentos; de cartórios, fazendas e bancos; de estradas, caminhos e terreiros; de pressas, excessos e bloqueios" (Gonçalves, 1991: 152)

Hoje em dia, a agitação criada pela chegada dos emigrantes às aldeias que os viram partir é menor. A excitação das férias dos emigrantes parece ter abrandado. A sua passagem por Portugal tornou-se mais discreta e comedida:

"La nouveauté de "l'arrivée", fêtée avec pétards, perçue avec curiosité et excitation dans les villages qui les vu partir, s'est refroidie em devenant una habitude régulière. La prope dispersion des moments et des lieux d'arrivée réduit l'intérêt collectif à une dimension plus localisée, d'ampleur surtout familiale; et la présence d'une nouvelle voiture immatriculée à l'étranger a cessé d'etre un motif de concentration des jeunes gens..." (Rocha-Trindade, 1998: 35).

Apesar da excitação ser menor, os emigrantes aproveitam as férias para renovar os laços com a sociedade de origem. Reencontram cantos e amigos de infância; e uma vez regressados ao país onde estão emigrados levam recordações que lhes permitem não esquecer esta comunidade.

No país receptor, os emigrantes estão inseridos em sociedades industriais, caracterizadas pelo anonimato. O retorno sazonal ao país de origem é, em contrapartida marcado por vivências quotidianas onde encontrar certos sabores e lugares é restaurar a identidade.

Nas férias, o lazer é muitas vezes usado como uma arena para conquista de distinção e promoção social, é como um jogo cruzado de representações sociais onde se procura o reconhecimento do outro. Para um trabalhador, o tempo livre pode constituir um tempo de evasão ou um tempo de aprendizagem de novas modalidades de promoção social. É na confluência destas duas vertentes que é vivido o lazer dos emigrantes. Por um lado, empreendem novos ensaios de reconhecimento social, trata-se de um tempo vivido sob o olhar do outro, essencialmente dos portugueses que permaneceram no país, por outro lado, procuram romper com os ritmos e estilos de vida próprios do tempo de trabalho e, sobretudo, romper com a vida que levam no estrangeiro.

As férias dos emigrantes têm certamente momentos de lazer, mas não deixam de estar inseridas num movimento colectivo que convoca uma multiplicidade de forças sociais. A independência, a liberdade de gestos e de atitudes, acaba por ser muito reduzida. Tudo é vivido sobre o olhar do outro, sob a pressão das normas e dos valores vigentes. Neste âmbito, e na óptica de muitos residentes:

"os emigrantes excedem as suas competências. Aventuram-se em práticas e domínios que, apanágio doutras classes, lhes são impróprios. Exibem-se sem propósito, envaidecem-se sem motivo, falam estrangeiro em território nacional o que só é admissível a "estrangeiros de verdade", desfilam mal vestidos,(...) desperdiçam as próprias férias (...)" (Gonçalves, 1996: 177).

Esta visão não coincide com aquela que os emigrantes têm de si próprios, embora estejam conscientes dos discursos que inspiram.

Para os emigrantes, como aliás para a maioria dos residentes, as férias pagas constituem uma realidade que desconheciam. Trata-se de uma experiência e de uma aprendizagem recentes. Sem modelos próprios incorporados atempadamente (na infância e na adolescência), recorrem a um mimetismo de circunstância que mistura os padrões que vigoram no estrangeiro, as imagens da televisão e os comportamentos, mais representados do que dominados, de determinados grupos sociais em Portugal.

A propósito das férias dos emigrantes, convém distinguir, por um lado, os discursos veiculados pelos residentes através de anedotas, contos, artigos de jornais, e, por outro lado, as representações que os emigrantes têm de si mesmos e a forma como encaram os discursos

que acerca de si vão sendo (re)construídos. É sobre esta última vertente que se pretende debruçar este trabalho.

Os primeiro e segundo capítulos especificam a metodologia e a problemática desenvolvidas. Para apreender os discursos que os emigrantes produzem acerca de como passam as suas férias, foram efectuadas entrevistas a emigrantes em Melgaço, em 1983, e em Braga (Merelim S. Pedro e S. Paio), em 2000. Estas entrevistas foram administradas em períodos de férias. Este trabalho apresenta, também, os resultados de um inquérito a duas escolas do ensino básico, abrangendo 2º e 3º ciclos, uma em Melgaço, outra em Braga. Com este inquérito pretendeu-se analisar os percursos e expectativas dos estudantes e a inserção dos filhos dos emigrantes na escola portuguesa.

Um terceiro capítulo incide sobre os discursos produzidos pelos emigrantes acerca das suas férias: o que gostam mais (ou menos) de fazer; com quem se relacionam; que noção têm da sua identidade; como se relacionam com os serviços públicos, os comércios, as feiras, os restaurantes; que imagens têm de Portugal, dos seus condutores e das suas estradas; que perspectivas de regresso acalentam; quais os locais que visitam ou desejam visitar; como se relacionam com o espaço e o tempo durante as férias; que relação têm com o dinheiro, com a casa e com a religião; que mudanças se verificam na família e nos papéis assumidos durante o período de férias.

Num quarto capítulo, com base num inquérito administrado na Escola Secundária de Melgaço e na Escola do Ensino Básico, 2º e 3º ciclos de Real (Braga) comparam-se os percursos e as expectativas acerca do futuro dos alunos em duas escolas distintas uma da outra, de periferia e semi-periferia. Estas escolas abrangem a área geográfica em que foram feitas as entrevistas e permitem-nos confrontar, com base nesta amostra, as populações abrangidas por este estudo.

Por último, no quinto capítulo é analisado a inserção dos filhos de emigrantes na escola portuguesa. Segundo os resultados obtidos através do inquérito administrado nas escolas, em Melgaço, 49,6% dos alunos têm, ou tiveram, pai ou mãe emigrante e alguns deles viveram no estrangeiro tendo regressado a Portugal; em Braga (Real) esta percentagem desce para 19,3%. Como se enquadraram estes alunos na sociedade portuguesa, particularmente no sistema de ensino? Que visão e recordação preservam das suas férias em tempos passadas em

Portugal: Que vivências os marcaram? Como perspectivam o seu futuro? Como encaram os pais a educação dos filhos? Que investimentos fazem na sua educação?

Estas são problemáticas aqui abordadas. Não pretendo dar respostas definitivas, mas apenas contribuir para que de alguma forma os emigrantes e descendentes encontrem um lugar na sociedade portuguesa. É necessário que os emigrantes sintam que fazem parte da cultura portuguesa. Importa que não se façam apenas monumentos que evocam a sua partida e chegada. É preciso fazer-lhes homenagem aceitando os seus gostos, costumes, língua, comportamentos, etc. Urge preservar a memória colectiva do que foi a emigração, do que foram e são as suas férias, o seu regresso, que marcas introduziram nos locais onde se inseriram.

Isto poderá acontecer com projectos como a "Sensibilização comunitária numa óptica de interculturalismo em meio de forte emigração"<sup>1</sup>, onde se tentou, através de uma série de iniciativas e com o apoio de vários organismos, diminuir o "fosso" entre residentes e emigrantes.

Iniciativas como a inauguração da Biblioteca Museu Dr. Manuel Luciano da Silva, em Vale de Cambra. Segundo Luciano da Silva, "É a primeira biblioteca em Portugal dedicada à diáspora portuguesa, e onde se pode guardar um relato daquilo que os emigrantes têm derramado: sangue suor e lágrimas (...). Os governos de Portugal, desde o tempo dos reizinhos, que não prestam a devida homenagem aos emigrantes"<sup>2</sup>; No mesmo sentido aponta a inauguração do museu da emigração em Fafe. Iniciativas deste género vão contribuir para que o emigrante se sinta parte integrante da cultura portuguesa, um português em Portugal.

---

<sup>1</sup> "Acção 1- Estabelecimento de um serviço de informações e encaminhamento de casos sobre problemas relacionados com a emigração:

População alvo: Famílias de emigrantes.

Acção 2- Ensino do Francês:

População alvo: Famílias de emigrantes e candidatos à emigração.

Acção 3- Em aldeias de forte emigração, introdução de uma abordagem intercultural (...)" (Rocha-Trindade, 1983: 9)

<sup>2</sup> Jornal o Público, Terça-feira, 12 Junho 2001, Local, p.51, por Sara Dias Oliveira.

# I - A ABORDAGEM

## 1.1. Problemática

Portugal é um país marcado, na segunda metade do século XX, por grandes fluxos de emigração para o continente Europeu, designadamente para França.

Nos anos 60 assistimos ao que podemos chamar uma primeira "vaga" de trabalhadores, sobretudo do sexo masculino. A partir de 1966 aumenta a componente familiar, com uma presença crescente da componente feminina. Nos anos seguintes a 1972 observa-se uma quebra na emigração de trabalhadores, sendo este período caracterizado pelo reagrupamento familiar. A partir de 1975 há um novo aumento do número de emigrantes, envolvendo homens, mulheres e crianças.

A crise económica que abalou a Europa no início dos anos setenta, alterou significativamente a contextualização da imigração nos países de "acolhimento":

"No sopé organizacional da pirâmide de qualificações profissionais que representava a população activa desses países, encontravam-se os imigrantes, de produtivos e úteis, passam a ser olhados como dispensáveis e excedentários. Daí que os países onde trabalhavam, até então considerados como de *acolhimento*, passam a partir dessa época a ser designados como países *receptores*, (note-se o significado da passagem do qualitativo com conotação positiva a uma conotação neutra)" (Rocha-Trindade, 1988 a: 30, 32).

Estes diferentes ciclos da emigração caracterizam-se, entre outros aspectos, pela estreita comunicação mantida pelos emigrantes com a sociedade de origem.

Uma das manifestações onde se nota esta forte ligação prende-se com as chamadas "férias dos emigrantes" que, pelo menos desde os anos 70, assumem um carácter familiar. Esta realidade é muito acentuada no Minho, tal como noutras áreas do Norte e do Centro de Portugal.

As férias dos emigrantes representam um tempo de "excepção", tanto na vida dos emigrantes como na dos residentes que os acolhem. É um tempo diferente, rico e complexo, onde muito se joga e vive, com implicações e consequências que não deixam praticamente ninguém indiferente.

É sobretudo durante este período de férias que as famílias de emigrantes, e muito particularmente os descendentes, tomam contacto, mais ou menos ajustado ou iludido, com as realidades da sociedade portuguesa.

Na sequência de um trabalho publicado (Gonçalves, 1991), o presente estudo centrou-se nas vivências e nos intercâmbios que se promovem durante este período de excepção: o que se faz, o que se sente, o que se procura, o que se partilha, o que se troca, como é que tudo isso se processa e acontece. Foi principal preocupação deste trabalho as férias dos emigrantes, os seus comportamentos e experiências, o modo como as concebem e sentem. Passo a destacar alguns aspectos dignos de particular atenção:

- Como se distribuem espacial e cronologicamente as férias dos emigrantes? Têm ocorrido recentemente algumas alterações significativas a este nível?

- Que lugar cabe, prática e simbolicamente, às terras de onde os emigrantes são naturais ou de onde partiram?

- Como se inserem as férias no seu ritmo anual? Como gerem o tempo durante as férias? A relação que mantêm com o espaço é da mesma ordem da que é mantida no estrangeiro?

- Como inscrevem os emigrantes a sua experiência actual em relação ao passado e ao futuro?

- Que aspirações movem os emigrantes em férias? Que práticas e estratégias identitárias os prendem? Quais são, na sua óptica, os marcadores que os identificam? Como se apresentam, o que vestem, e que imagem tendem a transmitir?

- Com que disposições projectam e vivem as férias?

- Até que ponto os seus comportamentos e os seus atributos são consistentes ou incongruentes? Porquê?

- Que mudanças ocorrem nos papéis do homem e da mulher durante as férias?

- As casas são tanto o seu ninho como o seu voo. Como as ocupam? Como as tratam? Que compras fazem para a casa?

- Com quem se relacionam preferencialmente? Com amigos? Familiares? Outros emigrantes?

- As férias dos emigrantes não são apenas um momento de reencontro. São também palco de actualização e emergência de tensões, conflitos e clivagens. Com que lógicas, motivações e resultados?

- Que lugar ocupa na sua vida a religiosidade? Que crenças, celebrações e peregrinações os mobilizam? Como participam nos ritos religiosos, tais como casamentos e baptizados? Que locais de culto elegem para as suas visitas? Como "ajustam as contas com Deus"?

- Quais são os prazeres do quotidiano que mais procuram e apreciam?

- Que locais elegem para as suas compras? Qual a sua relação com o dinheiro?

- Com que ideias, saberes e sentimentos, e representações regressam os emigrantes aos países de acolhimento? Que imagem levam de Portugal? E dos serviços públicos portugueses?

As férias dos emigrantes revestem-se de um cariz familiar. O mesmo acontece com o regresso. Por vezes os pais emigram e os filhos ficam em Portugal ao cuidado de familiares ou de um dos progenitores, normalmente a mãe. Estes jovens estão inseridos numa escola monocultural, onde o ensino é voltado para:

"o aluno (e não a aluna), português, branco, urbano, católico e de classe média ...a escola portuguesa não promove, não aproveita, nem sequer reconhece, a diversidade cultural nela presente" (Stoer, 1992:78).

Os estudos de Maria Beatriz Rocha Trindade evidenciam as dificuldades de inserção dos filhos de emigrantes na escola portuguesa. Neste âmbito, importa considerar o modo como as vivências proporcionadas pelas férias em Portugal marcam os filhos dos emigrantes, acabando por influenciar os seus comportamentos e atitudes actuais.

Pretendo, também, com este trabalho sondar as causas do (in)sucesso escolar, comparando os percursos e as expectativas em relação ao futuro dos filhos de emigrantes e dos filhos dos residentes. Eis algumas questões a focar:

- Como é que as férias dos emigrantes condicionam a visão que os filhos têm de Portugal? Como é que essa visão facilita ou dificulta a sua inserção na escola portuguesa?

- Como se caracteriza o percurso escolar dos filhos dos emigrantes na escola portuguesa?

- Que lugares e trajectos perspectivam os emigrantes para os seus filhos?

- Até que ponto se observam nestes aspectos diferenças significativas entre os filhos dos emigrantes e dos residentes?

- Como variam, na escola portuguesa, os percursos escolares e as expectativas de futuro, em função do género, da origem social e da idade?

- Que diferenças significativas se observam entre os alunos de uma escola rural e outra citadina? Como é que a localização geográfica condiciona as suas perspectivas de futuro?

Tenho a noção de que me limitei ao estudo de dois casos, um em Braga e outro em Melgaço e não pretendo de forma alguma fazer generalizações, apenas contribuir para um melhor conhecimento e, se possível, desvendar novos caminhos na abordagem destas problemáticas.

## **1.2. Os métodos e as técnicas de investigação**

Foi minha preocupação cingir-me às minhas possibilidades, sem prejuízo do rigor científico. O fenómeno das férias dos emigrantes poderá ser estudado em muitos lugares deste país, mas para este estudo selecionei duas localidades: Melgaço e Braga, designadamente as freguesias de Merelim, S. Pedro e S. Paio. São locais onde o fenómeno das férias dos emigrantes adquire uma dimensão considerável e sobre os quais já existem vários estudos. Por outro lado, são locais onde vivo e passo férias, o que me facilita o contacto com a população.

Os métodos usados numa investigação estão estreitamente ligados ao domínio da realidade que se pretende abordar. Depois de definir o objecto a estudar, selecionei as técnicas que considero mais adequadas para proceder à recolha e tratamento da informação necessária a uma pesquisa consequente.

O objecto de estudo poderá dividir-se em duas partes:

a) as férias dos emigrantes, onde usei como ferramentas a entrevista semi-directiva e a pesquisa documental;

b) a inserção dos filhos dos emigrantes na escola portuguesa, onde me socorri do inquérito por questionário e da pesquisa documental.

### **1.3. As férias dos emigrantes: entrevistas**

"La relation vivante avec le monde environnant est à la fois une quête permanente des significations, une sélection et une interprétation des données"

(Mucchielli, 1984: 5)

Um dos objectivos deste estudo é apreender as lógicas e processos sociais, daí a opção por uma amostra intencional, casuística, "em bola de neve", com vários pontos de início. B. Glaser e A. Strauss consideram que a amostragem teórica:

"é o processo de recolha de dados geradores de teoria pelo qual o investigador colhe, codifica e analisa simultaneamente os seus dados e decide que dados necessita recolher posteriormente, de forma a desenvolver a teoria tal como ela emerge" (1967: 45).

Optei pelas entrevistas semi-directivas, havendo um leque de questões abertas previamente definidas, o clima era de liberdade, existindo muitas confidências que embora não estivessem ligadas directamente ao tema das férias contribuíram para me aperceber das vivências, interacções sociais e visões do mundo dos emigrantes.

Foram efectuadas 20 entrevistas a emigrantes em férias em Melgaço Nas freguesias de Merelim, S. Pedro e S. Paio, foram feitas cerca de 20 entrevistas, nos meses de Julho e Agosto, de 2000. Isto permite-me fazer um estudo comparativo em termos de espaço e de tempo.

Depois de delineada a amostragem espacial e temporal, os meses seleccionados para efectuar as entrevistas foram Julho e Agosto, pois é neste período que muitos emigrantes se deslocam a Portugal para gozarem as férias.

Os contactos foram feitos através do reconhecimento dos carros estacionados à porta de casa, que indicam a presença dos emigrantes. Usamos também a ajuda de pessoas amigas,

que nos iam informando dos emigrantes que tinham chegado, e do carteiro, que conhecia as casas da freguesia e nos servia em simultâneo como cartão de visita. Noutros casos os contactos foram-nos indicados pelos próprios emigrantes no decorrer das entrevistas.

Apesar de todas as precauções tomadas para ser bem recebida, desde o cuidado com o vestuário, simples e discreto, a referência a pessoas conhecidas no local, ou na freguesia, tive um caso de recusa com medo de burla ou assalto. No decorrer do trabalho, alguns dos entrevistados, como as questões incidiam sobre as suas férias, evidenciaram desconfiança de lhes estarmos a vender algo, quem sabe umas férias em alguma zona do país...

Em Melgaço, as entrevistas foram efectuadas por uma equipa de investigadores devidamente credenciados. Um dos entrevistadores era estudante do curso de História e Ciências Sociais e o outro Sociólogo. Em Braga foram todas feitas por mim.

A maior parte das entrevistas decorreu em casa dos emigrantes ou de seus familiares. Apenas duas foram feitas em cafés, sendo este o local escolhido pelos entrevistados. Muitas acabaram por ser colectivas, envolvendo-se toda a família na conversa. Mesmo no café, as pessoas presentes acabaram por intervir, sendo alguns deles ex-emigrantes, com opinião formada sobre os assuntos versados.

Houve um caso, um luso- descendente radicado no Canadá, que não gostou muito do tratamento de "emigrante", o que nos levou a modificar a terminologia para "turista", tornando-se desta forma a conversa mais agradável e fluente. Outros emigrantes aludiram ao facto de esta palavra ser conotada com um sentido negativo pelos portugueses residentes em Portugal. Este assunto será retomado mais à frente.

Fomos sempre bem recebidos. O micro- gravador depressa era esquecido. Gerou-se um clima de verdadeira empatia semeado de confidências. Era como se há muito tempo esperassem alguém para contar as suas histórias de férias e o seu relato de vida: *"Eu estou a falar, a falar e está a gravar, num me lembrava..."* (Prazeres, Merelim, 26/7/2000). Este ambiente permitiu que ao longo da entrevista nos fossem oferecidos sumos, chã, ou outras bebidas.

Finalmente optei por transcrever integralmente todas as entrevistas, trabalho que preferi ser eu própria a fazer, para tomar um contacto mais profundo com o conteúdo. Penso

que foi uma opção frutífera, na medida em que me permitiu conhecer minuciosamente o *corpus* e delinear as categorias para a análise de conteúdo.

#### **1.4. As férias dos emigrantes: a análise de conteúdo**

A técnica de análise de conteúdo dos discursos não é recente. O trabalho sobre os emigrantes polacos, de Florian Znaniecki e William I. Thomas (1974), foi marcante no desenvolvimento da análise de conteúdo.

Hoje em dia a análise de conteúdo pode definir-se da seguinte forma:

"Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (Bardin, 1979: 42).

Partindo das entrevistas efectuadas aos emigrantes, funcionando estas como o conjunto de materiais sobre os quais versa a análise, passei a um segundo passo que foi de "pôr em evidência a respiração de uma entrevista..."(Bardin, 1979: 31).

Estabeleci categorias, que se foram alterando à medida que decorria a investigação. Segundo Gonçalves, (1998: 52):

"É através das categorias que se processará a classificação das unidades em consonância com os objectivos da investigação".

As categorias obedeceram às regras da homogeneidade, exaustividade, exclusividade, objectividade e pertinência face aos objectivos da investigação. Depois das categorias definidas:

"il reste à préciser leurs indicateurs, c'est-à-dire ce à quoi on peut reconnaître objectivement la présence ou l'absence de la catégorie" (Mucchielli, 1984: 37).

Efectuei uma grelha que me permitisse uma leitura longitudinal e transversal das entrevistas. Queria em primeiro lugar apreender o conteúdo de cada entrevista em si mesma, como uma totalidade, em segundo lugar verificar a dinâmica e a organização dos temas

extraídos dos discursos organizados em categorias, entender como esses temas se sobrepunham, cruzavam ou segmentavam, e por último, compreender como as diversas categorias se relacionavam entre si.

Declinei uma análise quantitativa. Para além das informações facultadas pelas entrevistas, procurei sondar as próprias lógicas e dinâmicas do discurso. Importava, assim, registar as defesas, as rupturas, as hesitações. Por isso complementei as entrevistas com um "diário de campo" onde, no final, apontava as observações consideradas mais importantes.

### **1.5. A inserção dos filhos dos emigrantes na escola portuguesa: inquérito**

Quando iniciei este estudo pretendia administrar o questionário apenas aos filhos de emigrantes que se encontrassem a fazer os seus estudos na escola portuguesa.

Conhecendo de perto a realidade das nossas escolas, pensei, porém, que ao limitar-me apenas aos alunos filhos de emigrantes, corria o risco de os discriminar e rotular perante os colegas de turma. Por outro lado era quase impossível administrar pessoalmente todos os questionários aos alunos. Essa tarefa seria delegada no Director de turma. A experiência ensinou-me que enquanto os filhos de emigrantes preenchessem o questionário os colegas iriam dar opinião, fazer brincadeiras, etc. Uma forma de contornar esta situação foi administrar o questionário à globalidade dos alunos da turma. Assim estariam todos ocupados, preocupando-se cada qual com a sua tarefa. Por outro lado, pareceu-me oportuno e promissor comparar as expectativas de futuro e o percurso escolar dos alunos filhos de emigrantes, com os dos residentes.

A administração dos questionários foi efectuada com a colaboração do Conselho Executivo e dos Directores de Turma de cada escola. Para conseguir um maior envolvimento, procurei que os resultados do inquérito fossem relevantes para a escola. Ao abordar os percursos escolares e as expectativas dos alunos em relação ao futuro, e ao abranger todos os alunos da escola, o inquérito proporcionaria resultados importantes, quer para a elaboração do projecto educativo, quer para um melhor conhecimento da realidade escolar.

As escolas seleccionadas para a administração do inquérito foram a Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclos de Real e a Escola Secundária de Melgaço. Foram contemplados os

alunos entre os 5º e o 9º anos de escolaridade. Ambas as escolas se situam nas áreas onde foram efectuadas as entrevistas aos emigrantes em férias. A amostra foi exaustiva.

O inquérito foi aplicado entre Março e Maio de 2001. Os alunos responderam na sala de aula com o acompanhamento do Director de Turma.

O questionário começou a ser concebido já em anos lectivos anteriores, uma vez que nas escolas onde leccionei me deparei muitas vezes com filhos de emigrantes. Fui apontando provisoriamente questões que considereei pertinentes para o estudo. Por outro lado, tive ensejo de participar no Projecto Citânia, nos anos lectivos de 1998/99 e 1999/2000, promovido pela Universidade do Minho, quando leccionava na Escola do Ensino Básico 2º e 3º ciclos de Briteiros, o que me permitiu participar, primeiramente, na elaboração de um questionário administrado a todos os alunos da escola e, em seguida, no respectivo tratamento das respostas.

A listagem de perguntas a considerar constituiu o trabalho base para, posteriormente eliminar umas e acrescentar outras. A linguagem usada mereceu particular cuidado:

"Um dos principais desafios para qualquer técnica assente na informação verbal reside na própria questão da linguagem. Um inquérito raramente visa uma população linguisticamente homogénea" (Gonçalves, 1998: 67).

O facto de durante muitos anos ter trabalhado com jovens da mesma idade que os alunos a inquirir contribuiu para me familiarizar com a sua linguagem, sobretudo com as dificuldades por eles sentidas. Tentei, durante a redacção do inquérito, usar uma linguagem que me aproximasse dos alunos, ao nível dos seus códigos linguísticos e das suas categorias mentais.

Antes da redacção definitiva do questionário efectuei um pré-inquérito, na Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclos de Gualtar, a cerca de 60 alunos do 5º e 9º ano de escolaridade. Esta escola foi seleccionada por ser uma escola de semi-periferia, mas também por motivos de ordem prática atinentes à sua fácil acessibilidade. Verifiquei que o questionário levava cerca de 20 a 30 minutos a ser preenchido, com os alunos filhos de emigrantes a expressar que tinham de escrever mais que os outros, tendo que responder a uma parte específica do questionário composto por um maior número de questões abertas.

No pré-inquérito comprovei que na questão 12, "Onde costumavas estudar?", os alunos solicitaram a possibilidade de responder "em mais que um lugar". Alguns alunos, sobretudo os mais novos, não vislumbravam qualquer diferença entre a questão 15 ("Que profissão pensas que vais ter no futuro?") e a 16 ("E que profissão gostarias de ter no futuro?"), o que não sucedia com os alunos mais velhos. Por esta razão entendi carregar as palavras "pensas" e "gostarias", consciente, contudo, de não resolver completamente o problema. Entre outras razões, os mais novos ainda não possuem uma clara consciência das dificuldades que existem para se alcançar determinados objectivos, enquanto que os mais velhos já se apercebem que nem sempre é possível atingir o que sonhamos.

Na questão 17 muitos alunos sublinhavam todos os aspectos, e não apenas dois, como lhes era pedido, o que me levou a carregar o pedido e acrescentar a palavra "apenas" para evitar a multiplicação dos itens mencionados. Antes de passar à redacção definitiva, submeti o questionário à opinião de pessoas de várias especialidades, de forma a afiná-lo e a torná-lo o mais cativante e agradável possível para os inquiridos.

Durante a administração do questionário, deparei com uma realidade cada vez mais presente na sociedade portuguesa: os filhos de imigrantes são porventura, sobretudo do leste europeu. Embora tivesse mantido um contacto curto com alguns, comprovei, através do Director de Turma, que tinham alcançado um domínio satisfatório da língua portuguesa. Trata-se porém de uma realidade que deverá merecer, no futuro, maior atenção e estudo aprofundado.

Consegui recolher, na escola do Ensino Básico, 2º e 3º ciclos de Real, 757 questionários. Ficaram, todavia, por recolher os correspondentes ao 6ª G, com 33 alunos e a generalidade das turmas do 7º ano, com 239 alunos. Estes questionários foram extraviados, e não houve recuperação possível. Na escola Secundária de Melgaço foram recolhidos todos os questionários administrados aos alunos do 2º e 3º ciclos, num total de 403. As respostas obtidas foram introduzidas no computador, com recurso ao programa Statview, versão 4.5. Foi um trabalho moroso. Como existiam várias questões abertas, sobretudo para os filhos dos emigrantes acerca das suas vivências de férias em Portugal, acabou todavia por se manifestar útil e proveitoso na aproximação aos seus discursos e, sobretudo, aos seus (des)gostos.

## Capítulo II - Enquadramento teórico

### 2.1. Dualidade tempo livre/ lazer

Na Grécia Antiga o lazer estava reservado ao grupo dos cidadãos, maiores de 18 anos e do sexo masculino. Nessa sociedade, é mais correcto falar-se de ócio, a-scholé, do que de lazer. Durante séculos, o "lazer" e o "ócio" foram apanágio dos privilegiados, como foi o caso dos cidadãos na Grécia Antiga ou os grupos aristocráticos no século XVI. Segundo Sebastian Grazia, o lazer era próprio de determinadas categorias sociais como os pensadores e os músicos, que acediam a um certo estado de alma e conseguiam a "elevação da mente". (Grazia, 1962).

Para a maioria da população, nas sociedades pré-industriais, o tempo "livre" era resultado, por exemplo, do mau tempo, impeditivo do desempenho das actividades agrícolas. Era algo que não dependia da vontade própria, mas de um malefício. Não era fruto do desejo, mas da fatalidade.

Para além destes períodos incertos de não trabalho, existiam os dias feriados, sancionados pela Igreja.

Com o advento da Revolução industrial, acentua-se o êxodo rural na maior parte dos países da Europa. Nas indústrias, onde o ritmo trabalho/ descanso quase não existe, o trabalho estava subordinado ao objectivo da produção máxima. A classe burguesa, em ascensão, desprezava os lazeres, considerados um parasitismo social.

No século XIX, faz-se a apologia da produção e da acumulação. O tempo livre e o lazer incitavam ao consumo, que era contrário aos valores então predominantes. O lazer conduz ao ócio e a comportamentos desviantes, ambos combatidos pela moral rígida do trabalho.

Em 1884, Lafargue escreveu o livro "O direito à preguiça", onde, considerando o lazer como um privilégio que permanecia reservado à classe burguesa, incita os operários a reivindicar também para si o direito ao lazer, e a igualdade perante o trabalho. Os operários vão conquistando algum tempo livre, mas apenas nos limites requeridos para reposição da força necessária para dar continuidade ao trabalho.

Marx, por sua vez, não analisa o lazer de forma autónoma, mas como um valor em si, mas como algo intrinsecamente ligado ao trabalho, este sim um conceito fundamental na sua obra.

A Revolução industrial introduziu uma mudança radical nos ritmos de trabalho e uma nova redistribuição do tempo social. As fronteiras entre tempo livre e tempo de trabalho acentuam-se, ao mesmo tempo que se desenvolve uma grande indústria de atracções e diversões populares.

Desde meados do século XIX, na maior parte dos países da Europa ocidental, a Igreja e o Estado preocupam-se em controlar e disciplinar a ocupação dos lazeres das classes populares. O tempo livre e, sobretudo, o ócio, era visto como o "pai de todos os vícios". Sendo as classes populares encaradas como potencialmente perigosas, convinha não as deixar entregues a si mesmas, nem deixá-las dar livre curso aos seus ímpetos durante o ócio. Conjugam-se esforços para os tornar úteis, educativos e pacificadores.

Organizam-se excursões, passeios familiares e piqueniques; promovem-se associações, clubes e comissões; multiplicam-se as festas, em meio rural e urbano, com desfiles, paradas, fogos de artifício, e decoração das ruas; espectaculariza-se a tradição, a cultura popular; incentiva-se o desporto, as competições e os concursos; recomenda-se o contacto com a natureza, com o sol; valorizam-se as actividades ao ar livre; salientam-se as virtudes da jardinagem e dos trabalhos manuais (e. g. os labores). Importava encher convenientemente os tempos livres dos cidadãos, proporcionar-lhes distrações sãs e agradáveis, passíveis de os afastar do vício, do alcoolismo, do crime e das outras tentações demoníacas, porventura atentadoras da boa ordem burguesa. Importava que os lazeres tivessem um carácter utilitário, pedagógico e disciplinador, com o objectivo de formar e enquadrar o bom operário, imbuído de espírito cívico, cumpridor das suas tarefas cívicas e laborais.

Após a Primeira, e sobretudo a Segunda Guerra Mundial, o lazer e o consumo tendem a conjugar-se cada vez mais, começando a proliferar os espaços e os tempos que combinem ambos. As férias tornam-se uma realidade notável na maior parte dos países europeus. Como o sublinha Alain Corbin, o uso do tempo livre modifica-se, demarcando-se progressivamente o tempo de trabalho do "tempo para si":

"Par la suite, la distribution des temps sociaux se modifie profondément. Le travail à la tâche cède, peu à peu, à celui qui est défini par le temps qu'il occupe. Le fossé s'approfondit, qui sépare l'intérieur du foyer domestique du lieu de travail. La semaine se partage, de plus en plus consciemment, entre le temps pour soi et le temps destiné au patron. En bref, une découpe du jour en séquences spécifiques en vient briser l'harmonie des rythmes antérieurs." ( Corbin, 1995 :14).

No final dos anos 30, o tempo fora do trabalho tende a distanciar-se do tempo para apenas para repor as forças e eliminar a fadiga. Ultrapassa-o, passa a ser um tempo para si. O tempo livre emancipa-se, assim, da subordinação ao trabalho, permite aos trabalhadores fazer um uso desse tempo de forma a promover a sua identidade, cultivar o espírito, fomentar sociabilidades e a refazer-se pessoalmente:

"Cette notion de temps personnel aide à la lecture comprehensive de l'autodidaxie et de certains des éléments de la "culture du pauvre"; nous les verrons à propos de la pêche à la ligne, du jardinage et du bricolage. L'essor du temps pour soi a contribué, dans ces milieux, à la création de nouveaux rapports sociaux"( Corbin, 1995 :17). Nos anos 60 fala-se mesmo da "civilização dos lazeres", que viria a substituir a sociedade prometeica da Revolução industrial baseada no trabalho. Esta profecia não veio, porém, a realizar-se e o homem pós-industrial não se libertou do trabalho. Não obstante, o tempo do não trabalho continuou a aumentar.

Foi, sobretudo, a partir dos anos 70 que o estudo científico do lazer se autonomizou e intensificou.

Num livro publicado em 1899, Veblen (1970) considerava o lazer como uma categoria que só se aplicava a determinados os grupos sociais, precisamente aqueles que viviam na ociosidade. O tempo de ócio era privilégio de uma aristocracia, "a classe dos lazeres", que se demarcava dos outros grupos sociais, que estavam permanentemente sob o jugo do trabalho e não possuíam qualquer tempo livre. A burguesia, apesar de fazer a apologia do trabalho, tende a imitar a aristocracia, adquirindo produtos e adoptando práticas apenas para mostrar o seu poder económico. Entrega-se ao "consumo ostentatório". De Veblen podemos retirar dois ensinamentos: 1) O lazer é um marcador social e um símbolo de classe. 2) o lazer traduz-se no consumo de certos objectos, não imediatamente utilitários, mas que em princípio proporcionam novas satisfações.

A Escola de Frankfurt considera o lazer como um segmento da sociedade capitalista, é algo manipulado pela indústria da cultura. Esta escola teve o factor positivo de iniciar análises de conteúdo em temas como a música, como no caso de Adorno.

Para Joffre Dumazedier, a ociosidade dos filósofos da Grécia Antiga e a dos aristocratas da Idade Média não pode ser associada ao conceito de lazer, porque não está intimamente ligada à experiência do trabalho. Em Dumazedier o lazer pressupõe a sua existência. O lazer surge nas sociedades pós - industriais enquanto tempo oposto ao

tempo de trabalho. Tempo livre, certamente, mas nem todo o tempo livre é tempo de lazer. O lazer corresponde ao tempo para si:

"Onde reside a força central de atracção deste fenómeno, quaisquer que sejam as formas de que ele se revista: férias, repouso, divertimento, recreação, entretenimento, fins de semana, passeios, esportes, espectáculos, bate-papos, viagens de recreio, televisão, teatro, música, bailes, autodidaxia, bares, PMU, jogos de cartas, jogos amorosos e até mesmo "drogas de embalo", etc.? Esta força central de atracção que se afirma através de actividades é - conforme pensamos - uma nova necessidade social do indivíduo a dispor de si para si mesmo" (Dumazedier, 1979: 56 - 57). Este autor orienta o tempo de lazer para a realização do sujeito como fim último, considera que o tempo de lazer comporta quatro propriedades: 1) uma propriedade libertadora ou de discricionariedade, porque resulta de uma escolha livre; 2) um carácter desinteressado, pois não está subordinado a um fim lucrativo ou outro fim; 3) um carácter hedónico, pois o lazer é marcado pela busca de satisfação; 4) um carácter pessoal, correspondendo as funções do lazer a necessidades individuais. Dumazedier considera que nas sociedades modernas existem quatro diferentes períodos básicos de tempo de lazer: 1) o lazer do fim do dia; 2) o lazer do fim de semana; 3) o lazer anual (as férias); 4) o lazer do fim da vida activa (a reforma).

Na perspectiva de Roger Sue, o lazer é uma atitude psicológica, um determinado estado de espírito, independentemente das actividades que realizamos: "Au pluriel, les loisirs désignent ces activités librement choisies en fonction des goûts et aspirations de chacun. Même si certaines activités prédominent (sports, voyage, télévision), la gamme dépend des motivations de chaque individu" (Sue, 1980: 3).

J. Clarke. e C. Crither, C. (1985 ) insistem no facto de o lazer consistir numa actividade cada vez mais ligada às actividades capitalistas, largamente mercantilizada e controlada pelo Estado.

Chris Rojek (1985) insere as práticas de lazer nas relações de poder e dominação. Por um lado, os dominados têm a capacidade de transformar os produtos e os valores que lhes são oferecidos pelos grupos dominantes. Por outro lado, as classes dominantes apropriam-se dos bens provenientes das classes dominadas, transformando-os, o que é visto muitas vezes, por um efeito de ilusionismo social, como uma "vitória" das classes trabalhadoras no campo cultural.

Erving Goffman considera que os "action places" são espaços onde os indivíduos experimentam temporariamente sentimentos e valores diferentes dos considerados

normais, dando azo a uma "suspensão da normalidade" para que a sociedade continue a funcionar. Para aliviar tensões, todas as sociedades propiciam momentos em que uma transgressão é possível.

Norbert Elias e Eric Dinning (1992), consideram que na esfera profissional somos obrigados a ter comportamentos civilizados, mas que existe em nós a necessidade de ter válvulas de escape que se encontram no lazer, em actividades de jogo ou miméticas, que combinam a emoção e a excitação de forma segura.

Na mesma linha de pensamento, Mikhail Bakhtin, fala-nos da festa dos loucos em França, instituída no início do cristianismo e prolongada pelo menos até ao século XV, que tinha como objectivo servir de válvula de escape: "a fim de que a tolice (a bufonaria), que é a nossa segunda natureza e parece inata ao homem, possa ao menos uma vez por ano manifestar-se livremente. Os tonéis de vinho explodiriam se de vez em quando não fossem destapados, se não se deixasse penetrar um pouco de ar. Nós os homens, somos tonéis mal-ajustados que o vinho da sabedoria faria explodir, se encontrasse sempre a incessante fermentação da piedade e do temor divino. É preciso dar-lhe ar, a fim de que não se estrague. Por isso permitimo-nos alguns dias de bufonaria (a tolice), para em seguida regressar com duplicado zelo ao serviço do Senhor"<sup>3</sup>.

Segundo Norbert Elias e Eric Dunning, no lazer experimentamos sentimentos fortes, os mesmos da vida quotidiana, só que vividos de forma mais intensa. A função do lazer é de criar tensões, emoções fortes, extraordinárias, necessárias para manter o nosso equilíbrio. O lazer quer-se excitante. Na sociedade em que vivemos são poucos os momentos em que podemos demonstrar sentimentos fortes. Até as nossas vidas privadas são cada vez mais sujeitas a controle e auto-disciplina.

No século XX, observa-se uma crescente mercantilização das actividades de lazer. Aos primeiros viajantes e aventureiros sucederam-se os turistas, os guias turísticos, as viagens em grupo.

Em seu redor, desenvolveu-se uma verdadeira indústria. O Turismo proporciona-nos vivências em que experimentamos sentimentos, comportamentos e sensações diferentes das do quotidiano. É a busca da evasão e da novidade que move o

---

<sup>3</sup> Esta apologia figura na carta circular da Faculdade de Teologia de Paris, de 12 de Março de 1444, que condena a festa dos loucos e refuta os argumentos expostos por seus defensores, in Bakhtin, 1987: 65.

turista. Nestas práticas procuramos novos elementos de identidade, elementos esses que são frágeis, pois só perduram durante um certo tempo e um certo espaço:

"Dans la société de loisirs, c'est mon pas qui mesure la quasi-totalité des activités; le village offre le retour à un espace où le temps de marche permet une participation complète à la vie sociale. Le temps est court: son rôle est réduit. L'espace est long: c'est lui qui sert de cadre à la richesse des activités; il est la mesure de toute chose" (Raymond, 1035-1036.)

A esfera do lazer não é autónoma e independente das restantes esferas sociais. O lugar que se ocupa na hierarquia social, sobretudo o género de trabalho que se executa, condiciona as escolhas e as práticas de lazer.

## 2.2. Tempo de lazer na cultura popular

Por que razão os emigrantes estão inseridos ou são excluídos de certos lazeres e práticas sociais?

Segundo Norbert Elias, "o processo civilizacional", acelerado sobretudo a partir do século XVI, moldou os indivíduos no sentido de um maior auto - controle, havendo um movimento de auto-contenção e polimento dos hábitos e dos costumes. O processo civilizacional parte das classes superiores para progressivamente, se difundir às inferiores.

A partir da sociedade de corte, em pequenos círculos e no sentido do resto da sociedade, desenvolveram-se aversões e repulsas designadamente face a práticas de violência e falta de decoro. Este processo vai dar uma crescente diferenciação e complexificação dos modos e estilos de vida.

As actividades de lazer vão diferenciar-se conforme os grupos sociais. Por exemplo, locais pensados sem interesse para as classes dominadas tornam-se apetecíveis quando frequentados pelos grupos dominantes. As praias que começaram no século XIX a ser frequentadas com fins terapêuticos pela aristocracia, vão aos poucos, ser invadidas, no século XX, pelo turismo de massas, incluindo os emigrantes. Um exemplo é Vila Praia de Âncora, no Norte. Esta praia, nos anos 70, era frequentada, essencialmente, por uma elite oriunda sobretudo das cidades e concelhos do Norte. Actualmente está completamente "invadida" por outros grupos sociais, onde se incluem muitos emigrantes. A própria fisionomia da Vila mudou. Cresceu, e agora abundam os apartamentos, os restaurantes, os comércios, as discotecas, os néon, etc.

No decorrer do século XX, os lazeres elitistas vão assumir novas formas, empreendendo estes grupos sociais estratégias de distanciação, nascendo uma espécie de "aristocracia" internacional, cosmopolita, que frequenta ilhas artificiais, desportos extremamente caros e inacessíveis para a maior parte das pessoas. São práticas distintas e distintivas, que significam afinidades e distâncias sociais (Pierre Bourdieu).

Apesar do acesso a bens e serviços de lazer se ter democratizado, continua condicionado pelo capital económico e cultural, por exemplo o turismo histórico e rural, mais provável entre os membros das classes mais providas em capital cultural. Em contrapartida, a maioria dos emigrantes está excluída desta modalidade de turismo.

O lazer que aspira romper com o quotidiano, tal como o definiu Norbert Elias, está predominantemente inserido nas práticas da classe média possuidora de capital cultural. Pretendem extravasar o normal, partir para o desconhecido, andar "fora da ordem", experimentar sentimentos pouco comuns. O risco, e, sobretudo a violência, tendem a ser reduzidos ao mínimo, num quadro de agradável sensação de segurança, sem transgressão efectiva.

Conscientes de que a prática de certos lazeres está associada a determinados grupos sociais, Bourdieu e Alain Darbel (1969) falam-nos na dificuldade em alargar o público dos museus e exposições. Procuram, nesta obra, demonstrar que a maior ou menor apetência pela frequência de museus e de acontecimentos culturais, o "amor pela arte", depende pouco dos níveis de rendimentos ou dos índices de propriedade económica. Não é tornando os museus economicamente mais acessíveis, ou até com entradas gratuitas, que se consegue aumentar a afluência de público a estes espaços culturais, porque os factores condicionantes são de outra ordem, nomeadamente cultural e simbólica. As pessoas não vão aos museus porque carecem dos códigos e da competência necessárias para captar o interesse e o valor das obras de arte. Este valor atribuído a certos objectos é produto da sabedoria e do interesse cultivados, desde muito cedo, no seio das classes dominantes em termos culturais. O que condiciona a probabilidade de ir aos museus é o capital cultural, mais precisamente o capital escolar dos pais e, sobretudo, da própria pessoa. O "amor da arte" cultiva-se, primordialmente, na família, em casa, e na escola. O próprio modo como os museus estão concebidos e organizados, contribui para acentuar a dicotomia entre público legítimo, composto pelos "iniciados", e público "bárbaro", o dos "intrusos" e excluídos do "mundo da arte". Enquanto que uns se sentem à vontade num ambiente normal de museu, os outros sentem que estão a entrar num terreno que lhes é alheio. Esta exclusão daqueles que têm "gostos bárbaros" não provém apenas da forma como funcionam os museus, mas da sua consonância com os fundamentos e disposições incorporados ao longo dos anos, praticamente desde a nascença. Os esquemas com que apreciam as obras de arte resultam "impróprios" e, são portanto, incapazes de lhes fazer justiça. Esta circunstância, que, por sua vez, anula o seu potencial de prazer. Este "realismo" leva-os a privilegiar o conteúdo e não a forma, a mensagem moral e não a estética, o que é extrínseco à obra, e não o que lhe é intrínseco. Encaram a obra com um espírito de artesão: ela não vale pela inspiração, pela originalidade... mas pela quantidade e qualidade do trabalho que requereu. Num estudo de uma exposição, bastante frequentada pelas classes populares, comprovou-se que o quadro que mais os cativava era precisamente aquele que apresentava uma vaca em tamanho real, pintada com traços

naturalistas. Ao contrário dos que detêm a competência estética e demais códigos de leitura apropriados, aqueles que são caracterizados por um "gosto bárbaro" não possuem os esquemas de classificação, percepção e avaliação ajustados, os únicos capazes de fazer da obra de arte aquilo que ela é: uma obra de arte.

Na frequência dos museus, bem como noutras actividades, acentua-se uma dicotomia entre "alta cultura", a cultura legítima, e "baixa cultura", a cultura popular. Nesta cultura insere-se a maior parte dos emigrantes.

Nos anos sessenta e setenta, as férias dos emigrantes eram menos um tempo para si e mais um tempo para os seus e para a realização de obrigações sociais e pessoais, entre as quais cuidar da sua identidade e imagem na sociedade de origem. As férias evoluíram no sentido de aumentar efectivamente o tempo para si, o tempo de lazer propriamente dito, e de diminuir o tempo em função dos outros, o do dever.

Combatendo um pouco o determinismo deste estudo de P. Bourdieu e A. Darbel, Margarida Faria (...) defende que os públicos dos museus se têm vindo a alargar, graças ao que Norbert Elias designou por "processo de democratização funcional". Certos grupos sociais entram nos museus porque sofreram os efeitos de "um processo civilizacional". A ideia de civilização, tal como a concebe Norbert Elias, pode considerar-se que surgiu durante o século XVI, com Erasmo de Roterdão no seu tratado "Da civilidade dos costumes das crianças", publicado em 1530. A noção de civilização foi-se repetindo nas inúmeras edições que esta obra conheceu. O seu principal objectivo é dar "instrução" aos homens sobre o seu comportamento em sociedade, confrontando-os constantemente com comportamentos a evitar, que qualificaríamos, actualmente, como "bárbaros" ou "incivilizados". O autor considera que foi durante o "Renascimento" que o homem começou a ser intensa e sistematicamente induzido a ter mais autocontrolo sobre si próprio, a tornar-se mais contido e comedido, a evitar atitudes e comportamentos grosseiros e violentos. As correcções de comportamento, são exercidas cada vez mais por coacção interior e não exterior. Nos nossos dias persiste a luta no homem entre "as manifestações pulsionais promissoras de prazer com as interdições e restrições, com sentimentos sociogénicos de pudor e repugnância que prometem o desprazer" (Elias, 1989: 226). O prazer "manifestamente activo" é transformado em "prazer para a vista", "o homem civilizado só toca com os olhos". Os detentores da "cultura legítima", habituados às "catedrais da cultura", tendem a "tocar" apenas com o olhar, ao contrário das classes populares, cujo "toque" passa ainda, em grande medida, pelas mãos. Sem prévia civilização, no sentido atribuído à palavra por Elias, sentem-se "excluídos" de inúmeros locais, incluindo os públicos.

Por outro lado, todos conhecemos locais, como certas praias, pinhais, centros comerciais, supermercados, restaurantes, estradas, etc... que são evitados pelos grupos "detentores da cultura legítima" em determinadas épocas do ano, ou mesmo em certos dias da semana, por sentirem que estão a ser "invadidos" por grupos socialmente considerados menos "civilizados" como, por exemplo, os emigrantes. Em ambientes próprios da cultura popular, onde se inclui a maior parte dos emigrantes, tudo é mais ruidoso, mais barroco, mais "incivilizado", aos olhos dos detentores da "cultura legítima, como afirma Richard Hoggart: "As classes proletárias têm uma preferência marcada pelo "barroquismo" (expressão que não deve ser interpretada no sentido histórico), como Miss Lambert e miss Marx o disseram já. Gostam da exuberância, da abundância generosa, de tudo o que pelo seu colorido ou plétora, sugira esplendor e riqueza" (Hoggart, 1973: 172).

A imagem da cultura popular, oposta à cultura "oficial" e legítima, é associada por Bakhtin à cultura do "riso carnavalesco". Há uma subversão ritual popular, com o corpo grotesco, disforme, o excesso de comida, a bebida inebriante, a promiscuidade, que se opõe ao "cânon clássico", corporal e estético, com as suas maneiras "civilizadas". É como se D. Quixote e Sancho Pança estivessem em constante fricção e não conseguissem, ao contrário do livro de Cervantes, coexistir pacificamente. Bakhtin considera a cultura carnavalesca como uma visão do mundo e uma experiência que nos possibilita renascer através do riso, ao mesmo tempo que a cultura dominante é corroída.

A cultura popular desenvolve estratégias de resistência em relação às classes dominantes e aos ventos de mudança: "Não se trata de uma força de resistência passiva, mas antes de algo que, se bem que inconsciente, pode ser considerado como positivo. As classes proletárias possuem em elevado grau a faculdade natural de resistirem à mudança, adaptando ou assimilando, nas novidades, aquilo que lhes interessa, e desprezando tudo o resto" (Hoggart, 1973: 40).

### 2.3. As férias. Breve panorâmica histórica

No final do século XIV, as palavras inglesa *vacation* e francesa *vacances* significavam a interrupção de uma actividade, era sinónimo de um tempo de repouso. No século XV, estas palavras aparecem-nos ligadas a determinados períodos do ano em que eram interrompidas as actividades das escolas, universidades e tribunais. No século XIX, *O Larrousse*, (Grand Larrousse de la langue française, Paris, Larrousse, 1978, t. 7, p. 6359) define as férias como a "estadia que se faz no campo para distração". Em França existia o hábito, nos meios aristocráticos e entre os homens de negócios que ficavam por longas temporadas em Paris, de passarem os meses de Verão no campo, nos seus palácios e solares.

No final do século XIX, a mudança de ares com fins terapêuticos, era aconselhada pelos médicos, sendo estes períodos de férias encarados como uma medicação. Contra a tuberculose receitavam-se longas estadias nas montanhas, vejam-se os exemplos de Hans Castorp e seu primo Joachim no romance a "Montanha Mágica" de Thomas Mann. O turismo e a preocupação médica andavam de mãos dadas. Estes lugares não se confinaram apenas aos fins terapêuticos, eram frequentes os bailes, os concertos, os passeios, os galanteios, os jogos, etc. Ao mesmo tempo que se fazia a cura médica, havia um tempo dedicado a si próprio (Rauch in Corbin, 1995). A reputação destes locais cedo se espalhou e atraiu novos grupos sociais.

A burguesia que procurava reconhecimento social, rapidamente imitou a aristocracia e alugou casas de campo ou aposentos em hotéis para gozar as suas férias. Os habitantes das cidades que não tinham a possibilidade de passar longas temporadas no campo adquirem o hábito de o fazer ao domingo. Nos meses de mais calor, partia-se para banhos de mar, para os campos ou para as termas. Nas cidades ficavam aqueles que não o podiam fazer. O facto de se frequentar espaços da natureza era um elemento de distinção social.

Nas sociedades tradicionais, o povo tinha os seus momentos de ócio enquadrados nas actividades normais. Existia um grande número de dias feriados normalmente associados a festas religiosas, que foi diminuindo ao longo do século XIX, na maior parte dos países Europeus. No quotidiano, os momentos lúdicos estavam

inseridos nas actividades produtivas, as festas eram marcadas pelos ciclos da agricultura e pela Igreja que muitas vezes tentou disciplinar o seu pendor profano. A separação entre tempo de trabalho e tempo de ócio não era clara.

Com a Revolução Industrial, o homem submete-se cada vez mais à máquina, os ritmos de vida aceleram-se e o trabalho cadenciado e supervisionado impõe uma entrega e concentração permanentes, o que criou a necessidade de inventar novas formas de descanso, para além da esfera da produção, que permitissem renovar as forças de trabalho. Charlot, no filme "Tempos Modernos", ilustrou bem a mudança de ritmo e de estilo de vida que a industrialização impôs. As primeiras conquistas de férias pagas foram concedidas graças ao reconhecimento da necessidade de eliminar a fadiga e de repor energias.

À medida que a Revolução Industrial avança, o patrão tenta moralizar os seus trabalhadores de forma a abandonarem muitos dos jogos e diversões populares tradicionais, encarados como um entrave ao progresso e ao desenvolvimento. O bom operário bebia com moderação, era pontual e cordato. As classes populares deveriam aprender a disciplina e a sobriedade, os seus tempos livres tinham de ser vigiados e disciplinados.

Por exemplo, os períodos de tempo fora do trabalho do jovem aprendiz eram regulamentados pelo mestre:

"Tabernas e cervejarias não frequentará; dados, cartas ou quaisquer outros jogos proibidos não jogará; fornicção com quaisquer mulheres não cometerá; matrimónio com qualquer mulher não contrairá. Não se ausentará quer de dia quer de noite sem licença do mestre, mas será um verdadeiro e fiel criado" (Laslet,1975: 23).

No final do século XIX, num contexto em que proliferavam os acidentes de trabalho, e as doenças, sobretudo a tuberculose, assolavam os trabalhadores, os estudos sobre os limites do cansaço físico e intelectual começam a surgir:

"À partir des années 1870, une estimation plus précise de la résistance des muscles et du cerveau, un calcul plus stret des besoins et des limites de l'individu suggèrent une redistribution des usages du temps" (Corbin, 1995: 275).

O Reino Unido foi pioneiro no que concerne a "conquista de tempos livres" (Corbin, 1995). Desde 1836 que o Comité da cidade de Pudsey mobiliza os cidadãos para lutar pelo aumento do tempo fora do trabalho: "L'objet de la rencontre est d'obtenir du temps pour le repos et pour le jeu (...), pour l'éducation littéraire par des écoles du soir et, surtout, pour l'instruction religieuse des ouvriers" (Provonost,,1983: 18).

Ao mestre vai suceder o patrão e a Igreja na regulamentação dos tempos livres das classes populares. No final do século XIX, aparecem as organizações de beneficência (colónias, campos e centros de férias), de forma a abrir aos pobres a oportunidade de fazer férias. Nestas iniciativas predomina o colectivo e não o indivíduo, a solidariedade e não o privado.

Em Inglaterra, instituem-se, desde 1847, as dez horas e o meio dia de sábado livre de trabalho para as mulheres e as crianças operárias da indústria têxtil. Em 1833, Robert Owen reclama a dia de trabalho de 8 horas. Em Julho de 1889, em Paris, durante a *II Internacional*, o congresso socialista adopta a ideia do 1º de Maio internacional, para reivindicar o dia de trabalho de 8 horas. No início do século XX o descanso dominical triunfou por quase todos os países da Europa, em parte graças à acção da Igreja Católica e Protestante.

No período que antecede a Revolução Industrial, o local de trabalho e o de lazer estavam intimamente ligados, coabitavam no mesmo espaço e no mesmo tempo. Como refere Peter Laslett (no seu livro *O mundo que nós perdemos*), "os assalariados de ambos os sexos tinham uma posição familiar específica no seio da família, fazendo parte dela tanto quanto os filhos, mas não exactamente na mesma posição" (Laslett, 1995: 23).

No início do século XX ainda encontramos, em França, muitas situações em que o patrão assume ainda uma faceta paternalista, de senhor, e os operários o papel de criados. Eram muitos os operários alojados pelos patrões e as fronteiras sobre os respectivos papéis não estavam bem definidas. Em lugar do contrato de trabalho existiam laços de dependência pessoal, sendo o patrão muitas vezes considerado como um benfeitor.

A Primeira Guerra Mundial interrompeu esta situação: "em certos sectores a guerra transforma o contrato de trabalho em assunto de Estado; nesta questão, considerada até então puramente privada, está em jogo o interesse nacional" (Prost, in Ariès e Duby, 1991: 53).

Foi necessária a vitória da Frente Popular, em França, nas eleições de 1936, para que os patrões cedessem a muitas reivindicações, como aumentos salariais, a semana de 40 horas de trabalho garantido e pela primeira vez o direito a 15 dias de férias pagas:

"Por toda a parte se ouviam os mesmos comentários:

-Imagine, senhor, diz-me uma operária, que eu, o meu marido e os meus rapazes vamos finalmente ir "à terra", na Bretanha. Ao tempo que não vemos os nossos "velhotes".

- Está bem contente, não?

- Claro! E os miúdos também.

Cada um falava da "sua" viagem aos camaradas de oficina.

- Estão a ver- exclama bem alto um rude trabalhador- temos tudo isto graças ao governo da Frente Popular!

- É que, sabe, confessa-se um outro - nós nunca tínhamos tido férias. (...)

As férias...

Para os trabalhadores , isso fora durante muito tempo apenas um sonho, uma longínqua esperança..."

(*Le Populaire*, 1 de Agosto de 1936)

Países houve que antecederam a França no reconhecimento do direito a férias pagas: a Áustria em 1910 a Rússia em 1921 e a Itália em 1924.

Era uma grande novidade para a maior parte dos trabalhadores dispor de tempo livre, pago; uma vez que passava pela instauração de um uso inédito do tempo e do espaço, Richez, e Strauss, in Corbin, 1995, mostram-nos como esta inovação foi difícil. No período que antecede a Segunda Guerra Mundial apareceram diversos organismos a tentar disciplinar e organizar os tempos livres e os lazeres dos trabalhadores. Em França, em 1937, na Exposição Universal são muitos os projectos que aparecem para "preencher" os lazeres das camadas populares.

Nos países totalitários, sobretudo a Itália e a Alemanha o partido único coordenava as instituições que tinham a seu cargo a organização dos lazeres e tempos livres dos trabalhadores.

Na maior parte dos países da Europa ocidental, as férias pagas instauraram-se a partir dos anos 30. Em França certas categorias sociais já beneficiavam do período de férias, sob a forma de "licenças", sobretudo no Exército (Richez, e Strauss, in Corbin, 1995).

No quadro internacional, em 1936 a Organização Internacional Trabalho propôs como meta aos Estados membros o princípio da consagração das férias pagas, tendo-se acordado que o limite mínimo era de 6 dias. Esta medida social alargou-se aos sessenta Estados membros que viriam a ratificar a Convenção nº52 da OIT, acerca das férias pagas.

No final da segunda Guerra Mundial, são muitos os países da Europa que adoptam, como direito dos trabalhadores, a prática das férias pagas. Em 10 de Dezembro de 1948, as Nações Unidas precisam na Declaração Universal dos Direitos do Homem, no artigo 24º, que todas as pessoas têm direito "a férias pagas periódicas".

É de salientar a acção de outras organizações, como o Conselho da Europa, do qual Portugal faz parte. Em 1950 este Conselho aprovou a Convenção Europeia dos Direitos do Homem assinou a Carta Social Europeia, que entrou em vigor em 1965. Este diploma integra orientações emanadas da OIT e estabelece na II parte do 2º artigo "condições de trabalho justas", a saber:

1) fixação do trabalho razoável diário e semanal, devendo a semana de trabalho ser progressivamente reduzida; 2)previsão de feriados pagos; 3)garantia de um período anual de férias pagos, no mínimo de duas semanas.

Foi graças às férias pagas que muitos operários tiveram a possibilidade de entrar na era do lazer. Mas nem todos os operários tinham possibilidade de partir de férias, esta era uma realidade restringida a uma minoria. Eram raras as famílias que podiam fazer férias. Isso estava reservado aos casos em que o marido possuía um bom trabalho e a esposa conseguia fazer algumas economias, só quando as mulheres começaram a trabalhar fora de casa é que muitas famílias puderam partir de férias (Hoggart: 1973).

Segundo Joffre Dumazedier (1979), os trabalhadores, os artesãos e os operários centram o período das suas férias no local domiciliário e fazem trabalhos, mas não de índole profissional (e. g. o *bricolage*).

Em França, só a partir dos anos 60, com o surgimento de empresas que oferecem divertimentos, animações, viagens e estadias a preços acessíveis, como por exemplo o Club Mediterrâneo. Crescem os serviços que libertam a mãe de muitas tarefas, o que permite estar em família sem estar absorta pelos trabalhos domésticos. Nas férias não se "sabe a hora, nem o dia em que se está" ( Richez, e Strauss, in Corbin: 1995).

A partir da segunda metade do século XX, ganhou força e granjeou adeptos a ideia de que as férias são uma mudança necessária. O repouso e o convívio com a natureza são necessários para contrabalançar o modo de vida industrial e citadino. Na organização da vida humana, as férias afirmam-se como algo necessário e natural em conjunto com as outras actividades do ser humano.

A revolução nos transportes é indissociável do êxito da ideia de férias e de viagem. As classes populares aderem em massa às excursões, uma forma de efectuar viagens a bom preço e participar numa série de eventos.

Podemos definir as férias por um, ou vários períodos de tempo de duração variável, durante os quais as actividades ligadas ao trabalho e o curso "rotineiro" da vida são suspensas ou interrompidas. Trata-se de um tempo em que os indivíduos das sociedades industriais dispõem de tempo livre. Este fenómeno gera fluxos migratórios consideráveis para determinados locais que propiciam condições de existência diferentes das que se têm na vida quotidiana (Laurent: 1973).

Em férias os indivíduos sentem-se livres de contratos e de actividades produtivas, como que se retemperando da cultura e da alienação do trabalho.

As férias parecem marcar um retorno ao essencial, às coisas simples como o comer e beber, muitas vezes com outro ritmo, experimentando (ou recriando) sabores. As férias dão azo a um ritmo próprio, sem os horários, as interrupções e as agendas habituais.

Em férias, os emigrantes valorizam certos prazeres, tais como estar em família, comer em restaurantes, visitar amigos, frequentar actos sócio-religiosos ou fazer compras. Frequentemente, os sentimentos e recordações ligados a estas experiências alimentam os sonhos durante um ano de trabalho. O tempo de férias é tempo de exibição de si, das aparências, de mostrar a silhueta e expor os atributos. Os modos, os propósitos, os gestos, são muitas vezes considerados pelos residentes como exagerados. As férias são alvo de muito investimento simbólico e afectivo, sendo preparadas com muita antecedência e posteriormente recordadas durante muito tempo. Nas férias estar em conjunto e partilhar momentos revela-se essencial.

Os emigrantes logram durante as férias viver momentos de lazer completamente separados do mundo do trabalho. No seu caso, esta separação é acentuada pela distância não só ao nível do espaço físico mas também do contexto cultural, o que facilita a alteração do ritmo de vida. Por exemplo, manter uma relação diferente com o dinheiro, fazer mais compras, estar mais tempo em casa e conviver mais com a família.

## 2.4. O caso Português

Em Portugal, durante o período salazarista os salários baixos poucos "sonhos" permitiam às camadas populares. Foi o período da muita "Moral e pouca comida", onde se tentava mostrar os benefícios dos baixos salários para evitar que o operário gastasse tudo na taberna ou noutras "perversões". O patrão ainda aparece com a sua faceta paternalista, que, inclusivamente empregava os filhos do "bom operário" (Mattoso, 1994, 7º volume).

Pelo decreto-lei n.º 24 402, de 24 de Agosto de 1934 o governo instituiu para a indústria as oito horas de trabalho, o que é ignorado pela maioria dos patrões, que continuam a praticar entre dez e doze horas, embora os salários correspondessem à jornada de oito horas. Os patrões resistiam até à própria instituição do descanso dominical pedido pela Igreja e decretado pelo mesmo diploma que instituiu o horário de trabalho.

Em 1945, as operárias dos lanifícios, uma minoria, obtiveram o direito a um mês de férias de parto, recebendo a 50% do salário. Todas as demais continuavam a trabalhar até ao dia do parto e não recebiam nada por cada dia que faltassem. (Mattoso, 1994).

No tempo livre que possuíam as famílias portuguesas faziam excursões, piqueniques, saídas ao domingo, campismo e acorriam às festas organizadas pela Igreja, onde frequentemente se misturava o sagrado e o profano num ambiente de efervescência, ruído e agitação (Martins, Moisés, 2000). Aos homens estava reservada ainda a ida ao futebol.

Era esta a única realidade que conhecia a maioria dos emigrantes antes de partir. Nas sociedades de acolhimento, deparam-se com possibilidades e práticas muito distintas.

"Par le passé, l'émigré d'origine rurale a connu, dans les pays d'accueil, la notion d'avoir droit à une période annuelle d'interruption du travail, tout en étant payé-expérience nouvelle et éminemment agréable. Le terme "vacances" n'avait pas, dans sont esprit, de correspondance ou de traduction en Portugais" (Trindade, 1998: 34).

Em Portugal a concretização das férias teria de esperar ainda alguns anos. Só após o 25 de Abril de 1974 se tornou uma realidade para a maioria dos portugueses:

"No domínio social e laboral, em 1974-1976 introduziram-se, a par de melhorias remuneratórias directas, inúmeras regalias resultantes de diversos instrumentos de regulamentação colectiva do trabalho. (...), generalizaram-se o descanso ao sábado, o alargamento das férias (em tempo e número de beneficiários), a redução do horário de trabalho, o subsídio de Natal, o subsídio de férias e o salário mínimo ..." (Reis, 1994: 214).

### **Capítulo III - As férias dos emigrantes**

#### **3.1. As relações sociais dos emigrantes**

##### **3.1.1. Em busca da identidade perdida**

O conceito de identidade, encontra-se associado ao de cultura, devendo ser encarado segundo uma concepção relacional e situacional que assinala o seu carácter dinâmico e socialmente construído. A identidade pressupõe sentimento de pertença, seja a uma classe etária, sexual, social, religiosa, etc., por isso necessariamente assente em oposições simbólicas de inclusão/ exclusão. O grupo é reforçado pelo posicionamento face ao outro, pela concepção de que o mundo se divide em "Nós", os que estamos dentro do grupo e "Eles", os que estão fora do grupo (Hoggart: 1973).

Identidade é também "Representação, porque a identidade é uma realidade percebida como distinta, que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros. Vontade, porque acto de adesão pessoal permanente reiterado a uma comunidade. Representação e vontade a identidade é deste modo uma construção social<sup>1</sup> (Martins, 1996: 18).

Existe uma di/visão do mundo social entre "Nós" e "Eles", pois a identidade resulta da relação que mantemos com o outro e muitas vezes da tentativa de posicionamento face ao outro, o que depende não apenas da forma como eu me quero

---

<sup>1</sup> Ver também BOUDIEU, Pierre, L'identité et la representation. Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 35, Paris, 1980.

afirmar, mas também da reacção do outro à minha tentativa de afirmação. Um emigrante pode querer assumir-se como um português como os outros, mas não conseguir ser aceite como tal, acabando por procurar o convívio e a identificação com outros emigrantes (Becker, 1982: 11 e Monteiro, 1994).

Neste trabalho o conceito de identidade será desenvolvido "mais como objecto de estudo, enquanto categoria presente nas representações sociais - e accionada em estratégias culturais, institucionais e quotidianas - do que como ferramenta conceptual susceptível de produzir explicações ou interpretações sociológicas acerca de determinados fenómenos sociais; mais como algo a decifrar do que como operador de decifração" (Costa, 1999: 59).

### **3.1.2. Emigrantes e familiares, relações fortes**

O tempo de férias dos emigrantes é, antes de mais, tempo de convívio em família, a maior parte das vezes família alargada.

Os emigrantes em férias consideram que uma das razões que os "prende" a Portugal são os familiares. Com eles partilham muitos e longos momentos *"a coisa mais bonita que eu gosto quando chego a Portugal é ver a minha família..."*(Sr. Barbosa, 51 anos, Merelim S. Paio, 31/7/2000). Os alunos inseridos em escolas portuguesas, depois do seu regresso a Portugal, referem que o que mais apreciavam nas férias era: *" A (minha) casa e os (meus) avós e tios e tias", ( Escola Secundária de Melgaço, 5º ano, rapaz, 11 anos)*. A família aparece como foco de comunhão e interacção privilegiada, é um ponto de referência e de identificação.

Em Melgaço os filhos do casal emigrante, talvez como estratégia de futuro, que passará pelo reagrupamento familiar "cá ou lá", ficam muitas vezes a cargo de familiares de forma a permitir economizar um pouco mais de dinheiro no estrangeiro *"Mandei-o, (filho) porque, à uma o meu marido fazia uma paga muito pequenina, o meu marido o que ganhava não chegava p'ra todos. Viemos a Portugal uma vez e o que ganhamos era justo p'ra comermos. Viemos a Portugal e a minha mãe disse bom deixai o miúdo era um ano ou dois e tu vais ajudar o teu marido um bocado e depois levais o miúdo. Depois quando vim p'ra o levar já a minha mãe e o meu avó mo davam e eu deu-me pena tirá-lo"* (Maria Fernanda, Paderne, 24/8/83).

É com a família que se passam muitas tardes junto ao rio, na praia ou no campo, levando a "merenda", jogando ou pondo os afectos em dia.

Quando surgem problemas, por exemplo com as instituições públicas, são os familiares e os próximos que ajudam a enfrentar obstáculos, nomeadamente as burocracias. Há sempre a possibilidade de recorrer a um parente, ou, eventualmente a um amigo para fazer as coisas andar.

Mas as relações familiares nem sempre são pacíficas. Quando encontramos conflitos estes são, na maioria das vezes atribuídos a questões de ordem material. Na ausência do emigrante, a família fica a tomar conta da casa, das obras. Trata-se de situações propensas a conflitos, onde os papéis e os poderes se encontram normalmente mal delimitados, dando azo a desconfianças e acusações de abusos de confiança e de competências:

*"o conbíbio foi um bocado, todo escangalhado,... eles estabo aqui todos, a casa foro eles que a estrearo, era uma casa noba,... eu carago estou a lutar pela bida..."* (Prazeres, Merelim S. Pedro. 42 anos, 26/7/00).

Depois de herdar a casa que pertenceu aos pais, esta emigrante resolveu reconstruí-la e permitir que uma parte da família com algumas dificuldades económicas ficasse a viver pela casa e a tratar da sua manutenção. Este acto valeu-lhe alguns elogios por parte de vizinhos e amigos que até contribuíram para as obras. Quando regressou de férias, as contas a pagar eram maiores do que as esperadas, os electrodomésticos não estavam no melhor estado, as plantas descuidadas, etc., tudo motivo de desilusão e conflito.

Os descendentes não fazem férias todos os anos em Portugal, como os pais. Estranhando a sua ausência, os residentes apontam como explicação do facto, a falta de dinheiro. Quando vêm apontam a visita a familiares como algo que lhes ocupa muito tempo:

*"Penso que uma pessoa está lá presa, uma cunhada, foi mais que uma que disse, ah você veio dois anos seguidos é porque a vida le está a correr melhor em França, é porque a minha sogra está a ficar velhinha... se não venho aqui, eu em França também vou de férias"* (Beatriz, 37 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).

Os descendentes não possuem fortes ligações em relação a Portugal, como aconteceu com os seus pais, continuam a manter laços familiares e a apreciar o país enquanto local de férias. Em Portugal, são vistos pelos residentes, como emigrantes, esperam-se deles determinados comportamentos, é o seu grupo de "pertença" (Merton)

quando inseridos na sociedade portuguesa. Mas o seu grupo de "referência" (Merton) é outro. Depois de "sofrerem" um processo "civilizacional" no país estrangeiro onde estão emigrados, foram tocados por outros valores e atitudes face à vida. Vêem no dinheiro algo como útil e não algo que se junta. Querem viver o momento, ter grande conforto no local onde habitam a maior parte do tempo. Investem muito na educação dos filhos. Não têm como objectivo o regresso a Portugal. Mas nem sempre os residentes estão de acordo com estas condutas e comportamento. São emigrantes logo deviam querer regressar, construir casa em Portugal, juntar muito dinheiro e vir de férias todos os anos.

### 3.1.3. "Invejidades"

A identidade resulta da relação que mantemos com os outros, por exemplo os amigos, os vizinhos e da forma como estes reagem aos nossos comportamentos e mensagens. Assim sucede com as tentativas de afirmação por parte dos emigrantes.

*"Eles têm inveja de nós"* é um sentimento encontrado quer em Braga quer em Melgaço:

*"... aqui a gente é invejosa, porque eu faço uma vida de rico" (Tio João, Prado, 22/8/83).*

*"...até tenho aí uns amigos, que ero muito amigos, por causa da invejidade, invejoso não podia ver... acabei por deixar de le falar, senão chateava mesmo. A gente vinha, ia até ao rio e porque a gente jogasse um bocado às cartas, diziam: vêm aí os franceses roubar o dinheiro aos pobres..." (Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00).*

*"Os daqui é só inveja, quando viro isto novo explodiro, é só inveja, eu é que tenho de pôr tudo p'ra eles, candeeiro, cortinados, tudo, ela (a irmã) é muito invejosa..." (Prazeres, 42 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00)*

Um sentimento percorre todos estes testemunhos, o de uma di/visão entre o mundo do "Nós" e o mundo d' "Eles" (Hoggart, 1973), separando esses mundos a inveja que os de cá, não emigrantes, nutrem em relação àqueles que emigraram. Os residentes consideram o contrário. Na sua opinião, os emigrantes são muito competitivos e não

param de fazer comparações (Gonçalves, 1996). Normalmente, as tentativas de afirmação por parte dos emigrantes não têm o efeito desejado entre os residentes, acabando por ser criticados e desvalorizados. Esta forma de reacção é interpretada pelos emigrantes como resultante da inveja.

#### **3.1.4. A relação com o passado**

Acredita-se que no passado, um passado que é cada vez mais ficcionado, as relações eram mais sadias, persistindo a ideia de uma "comunidade mítica", um tempo em que o que contava eram as relações imbuídas numa intencionalidade "pura". O que veio poluir as relações sociais foi o dinheiro, a inveja e a vaidade:

*"Eu acho de Portugal que o pobo não é como era dantes, o pobo começou a ter dinheiro, (...). eu gosto sempre da minha terra, mas o pobo é que não é tão amigo da gente como era dantes" (Senhor, 65 anos, S. Paio de Merelim, 20/7/00).*

O tempo deteorou as relações entre as pessoas e os emigrantes apercebem-se que não são bem aceites na sua "terra":

*"...habio aqui pessoas qu'ero muito amigas e eu era amiga elas que le daba roupa, mas por trás chamabo elas, (...) os emigrantes da merda. Ai eu tomei-les aquilo tão a mal, nunca mais le dou tanto como isto..." (Sra. Cremilde, 59 anos, S. Paio de Merelim, 25/7/00)*

Os próprios descendentes têm essa ideia em relação a Portugal. Segundo eles, tudo corria melhor num tempo passado:

*"As relações não estão bem claras entre uns e outros. Eles entende que nós bimos aqui p'ra nos armar (...) não gostei a partir dum momento de Portugal por causa das pessoas. Quando era noba nunca senti isto, queria era gozar. Depois de casada as relações não ero a mesma e claro vi que as pessoas às vazes diziam assim umas palavras..." (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

Os emigrantes sentem-se discriminados e rebaixados. A sua cultura e a sua condição não são bem aceites pelos de cá:

*"Eu pr'a mim digo, entro em chabes, benho p'ra qui procuro biber c'o as pessoas e as pessoas fazem de conta que não me conhece (...) assim não somos*

*admirados como irmãos, como compatriotas, acho que debíamos ser aceites...".(Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00)*

Com o decorrer dos anos os emigrantes tornaram-se mais discretos. Optam por passar "*muitas tardes sozinho no quintal*", limitando-se a cumprimentar, por cortesia, algumas pessoas. Os contactos tendem a reduzir-se à vizinhança e aos amigos, coligações que já vêm de outros tempos.

Como refere Maria do Céu Cunha "En instituant des barrières à leur rencontre, les Portugais du Portugal font percevoir aux émigrés leur alterité. Ils renvoient à la condition de Portugais émigrés distincte de <<Portugais tout court >>. Les émigrés ont alors besoin de s'affirmer conflictuellement. Ils sentent en effet qu'ils sont en train d'être injustement dépossédés d'eux-mêmes" (1988: 61).

Muitos alunos inseridos em escolas portuguesas que viveram no estrangeiro dizem que o que menos gostaram no seu "*regresso foram as pessoas*", (*Escola Ensino Básico de Real, rapaz, 6º ano, 11 anos*), sobretudo os "cuscas", com o hábito de se "meterem na vida dos outros". Nestes casos, a identidade forma-se num processo de oposição e afirmação face ao outro, os residentes.

Os emigrantes afirmam gostar da sua terra, a terra é boa, as gentes é que nem por isso. As saudades são da terra, dos sabores, dos cantos, não das pessoas.

### **3.1.5. Relações entre emigrantes**

Quando as relações envolvem outros emigrantes em Portugal, as barreiras voltam a esbater-se. Embora o emigrante procure assumir-se como português, esse desígnio nem sempre é conseguido. Em alternativa, procura convívio, bem como identificação, com outros emigrantes.

Segundo François Raveau (1998), os portugueses em termos bio-genéticos não se distinguem muito dos franceses, podendo-se mesmo afirmar que os emigrantes portugueses não revelam sinais manifestos que nos permitam catalogá-los de imediato como emigrantes. A língua não se afasta muito da francesa, existem mesmo algumas afinidades, ao contrário do que acontece com os africanos. Já no que se refere à economia, os emigrantes portugueses continuam a ocupar empregos que os franceses não querem. Em relação aos indicadores culturais e religiosos, os portugueses não se afastam muito dos franceses, têm hábitos diferentes, mas não ao nível de interdições

como comer carne de porco, embora a culinária dos portugueses seja de características mais mediterrâneas. (1998, pp.151-160)

Apesar das suas características físicas não se afastarem muito dos habitantes dos países onde estão emigrados, em termos culturais são diferentes. O convívio entre emigrantes é intenso no estrangeiro e prolonga-se em tempo de férias. Mas a sua vivência e as suas relações abrem-se também à cultura do país receptor, colocando-se muitas vezes numa situação em que convive com duas, ou mais, culturas que conjugam de diferentes formas segundo vários autores:

"Ni assimilation, ni repli, mais recherche, par leur prope voie, de formes d'insertion dans la société française, telle est à notre sens la démarche adoptée par les Portugais de France" (Cunha, 1988: 22).

"... não significa a escolha da cultura de origem em prejuízo do novo país, mas sim uma cultura própria resultante da interacção entre essas duas" (Monteiro, 1994: 24)

"Contrairement à ce que disent et écrivent certains auteurs militants pour la cause des immigrés, et certaines opinions politiques, ils ne vivent pas entre deux cultures, mais ils ont appris à vivre avec deux cultures, recourant davantage à l'une et/ou l'autre selon les circonstances, même si pendant l'adolescence ils se déclarent parfois davantage Français que Portugais" (Leandro, 1995: 217).

"Quanto aos "Franceses", eles procuram assumir, quando de regresso ou de visita às suas origens, o papel de ponte entre os dois países e as duas culturas, através da exteriorização sincrética dos correspondentes símbolos: nos usos e nos consumos, nos visitantes que trazem ou que levam, nos nomes por que chamam os filhos, nos particularismos do trajar e, mesmo, nos nomes que dão às suas casas ou na língua de epigrafia das lápides tumulares" (Trindade, 2000: 24)

Os emigrantes, no estrangeiro, orientam a sua presença de modo a não dar nas vistas. Pautam-se pela discrição. Para Irene Santos, "é uma estratégia: É-se invisível para se parecer integrado, para viver entre os franceses sem problemas<sup>4</sup>" Na tese de doutoramento que está a desenvolver na École des Hautes Études en Sciences Sociales, intitulando-se "Os jovens de origem portuguesa-Práticas identitárias", aborda os múltiplos "níveis de silêncio" que rodeiam a prática da imigração portuguesa".

As manifestações com traços mais marcadamente portugueses são reservadas para o fim-de-semana. É, por exemplo, ao nível dos encontros religiosos ou das

---

<sup>4</sup> Jornal Público, sexta-feira, 25 Maio 2001 "A lei do silêncio na comunidade portuguesa em França", por Catarina Gomes.

associações que mais se acentuam os sentimentos e os traços culturais que os definem como portugueses (Cunha, 1988; Leandro, 1995; Trindade: 1998). Alguns destes laços podem ter continuidade em Portugal, durante o período de férias, traduzindo-se, inclusivamente numa certa solidariedade. É o caso do Senhor Armando que na praia da Apúlia ao ver “perdido” um condutor de um carro com matrícula estrangeira se prontificou a ajudar, o que deu origem a uma grande amizade: *"onde eu binha aqui à minha família a Merelim e lá tinha o saquinho de laranjas, o saquinho de pêssegos, lá onde depois criamos uma aliança...também já me aconteceu que passei em Bila Real, antes de bir e que nos entendemos muito bem lá em França "* (Sr. Armando, Merelim S. Pedro, 60 anos, 19/7/00.)

Muitas vezes, em Portugal, as relações com outros emigrantes são mais fortes do que com a família ou com outros amigos: *"...até bou bisitar dois que estão comigo lá, agora biero, já estibero aqui, agora também bou lá a casa dele, isso também gosto, acabo por ter mais relações com as pessoas que estão lá fora, do que as que estão aqui"* (Prazeres, 42 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00).

Certos locais não são frequentados para imitar algum modelo nacional de férias, mas noutros, os modelos a imitar provêm do estrangeiro: *"... a partir de amanhã na Régua, Bragança, gosto muito dessa zona cá, é uma zona espectacular, chego lá durmo dois dias tranquilo, só ouço os passarinhos cantar de manhã, é uma zona não no centro da Vila da Régua, mas numa zona acima, chamada Vila Maior. Toda a verdura, onde esteve o John Major, Primeiro Ministro Inglês, numa quinta, ao lado numa casinha estvemos nós"* (Sr. Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00).

No decurso das entrevistas deparámo-nos com um caso um sintomático. Um emigrante que, por motivos de saúde, se deslocou pela primeira vez a Portugal no mês de Julho, ficou a gostar *" mais do mês de Julho, (porque) em Agosto há muitos emigrantes"* (Sr. Ricardo, 60 anos, Merelim S. Paio, 19/7/00). Em consonância, quando questionámos os alunos sobre o que menos apreciavam nas férias, uma respondeu: *"Os emigrantes"* (Escola Secundária de Melgaço, rapariga, 9º ano, 17 anos). Na verdade os emigrantes acabam por imprimir às localidades algo de diferente. Muitas vezes as estruturas não estão preparadas para, de repente, receberem um grande número de pessoas, ainda por cima com muita gente, de certos serviços, a gozarem as suas férias. Desta forma, muitos locais parecem "abarrotar de gente" e os emigrantes parecem ocupar mais espaço do que deviam: *"Aos olhos dos residentes (e dos próprios emigrantes), os emigrantes parecem avolumar-se, preencher demasiado espaço, transvazando por vezes para o alheio."* (Gonçalves, 1996: 142).

### 3.1.6. A unidade perdida: nacionalidade e identidade

Uma das questões colocadas aos entrevistados era "qual a sua nacionalidade?", o que suscitou diversas respostas e comentários. Segundo Michel Oriol (1979: 19-28), muitos autores, que actualmente discorrem sobre a questão da identidade, não fazem mais do que reavivar o velho debate relativo ao "princípio das nacionalidades". O mesmo autor considera que a gestão das identidades se efectua através de um processo de institucionalização, constituindo os emigrantes um exemplo particular. Cada Estado, cada agrupamento nacional desenvolve-se segundo três formas conjugadas: 1) o aparelho escolar, que contribui para a criação de uma identidade linguística; 2) o aparelho militar que cria uma identidade territorial; 3) o aparelho monetário que gera uma identidade económica. Para um emigrante, por exemplo, o mau uso da língua vai contribuir para a sua estigmatização, no sentido de Goffman (data). Os emigrantes encontram-se numa situação de mobilidade e de contactos interculturais. Nos processos de integração a sua autonomia resulta sempre parcial e precária. A noção de pertença, a relação e o vínculo gerados são muito importantes. Não se pertence a uma nação como a um grupo sanguíneo. No caso dos emigrantes portugueses, esta noção de pertença assume elevada importância, aparecendo, muitas vezes definida por oposição ao outro, sejam eles os franceses, ou os portugueses não emigrantes.

Michel Oriol (1985: 335-347) defende que no caso dos emigrantes portugueses as associações (Cunha, 1988), apelam a preservar a língua. Mesmo quando inseridos em comunidades estrangeiras, a língua falada em casa continua a ser o português. Os emigrantes canalizam para estes dois domínios (associativo e familiar) as manifestações de carácter lusofono (Leandro, 1995). Uma completa inserção dos emigrantes portugueses em França passaria, entre outros aspectos, pelo uso do mesmo código linguístico.

Os emigrantes portugueses, que entrevistamos em Melgaço, mostravam uma forte vinculação a Portugal. Não podemos esquecer que a maioria pretendia regressar, manifestando uma grande preocupação em educar os filhos em Portugal. Esta situação mantém-se hoje em dia, como se verifica pelos resultados do inquérito efectuado na Escola Secundária de Melgaço: em cerca de metade dos alunos, inquiridos (49,7%) o pai, a mãe ou ambos são, ou foram emigrantes. Quando os pais são ambos emigrantes, o regresso está no seu horizonte. Em França, havia o cuidado de colocar os filhos a frequentar cursos de língua portuguesa e era manifesta a preferência de que os filhos casassem com alguém português: *"... quer uma portuguesa, porque se arranja uma*

*portuguesa temos esperanças de vir p'ra terra; e senão arranja tem de ficar lá. Não é por nada, é que sendo francês já temos de ficar lá e se arranja português, pronto" (Lindalva, Galvão, Melgaço, 25/8/83).*

Mesmo quando os filhos nasciam no estrangeiro e assumiam nacionalidade francesa, continuavam a identificar-se como Portugueses: *"Sabes que são sempre um estrangeiro, mesmo que nasça na França, mesmo que seja naturalizado francês é estrangeiro..." (Cucos, Prado, Melgaço, 21/8/83).*

Encontramos o mesmo sentimento em Merelim. Por exemplo, quando um emigrante relata o seu diálogo com um colega de trabalho sobre as dúvidas que tem acerca da sua nacionalidade: *"...Mingos anda cá, (...) tu não és francês legítimo, o teu pai é português e a tua mãe é portuguesa, os franceses d'origine é que são verdadeiros franceses. Só que é pena que nós aqui em Portugal somos considerados estrangeiros quando cá bimos" (Sr. Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

A maior parte dos emigrantes entrevistados (não podemos esquecer que apenas entrevistamos emigrantes em férias em Portugal) pretendem manter os laços identitários com Portugal. Estão a ganhar o seu dinheiro no estrangeiro, mas salientam que não são como os jogadores de futebol, não estão à venda: *"... eu bim p'ra França, mas a minha mãe disse uma coisa antes de bir p'ra cá: meu filho tu bai p'ra parte do mundo que quiseres, mas eu não dei filhos a se bender..." (Sr. Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).* Existe aqui a ideia do vínculo de sangue e da fidelidade às raízes.

Os emigrantes sentem-se discriminados em Portugal. No tratamento que recebem nas repartições públicas, nos comércios, nos restaurantes, nas estradas, nas relações de vizinhança, etc., parecem "condenados" a pertencer a parte nenhuma: *" (...) aqui somos franceses, não sei onde é que a gente é português, lá somos emigrantes, aqui somos portugueses de 3ª classe" (Sr. Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00).*

Este problema já foi detectado há muito tempo: "Certos autores não hesitam mesmo em considerar o regresso como mítico. Tal aplica-se mais aos jovens do que aos seus "velhos". São estrangeiros no seu próprio país e os conterrâneos que nele ficaram exprimem-se chamando-lhes "franceses" (Neto, 1985: 144)

A discriminação é algo que também sentem em França: *"... Na minha fábrica numa altura houve uma falha de luz, ora o patrão disse assim: se não quereis perder o vosso dia vinde fazemos ménage, limpeza, todas se prontificaram. Uma disse, aí isso é para a Madame Rodrigues que está cá para arremassar a trance dos franceses. Disse-o claramente. Eu aquilo chocou-me muito" (Mª Fernanda, Paderne, Melgaço, 24/8/83).*

Os jovens queixam-se também, de uma certa discriminação em França: "...não gostava de voltar ao estrangeiro por causa do racismo das escolas" (*Escola Ensino Básico de Real, rapariga, 6º ano, 14 anos*). As gerações mais novas continuam a viver este problema, os jovens sentem-se franceses e portugueses: "*Estamos fieis de ser portugueses, porque quando em França um diz olha um português, eu pressinto que a minha..., sou português, porque quando a França jogou contra Portugal, eu era por Portugal. Depois Portugal perdeu eu era pela França, é normal primeiro estava sempre o meu país, é a raiz*" (*Beatriz, 37 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00*). Com raízes em Portugal e a florir em França, assim se sentem estes emigrantes:

"E o futuro? O risco para a segunda geração é de ficar "sentada no meio", nem Franceses nem Portugueses, nem "lá-baixo, nem aqui". Contra este risco certos jovens defendem-se mediante a identificação a um novo grupo: o "in-group" Migrante. A segunda geração coloca de modo lancinante uma questão, cuja resposta o devir poderá esclarecer melhor: não se poderá ser Português em França sendo-se luso-francês" (Neto, 1985: 152).

Em relação aos netos, quando vivem no estrangeiro, a identificação algumas vezes é feita com Portugal, enquanto os pais ficam divididos, os netos identificam-se com os avós, sentindo-se orgulhosos de ter ascendentes portugueses:

"(...) não percebo nada, bós sois mais franceses que portugueses, bossa mãe é francesa, os avós são franceses, tendes mais saudades de Portugal. E o meu sobrinho respondeu-me assim, prontos nós semos como a avó e o avô, e a falar dos meus pais, somos como eles, nós, o avô e a avó gosto muito de Portugal, vós os filhos mais ou menos, mas nós netos somos como os avós" (*Beatriz, 37 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00*). Num estudo efectuado na Universidade Autónoma de Lisboa "Uma migração de sucesso: os portugueses em França", Eduardo Sousa Ferreira, um dos autores, salienta que "Só na terceira geração está a emergir "uma nova identidade", que tem de diferente o facto de reclamar pacificamente, e ao mesmo tempo, a cultura de origem e a cultura do país que os acolheu. São os primeiros que verdadeiramente estão a integrar-se no tecido francês com trajectórias consideradas de sucesso pelos franceses"<sup>5</sup>

Como refere este autor, a integração dos emigrantes nos países receptores pode demorar algumas gerações a consumir-se:

"A longo prazo, o carácter da adaptação de minorias estrangeiras não se afere pelo destino da primeira geração mas da segunda. Os imigrantes de primeira geração

---

<sup>5</sup> Jornal Público, quarta-feira, 15 Novembro 2000, "É difícil ir mais longe", por Catarina Gomes.

orientam-se constantemente para os seus países de origem e a eles regressam em muitos casos. O seu ponto de referência consiste nos salários e condições de vida deixados para trás. Os seus filhos, contudo, orientam-se para o país receptor do qual são cidadãos legais ou, pelo menos, membros sociais. Os resultados finais do processo de adaptação - desde assimilação total até ao surgimento de um sistema de castas - ocorrem a partir da segunda geração" (Portes, 1999: 3-4)

Muitos queixam-se de a palavra emigrante ser conotada com um sentido pejorativo: "...e quando vê um carro de emigrantes, não ponho muito esse termo que não gosto da palavra, mas é o que se diz, há quem diga que somos emigrantes de segunda outros de terceira, isso a mim não me aquece nem arrefece..." (Sr. Barbosa, 50 anos, S. Paio de Merelim, 31/7/00). Os residentes consideram que é muito fácil reconhecer um emigrante, é difícil passarem despercebidos (Gonçalves, 1996). Muitos emigrantes tentam contornar esta situação adoptando diferentes estratégias, "São disto exemplo claro as novas soluções de férias, que começam a ser passadas no estrangeiro; ou, quando em Portugal, em lugares de veraneio internacional onde se foge ao estigma de "emigrante" e, porque não dizê-lo, a adjectivos de conotação pejorativa que vêm associados a esta condição." (Trindade, 1983: 6)

Tentando não dar "nas vistas", muitos emigrantes preferem a designação de turista, procurando mesmo justificar que é nessa categoria que se situam. É o caso de um filho de emigrantes, no Canadá, diplomado, que declara passar férias no Estoril, Cascais e Algarve, e assume fazer-se passar muitas vezes por estrangeiro, estimando que desta forma o tratamento e o atendimento são melhorados. Confessa identificar-se pouco com Portugal e limitar a sua vinda ao país a fins turísticos e à visita de familiares.

Uma senhora, casada com um francês, também fez questão de mencionar que é considerada turista no nosso país, embora neste caso a identificação com a língua, cultura francesa seja muito marcante: "*Eu sou de cá, mas já estou na França há 35 anos, casei. Fui emigrante p'ra lá, depois trabalhei, casei com um francês, puro francês e eu agora sou francesa, eu fiquei logo francesa. Agora dão as duas nacionalidades, mas na altura que eu casei, o meu marido era francês, fiquei logo francesa*" (Senhora Adélia Mota, Merelim S. Pedro, 50 anos, França). Sublinhe-se a ideia de pureza, explícita no modo como caracteriza o marido, que pertence aos franceses puros, de origem, não misturados nem poluídos por elementos alienígenas.

### 3.1.7. Emigrantes e comerciantes: uma relação difícil

Como são as relações com o comércio durante as férias? Onde e como preferem comprar os emigrantes?

No que se refere a compras no pequeno comércio, consideram que os preços são comparativamente mais elevados:

"...mas bai aqui à Emília é logo 250 (preço dos tomates). Ela coitada eles põe-le ali as cousas por esse preço, ela também tem de ganhar. Inda ontem era a 180 na feira, eu até disse à rapariga leba 1 kilo deles porque inda outro dia compramos na Emília a 250" (Senhora Cremilde, S. Paio de Merelim, 25/7/00). Têm a convicção de que, no pequeno comércio, os preços e o atendimento se alteram pelo simples facto de serem emigrantes:

"...porque ir assim aos mercados, aos boutiques gosto quando estão lá os preços marcados. Gosto de chegar a algum lado e perguntar o preço, isso gosto, perguntar o preço e dizerem sem olhar p'ra tua cara, isso gosto" (Senhora Palma, S. Pedro de Merelim, 36 anos, 21/7/00).

No pequeno comércio, a relação cliente/comerciante é mais pessoal, conversam sobre a família, os amigos, os preços, etc. Existe uma diferenciação do atendimento conforme a posição social do cliente o que se reflecte no atendimento aos emigrantes:

"Entramos num local que nos é familiar e que faz parte da nossa rotina. Mantemo-nos, portanto, no mundo do dia-dia, onde temos um nome e somos conhecidos. Os estabelecimentos do comércio tradicional formam microcosmos que reproduzem, quando não acentuam, as hierarquias, as clivagens e os laços do meio social envolvente. Cada um tende a ser tratado de "forma personalizada", logo, em função da sua identidade e condição social. Em suma, quando nos demoramos num comércio tradicional mergulhamos na ordem normal das coisas." (Gonçalves, Um perfume de utopia)

Mas as coisas tornam-se ainda mais críticas no que se refere às feiras. Quase todos gostam de as frequentar, sobretudo de encontrar amigos. Mas os feirantes, esses são considerados "*interesseiros, também exploram bem o emigrante. Eles pensam que estamos lá abanar as árvores e a cair notas, estamos lá também nos custa e o pior é que eles dão muito nas vistas...isso nas feiras gosto de passear, mas ir à feira p'ra*

*comprar isto ou aquilo, não, prefiro comprar assim nas lojas" (Senhora Palma, Merelim S. Pedro, 36 anos, 21/7/00).*

Nas feiras compram-se algumas "nicas" para as crianças, mas as grandes compras são reservadas para as lojas e principalmente para os hipermercados.

Em França, para as suas compras, os emigrantes preferem os hipermercados ao comércio tradicional: "Deux lieux sont privilégiés pour les achats: les marchés de rue (normalement le dimanche matin) et les grandes surfaces (hypermarchés) au détriment des petites boutiques, même quand celles-ci sont proches de la maison" (Leandro, 1995: 240).

Nos hipermercados, os emigrantes não só acedem a preços mais baixos como, simultaneamente, conseguem uma certa invisibilidade. Não têm de falar muito e diluem-se na multidão. Não existe um conhecimento pessoal entre vendedor e comprador, nem se sentem diferenciados, pois o tratamento é uniforme:

"Em contrapartida, quando entramos numa grande superfície, a primeira sensação é a de uma imersão numa espécie de encenação utópica, designadamente, da igualdade. As grandes superfícies estão arquitectadas de modo a criar a impressão de que todos são tratados como iguais. Mesmo quando subsistem hierarquias, é sempre possível dissimulá-las. Aqui não há interconhecimentos nem nome próprio, o princípio por excelência de todas as diferenças. Num hipermercado, ninguém sabe, à partida, quem está a comprar mais e melhor e quem está a comprar menos e pior. Cada qual pode namorar o "último grito" do que quer que seja (televisor, computador,...). A todos é dado tocar, experimentar e sonhar, numa alucinação que, segundo J. Baudrillard, raia a magia e a mistificação" (Gonçalves, Um perfume de utopia...)

As grandes superfícies destacam-se como os locais de eleição para os emigrantes fazerem as suas compras. Têm flexibilidade de horário, imparcialidade no tratamento e livres espaços. Os preços são fixos e afixados. A possibilidade de escolha é tão ampla como no estrangeiro, podendo-se adquirir o mesmo género de produtos. Por último, os hipermercados são vistos como locais de progresso:

*"...uma coisa que acho bem é as coisas estarem abertas ao sábado e até às 10 da noite..." (Senhora Palma, Merelim S. Pedro, 36 anos, 21/7/00).*

*"Mas hoje as minhas raparigas já dissero, ó minha mãe olhe que hoje está mais barato no Feira Noba... Não faltabo tomates aí a 130 e 150" (Senhora Cremilde, 59 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).*

Tempo de férias, é tempo de quebrar as rotinas. Acontece, por exemplo, irem comer com alguma frequência ao restaurante, algo que não se faz no estrangeiro. Aliás, comer não é apenas uma necessidade fisiológica, pode consistir numa actividade de lazer. Durante as férias há tempo para estar sentado à mesa, saborear a comida, confeccionar outros pratos.

As saudades dos paladares portugueses e dos bons restaurantes são muitas. Neste domínio, em tempo de férias até as rotinas são quebradas: *"não deixo cozinhar a mulher e gosto dos bons restaurantes ...é preciso estar lá ao meio dia p'ra não ter de esperar..."* (Senhor; S. Paio de Merelim, 64 anos, 20/7/00)

Existem várias coisas que os emigrantes apreciam durante as férias: *"passear, ir aos restaurantes, comer umas boas comidas de cá, come-se muito bem nos restaurantes, come-se uma maravilha, engorda-se mas não importa, come-se bem"* (Senhora Adélia Mota, 54 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00). Esta opinião não é partilhada por todos. Consideram que, por vezes, são enganados e mal atendidos: *"Lá quando se vai comer bacalhau, come-se. Inda outro dia fomos com uma irmã comer a Monção e mandamos vir bacalhau, uma travessa era bom, outra não se podia comer com o cheiro e só aquilo 1000\$00"* (Aurora, Prado, 22/8/83).

Segundo Albertino Gonçalves (1996), os residentes detectam nas idas ao restaurante e na afluência aos comércios sinais de exibicionismo por parte dos emigrantes. Tudo isso é feito para mostrar que têm dinheiro. Tratar-se-ia de "consumo ostentatório" (Veblen: 1970). Para os emigrantes reflecte apenas a vontade de passar bons momentos, cortar com as rotinas do estrangeiro, gozar, em suma, as suas férias. Na ausência de uma aprendizagem precoce e perante as novas realidades com que se deparam, entre as quais o próprio usufruto de férias pagas, os emigrantes tendem a imitar modelos entrevistados no estrangeiro, frequentemente através dos meios de comunicação social, o que os conduz a assumir atitudes que ora são autênticas, oram são artificiais e exageradas, consoante os olhos que as apreciam.

### 3.1.8. Os labirintos dos serviços públicos

Os serviços de saúde são fortemente criticados pelos emigrantes em férias. Este é um ponto crucial sobre o qual todos estão de acordo:

*"...bem não está a funcionar (o serviço de saúde) sempre há alguma coisinha. Estou mais de acordo em dar uma esmola p'ra um hospital do que p'ra um campo de futebol" (Maria Fernanda, Paderne, 24/8/83).*

*"Lá a gente sai da porta e já tem tudo ao pé da porta: marchês, doutores e clínicas e tudo, não tem medo de morrer, chama um doutor está em casa em 5 minutos, ambulância 10 minutos e aqui quanto tempo demora a ir daqui ao Porto" (Mulher, Penso, 25/8/83).*

Em Melgaço, acrescenta-se a falta de médicos e ausência de atendimento no centro de saúde, ao sábado e ao domingo.

Ressalta a ideia de que, em Portugal, se o doente tiver dinheiro consegue um atendimento com qualidade e bons médicos, caso contrário "bem pode morrer". Ser bem atendido é também uma questão de sorte:

*"Olhe o que eu gostava de ver mudado e acho que é uma coisa que nos faria talvez muito bem é assistência médica, os hospitais e assim... É que dizem lá na Alemanha, aqui uma pessoa fica doente, tu se tiveres dinheiro podes ter a sorte de ser bem atendido, mas se for um pobre trabalhador... Lá é mais humano, os médicos na Alemanha têm de fazer uma jura como os advogados e a jura deles é salvar vidas..., aqui se tiveres dinheiro tens sorte" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).*

Quase todos os emigrantes têm uma má experiência para contar e consideram que existe discriminação no atendimento, que varia conforme a condição social:

*"O que eu acho pior é que a minha mãe é doente e lebo-a ao hospital de Guimarães ponho-la no corredor 4 horas depois benho, tenho que puxar a porta e dizê-le: Senhor Doutor isto é alguma condição deixar uma senhora com bronquite 4 horas sem se ocupar dela... Nós lá um médico seja rico, seja pobre, seja o que for atendem, aqui é preciso dizer Senhor Fulano de tal..." ( Marido Beatriz, Merelim S. Paio, 36 anos, 24/7/00).*

O seu descontentamento não se limita apenas aos hospitais. Os centros de saúde são também fortemente criticados. É mesmo com alguma revolta que descrevem a forma como são atendidos:

*"Sabe eu mandava esses postos médicos, pegava fogo a todos... Ali em Ruães é sempre as mesmas caras lá, levam um franguitos às casas das Doutoradas, esses têm sempre (consulta). Tem lá uma senhora que marca consultas p'ra 10 ou 20... Quando um gajo quer ir a uma consulta, diz olhe não tenho, só daqui a 2 ou 3 meses. Aqui é uma miséria, a gente lá quer um especialista da cabeça, tem logo. Aqui inda está no tempo do Salazarismo" (Senhor Domingos Magalhães, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).*

São muitos os que se mantêm radicados nos países de acolhimento para continuar a usufruir do respectivo sistema de saúde. Passam, por exemplo, os três meses de verão em Portugal e o restante tempo no estrangeiro. De qualquer modo, a referência positiva cabe sempre ao país para onde emigraram:

*"... eu foi operada, fiz sete operações já lá em França. Inda hoje estou contratada por lá. Eu tenho um filho que foi acabar de o curar à França, cheguei aqui a tê-lo aos três meses no hospital e nada e lá cheguei e tive-o três meses no hospital, mas graças a Deus, curei-o. O posto não é nada em condições, é a coisa mai reles que pode haber, isto dos médicos, é por isso que não deixo a França, eu chego lá dou um cou de telefone à doutora, ela bem logo" (Senhora Cremilde, Merelim S. Paio, 59 anos, 25/7/00).*

No estrangeiro, o contacto com Portugal é feito de muitas formas. Até através de programas de televisão se vai tomando conhecimento do rumo das coisas em Portugal:

*"...nós bemos o programa da Praça d'Alegria, vejo o Senhor Manuel Luís Gocha e presto muita atenção e ouço as pessoas dizerem que o nível da saúde está um bocadito fraco em Portugal". (Senhor Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00)*

Os filhos dos emigrantes que, entretanto, regressaram do estrangeiro, quando os questionámos sobre o que menos apreciavam nas férias anteriormente passadas em Portugal, respondem *"... os hospitais, falta de médicos e aqui em Portugal bem se pode morrer" (Escola E B 2, 3 de Real, Rapariga, 15 anos, 8º ano).*

A propósito do atendimento nos bancos, as opiniões dividem-se. Alguns estimam que o atendimento tem melhorado:

*"... foi à Caixa de Braga, onde o senhor ontem aceitou-me muito bem, muita simpatia e onde agora as coisas são mais modernas bõo mais rápido" (Senhor Armando, Merelim S. Pedro, 60 anos, 19/7/00).*

Outros consideram, contudo, que no estrangeiro o atendimento é bem melhor e mais humanizado:

*"Os Bancos são mal, não têm consideração como lá. A gente entra no Banco e eles estende logo a mão ao entrar, aqui não há um senhor no Banco que cumprimento o cliente, são mal educados. Inda hoje fomos pedir pesetas p'o meu cunhado ir embora mandou-le uma cara. Parece que não gosto das pesetas, eles são bizinhos do país. Eu no país da Suíça tenho dinheiro do mundo inteiro, aqui inda vão pedir a Braga, vai demorar" (Genro da Senhora Cremilde, 38 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).* O sentimento de revolta relativamente ao modo como funcionam, em Portugal, os serviços públicos e os organismos do Estado é partilhado pela generalidade dos emigrantes. Esta indignação acompanha-os até ao momento da partida. Quando os entrevistei, em conjunto sogro e dois genros emigrantes, estavam a chegar da Vila vizinha, Prado, como estavam a preparar a partida notava-se um grande sentimento de revolta em relação a Portugal e à forma como os serviços públicos e o Estado funcionam. No estrangeiro desempenham funções ligadas aos serviços do Estado, trabalham nos caminhos de ferro.

Esta impressão negativa podem amenizar-se quando os emigrantes vêm a Portugal noutras épocas do ano. No entanto, a imagem negativa em relação a alguns serviços, como os bancos, mantém-se:

*"...eu vejo duas versões, ei vim cá pela primeira vez em Janeiro deste ano, viemos fazer as bodas de Prata de casados, aqui em Merelim S. Paio e reparei que em três assuntos que tratei em meia hora fizemos tudo e se for agora nesta altura não se faz ... Olhe a nível camarário é péssimo, a nível bancário também, vai pouco melhorando com a nova juventude que se vê com outros métodos de trabalho, com a informática, com computador..." (Senhor Barbosa, Merelim S. Paio, 50 anos, 31/7/00).*

Os serviços públicos são alvo de crítica por parte dos emigrantes. A saúde, a justiça, os serviços camarários e outras entidades do Estado, tudo anda *"um bocado abandonado por as pessoas que comandam Portugal não são direitas"* (Prazeres, 42 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00).

Quando parte significativa das férias é despendida em repartições públicas, com poucos funcionários, porque uma boa parte também está em férias, não se levam as

melhores recordações da estadia em Portugal. Como nos testemunha um emigrante, que se preparava para partir para a Suíça: *"Tudo o que pertence ao Estado, serviços públicos e a Polícia também não faz o trabalho como deve ser, ou são duros demais ou não são que chegue. Houve um acidente aqui a semana passada, não limpam a estrada tão pouco, fico os vidros no chão, não se importam mais nada"* (Genro da Senhora Cremilde, Merelim S. Paio, 38 anos, 25/7/00).

### 3.2. Imagens de Portugal

Terminadas as férias, os emigrantes, guardam na memória inúmeras imagens de Portugal, que em conjunto com as reminiscências das diversas vivências e experiências vão dar sentido à sua estadia no nosso país. A condução nas estradas, os passeios, as visitas, o clima, as atitudes dos residentes, são alguns dos aspectos que vão influir na vontade de regressar ao país definitivamente, ou apenas periodicamente.

#### 3.2.1. Pelas estradas de Portugal

Os carros com matrícula estrangeira não deixam os emigrantes passar despercebidos. Constituem um dos seus principais símbolos. Se automóvel permite uma certa liberdade, e uma nova relação com o espaço, o certo é que também pode ser fonte de muitos desgostos.

Muitos são os emigrantes que fazem a viagem até Portugal em carro próprio, sendo alguns confrontados com más experiências e acidentes. Como escreve uma aluna, o que menos aprecia nas férias *"é deixar família nas corvas da estrada"* (Escola E B 2, 3 de Real, rapariga, 6º ano, 14 anos).

No decorrer das entrevistas registámos vários relatos de acidentes na viagem:

*"...viemos e eu tive um acidente e prontos. Ao princípio tive muito mal, muito cansada, não tive nada no corpo, nem me magoei, mas quer dizer que depois de ter o acidente fica o corpo todo moído..."*(Ana Maria, Merelim S. Pedro, 27 anos, 29/7/00).

Perante estes riscos, um dos maiores desejos de muitos emigrantes é ver as estradas portuguesas melhoradas. A seu ver, estas encontram-se num estado deplorável, quase vergonhoso:

*"Olhe esses caminhos cada vez que a gente vem p'ra cá parecem mais pequenos. Desenvolvimento em tudo, é uma grande mudança vir de França p'ra qui, lá a gente sai a porta tem tudo"* (Mulher, Melgaço, 25/8/83).

Pior que as estradas só a sinalização. Quando a há:

*"O que menos me agrada em Portugal, são as poucas direcções, as poucas indicações para o trânsito..."*(Senhor Álvaro, Merelim S. Pedro, 37 anos, 21/7/00).

*"Depois as estradas, a sinalização, faz-se muita coisa, como vejo por exemplo ali em Maximinos, vejo muita coisa nova, nada melhorou. Eu vejo o trabalho da rotunda de Maximinos, passei ainda lá hoje de manhã, é a mesma coisa, passamos por baixo da ponte, viemos dar ao confronto onde o trânsito está todo enforcado. Acho que nada melhorou verdadeiramente. A sinalização é uma vergonha autêntica"(Senhor Barbosa, Merelim S. Paio, 50 anos, 31/7/00).*

Em Portugal conduz-se mal por falta de civismo e de tolerância, sobretudo, para com os carros de matrícula estrangeira. Esta é uma queixa muito frequente. Muitos são os que se confessam perdidos por causa da deficiente ou insuficiente sinalização. Por outro lado a paciência, a compreensão e o civismo dos condutores locais deixa muito a desejar:

*"...a inteligência das pessoas, quando bêem uma pessoa afita começo logo..."*  
(Senhor Álvaro, Merelim S. Pedro, 37 anos, 21/7/00)

Reaparece o mote: o país e a terra são apreciados, mas não as suas gentes, pouco acolhedoras em relação aos emigrantes.

### **3.2.2. O sol brilha, as mentes escurecem**

O clima, em particular o sol é das coisas mais apreciadas pelos emigrantes em férias, até porque é contraposto àquele que possuem no país onde estão emigrados.

Em relação à mentalidade dos portugueses e à forma como acolhem os emigrantes, as opiniões dividem-se. Uma parte considera o contacto com os portugueses agradável:

*"Acho o ambiente todo português giro. Eu nasci aqui, mas gosto da maneira do pobo português, de tudo, acho que é um pobo aberto, sempre pronto a ajudar. Assim tu bais aqui na cidade, não sei se é do verão, mas tu bês as pessoas aqui de manhã com um sorriso assim, aqui não há tanta chuva, tudo faz parte..."(Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).*

Outra parte considera, no entanto, os residentes pouco acolhedores e até intolerantes:

*"Porque nós, por exemplo, estamos em França e quando bemos chegar um carro com matrícula portuguesa, ou bemos um amigo português, nós fazemos tudo o*

*que pudemos, abrimo-nos ao meio para os aceitar. Eles aqui não, basta ber um carro c'o a matrícula francesa que não sabem se é português, se é francês legítimo e não respeito as pessoas” (Senhor Armando, Merelim S. Pedro, 60 anos, 19/7/00).* Neste testemunho é considerado que existe um tratamento diferenciado por parte dos residentes. Para o turista, o português é acolhedor, simpático e amável. Para o emigrante, o português torna-se intolerante e antipático.

Os emigrantes salientam que aqui em Portugal são inclusivamente olhados "um pouco de lado". As matrículas dos carros constituem, sem dúvida, um dos sinais que levam os residentes a identificá-los, mas existem outros sinais que contribuem para que o tratamento, por parte dos portugueses, seja pouco amistoso:

*"As pessoas quando falo e tudo parece que me olho um bocado de cima... Mas olhe no sábado fui ao Continente, andava assim do carrinho e sei que eu e a minha filha andamos com um corte assim um bocado... prontos ...vê que somos emigrantes e uma disse: Há esta gente julga que vão c'os carrinhos p'ra cima de nós..." (Beatriz, Merelim S. Paio, 36 anos, 24/7/00).*

Além dos automóveis, os penteados e a forma de vestir são sinais que os caracterizam como emigrantes em terras lusas: *"A gente chega aqui com um carro francês, já se bê bem que somos emigrantes na maneira de vestir, na maneira de coisas, de falar..." (Marido da Beatriz, 40 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

Um outro factor que distingue os emigrantes durante a sua estadia em Portugal é a língua, pretexto para muitas anedotas por parte dos residentes, mas um verdadeiro drama para a maior parte dos emigrantes e seus descendentes. Os jovens já regressados que estão actualmente inseridos no sistema de ensino português, quando lhes perguntamos o que de pior recordam das férias em Portugal, respondem:

*"de dizerem para falar português e eu não podia" (Escola E B 2, 3 de Real, 11 anos, 5º ano, Rapaz);*

*"Dificuldade em comunicar com as pessoas" (Escola E B 2, 3 de Real, 13 anos, 8º ano, Rapaz).*

Para muitos professores, é dramático trabalhar com muitos destes jovens. Quando os questionam em português sobre qualquer assunto da aula, dizem não saber a resposta, mas se a mesma questão é colocada em francês, sabem quase de imediato a resposta. Esta experiência tem sido vivida por alguns professores. Sobre este assunto debruçar-me-ei mais adiante.

O facto de os emigrantes falarem o francês ou misturarem as duas línguas, é conotado por muitos portugueses como uma forma de se "armarem". A este propósito, os emigrantes contrapõem os seguintes argumentos:

*"Eu falo melhor o francês que o português. Quando estou com uma sobrinha e o meu marido também fala melhor o francês que o português, entre nós falamos melhor o francês, porque é mais fácil não é p'ra nos gabar, não é nada disto, porque sentimo-nos melhor falar francês, as pessoas oube-nos e dizem: Hã, olha p'ra isto bem eles aqui p'ra se armar. Não é por nos armarnos, as pessoas não penso que nós estamos tanto tempo lá em França... O meu marido está em França desde a idade de 18 anos e aprendeu muito mais tarde e quando bem aqui mistura muito as duas línguas, vai dizendo uma e outra e a o fim e ao cabo nem sabe português nem o francês"* (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).

Mesmo quando procuram falar português, são denunciados pela pronúncia. O que é visto por muitos residentes como factor de exibicionismo "O estrangeirismo que pior cai aos residentes prende-se, no entanto, com a linguagem. Um português a falar francês, inglês ou "sabe-se lá o quê" na terra natal, entre compatriotas, representa uma prática inaceitável perante a qual os residentes estão pouco dispostos a transigir" (Gonçalves, 1986: 154). Trata-se de mais uma das dificuldades vividas por muitos dos emigrantes e descendentes no período de férias em Portugal.

A beleza do país é muito apreciada (a paisagem, os cheiros e as comidas). O mesmo não se pode dizer da mentalidade das gentes:

*"Portugal é um país bonito, mas as mentalidades, não é bem igual"* (Marido Beatriz, 40 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).

Alguns dos alunos inseridos em escolas portuguesas que já foram emigrantes afirmam que o que menos apreciaram em Portugal, durante as férias, assim como no regresso, foram as pessoas. Destacam, em particular, os "cuscas", ou seja, o hábito de as pessoas se meterem na vida umas das outras:

*"Pessoas não civilizadas"* (9º ano Melgaço, rapaz, 16 anos);

*"Pessoas cuscas"* (8º ano, Melgaço, rapariga, 15 anos);

*"Pessoas egoístas, falsas"* (8º ano, Real, rapariga, 15 anos);

*"Falatório das pessoas"* (8º ano, Real, rapariga, 15 anos).

Portugal, país de sol, boas praias, boas comidas, parece o lugar ideal para se viver, não fossem as suas gentes, pouco civilizadas, "cuscas", egoístas, falsas. Esta é a opinião partilhada por muitos emigrantes.

### 3.2.3. As "enguias"

Os emigrantes, tal "como as enguias, ano mais ano, voltavam sempre ao local de partida - todos fiéis à família ou à palavra dada (...)" (Ribeiro, 1986: 76).

Em Melgaço, nos anos 80, os emigrantes eram como as "enguias" com vontade de regressar a Portugal, esperando apenas oportunidade de "organizar melhor a vida":

a) - Ter a casa construída: *"Quero voltar mas estou à espera de arranjar melhor vida , ao acabar a casa eu venho p'ra qui e o meu marido vai ficar um tempo por lá"* (Márcia, Paderne, 25/8/83). A construção da casa marca a vontade de voltar, é como um sinal de regresso.

b) - Juntar dinheiro suficiente para montar um pequeno negócio, ou ficar a viver de rendimentos: *"Aqui vou viver do meu trabalho, tenho a minha profissão e a minha mulher c'o a casa, agora fiz um comerciozinho p'ra ela"* ( Arménio Augusto, Galvão, 23/8/83). *"Conto ficar por lá até ter uns 40, 50, p'ra ter uma casa. Depois ideias tenho muitas, montar uma discoteca aqui em Portugal, tenho ideias de fazer umas casas e alugar, outra ideia é montar um café"* (Paulo, Prado, 27/7/83).

Em Melgaço, os emigrantes criticam muito o facto de não existirem fábricas ou outras fontes de emprego, para além da agricultura e do comércio. Nenhum emigrante quer regressar para voltar a viver como antes de partir para o estrangeiro: *"A mim puxa-me vir p'ra cá, mas de maneira que viesse p'ra cá não andar a mando de ninguém. Gostava de ver muitas fábricas, bastantes, fazer 8 ou 9 horas por dia e depois inda fazer uns trabalhos, sulfatar e assim"* (Alberto , Paderne, 25/8/83).

*"Aqui gostava que houvesse fábricas, porque as mulheres aqui só podem trabalhar na casa ou no campo, não há mais nada p'ras mulheres"* (Márcia, Paderne, 25/8/83).

*"Aqui, em Portugal o que não há é fábricas, queria saber é se pudessem vir e desenvolver Portugal, montassem fábricas... se montasse p'raí uma fábrica que pagasse*

*mais ou menos, eu vinha p'ra cá, já há 14 anos que sou maçon" (Cucos, Prado, 21/8/83).*

c) - Esperar que os filhos atinjam determinada idade para ficarem independentes dos pais:

*"Devido à situação dos filhos venho, mas ele vai- se sujeitar mais um bocado. Se os filhos já fossem grandes, já podíamos regressar, mas os filhos ainda são pequenos, ainda têm os estudos, temos que aproveitar, temos muito que gastar com eles" (Manuel, Prado, 20/8/83).*

*"Eu sim, quero regressar, não sei é quando, agora estamos à espera dos estudos dela e agora casou-se o meu filho e está sem emprego, a gente temos de olhar por ele e por minha mãe, mas p'ra já o que temos não dá p'ra nós e p'ra família" (Maria Fernanda, Paderne, 24/8/83).*

*"Eles (filhos) também vêem que os pais têm aquela ideia de os pais não ficarem em definitivo e estão sempre instável e preferir, preferem aqui" (Benjamim, Paderne, 22/8/83).*

Se pensarmos que 49,6% dos alunos que frequentam, actualmente, a Escola Secundária de Melgaço, são filhos de emigrantes (mãe, pai ou ambos), isso prova como este concelho continua muito marcado pela emigração, mas evidencia também a permanência do objectivo do regresso, se atendermos à opção e ao investimento feitos na educação dos filhos em Portugal.

Em Braga, quando perguntámos a uma entrevistada se pensa regressar a Portugal, respondeu que "sim" e começou a chorar. A entrevista foi continuada por uma filha que emigrou com 18 meses para a Alemanha, mas já investiu numa casa em Portugal e que faz questão de mencionar que mesmo os nomes das filhas são portugueses: *"pus nomes portugueses, Andreia ... e não Veronique ou outros (...) Esta entrou p'ra escola alemã, mas tem aulas na portuguesa" (Senhora Palma, Merelim S. Pedro, 36 anos, 21/7/00).* Ao marido o que mais lhe custa *"é quando chego lá começo a pensar as férias p'ró ano, a gente aproveita sempre ao máximo, se pudesse abalar só p'ró ano..." (Senhor Carlos Palma, Merelim S. Pedro, 44 anos, 20/7/00).*

A vontade de voltar à terra Natal, é forte, para alguns, nem que seja em "quatro tábuas": *"se Deus quiser, se não correr o contrário é aqui que eu devo morrer" (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).*

Em Braga, as opiniões dividem-se. Existe uma minoria que encara o regresso como uma perspectiva possível, mas a maior parte pensa prosseguir a vida no estrangeiro, usufruir das regalias sociais, nomeadamente no domínio da saúde e continuar perto dos filhos. Portugal ficará apenas como país de visita em tempo de férias, usando a maior parte das vezes como alojamento casas de familiares.

Em muitos casos, sobretudo os mais velhos, primeira geração, é o sistema de saúde dos países onde estão emigrados que os leva a afastar a ideia do regresso definitivo:

*"Eu, Deus me livre, se estivesse cá em Portugal já estava enterrado. Gosto muito de Portugal que é a minha pátria, mas p'ra habitar p'ra sempre é em França" (Senhor Ricardo, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

Outra razão que prende os emigrantes ao estrangeiro é o facto de os filhos terem orientado e organizado a sua vida nesses países. Entretanto, nasceram os netos e Portugal passa a ser o país que se visita em férias:

*"Nunca mais (regresso), não porque eu agora fiz a um filho uma garage de madeira, temos lá duas peças<sup>1</sup> com um quarto, uma cozinha e salita, temos uma casa de banho e agora não pago aluguer nenhum, concerteza ficarei por lá" (Senhor, S. Paio de Merelim, 65 anos, 20/7/00).*

Por último, existem aqueles que não regressam até o nível de vida atingir determinada qualidade. Preferem ficar no estrangeiro principalmente devido aos salários auferidos. Não pensam regressar porque a vida que deixaram para trás, em Portugal, não lhes traz boas recordações:

*"Sinto saudades quando é maré de férias, mas p'ra viver aqui não, não porque eu foi p'ra lá com 17 anos e meio, deixei os meus estudos à idade de 10 anos, era o primeiro na classe, os meus pais ero labradores, donc escrever p'ra eles, uma esferográfica não servia p'ra nada, eu fiz a escola e a vida p'ra mim era trabalhar e mais nada, a vida aqui era muito amarga..., antes quero o mal de lá do que o bom daqui. Tenho a minha casa lá" (Marido Beatriz, 40 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

Muitos emigrantes tornam-se "enguias" veraneantes. Portugal passou a ser o país de origem, onde estão as suas raízes, para muitos, apenas bom para viver em férias.

---

<sup>1</sup>- Alojamento equivalente a um T1.

### 3.2.4. A saudade

Pascoaes definiu a saudade como "o desejo do ser ou da coisa amada, em conjunto com a dor pela sua ausência. Desejo e dor confundem-se num só sentimento" (Pascoaes, 1986 (1912): 25). Segundo este autor, os portugueses são o único povo a ter esta palavra, intraduzível noutros idiomas. A saudade vai combinar dor, desejo e esperança. António Sérgio sustenta que esta palavra é na realidade traduzível. No galego, aparece-nos soledades, no catalão, anyoransa, no italiano, desio ou disio, no romeno, doru ou dor, no sueco, saknad ou savn e no islandês, saknaor (Sérgio, 1986 (1914): 61).

Saudade é um sentimento do qual quase todos emigrantes falam, ou pela sua presença, ou pela ausência.

Uma emigrante com relações familiares muito conflituosas devido à distribuição das heranças, considera que não tem saudades:

*"Não, eu não sinto saudades, eu por mim preferia viver lá do que aqui, não tenho saudades nenhuma de vir de férias" (Prazeres, 42 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00).*

Outra entrevistada recorda que a vida aqui era muito difícil. Partiu para a França, com oito filhos, para se encontrar com o marido, pois duvidava da vida que este levava. Quando chegou a França não tinha onde dormir, mas é com orgulho que contou que em três meses, só com o abono da família dos filhos, juntou 80 contos, que naquele tempo davam para comprar uma casa. Em relação às saudades, conta que *"na maré não tinha nenhuma, não tinha porque olhe vivia ali em cima na casa, eu fazia por muitas hortaliças, roubabo-me tudo"*(Senhora Cremilde, 59 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).

Mas a maior parte dos emigrantes, mesmo aqueles que não pensam regressar, admite que as saudades são muitas:

*"Tinha saudades de vir cá, tinha dificuldades e tinha de lá ficar. Os anos que não podia vir foi de problemas dum filho que me nasceu aleijadinho,... dantes contava pelos dedos os dias, minutos e segundos, tudo..." ( Senhora, 62 anos, Merelim S, Paio, 27/7/00).*

As saudades são da família, da praia, das comidas:

*"Ai levo recordações, eu muitas vezes chego lá e digo, ó bamos outra vez para Portugal. Há saudades da terra, tenho cá toda a família, os meus irmãos. Tanto que o*

*médico disse bá pa Portugal que le vai fazer bem... ver a família, ir à praia..." (Senhora Adélia Mota, Merelim S. Pedro, 50 anos, 29/7/00).*

Durante as férias, existe a preocupação em fazer "boa figura", mostrar uma vida decente em Portugal, transmitir boa imagem:

*"... nós imos e pensamos na nossa terra, na gente que deixamos e é muito duro. Tenho saudades da minha terra, da minha família, dos meus amigos, estou lá e lembro-me de toda gente... Bom nós estamos em França, logo que daqui imos temos saudades de tornar, mas depois assentamos coração e começamos a pensar nos filhos, pensamos que biemos aqui a Portugal e fizemos uma bida decente, tornámos a recuperar naquele ano, p'a bir cá outra bez... lebar boa impressão comigo p'a remontarmos lá" (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

O momento da partida é vivido com uma certa amargura:

*"O que eu menos gosto é de ir embora, quando tenho que ir embora; o mais do resto gostava de estar cá sempre se pudesse. Tenho 50 anos conto pelo menos aguentar mais três para vir com a reforma. Deixo lá da minha pele 30 anos." (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).* As filhas deste emigrante frequentaram a escola em Portugal, tirando cursos superiores na área do ensino, mas neste momento encontram dificuldades de emprego. O pai é quem as ajuda a nível económico. Fez a viagem durante a noite e chegou a Portugal às 9 horas da manhã; no final da tarde, quando fez esta entrevista ainda não tinha descansado. Tinha passado o tempo a visitar família e amigos. A entrevista decorreu no café do irmão, que já tinha sido emigrante.

Existem emigrantes que, apesar de virem a Portugal apenas em alguns períodos de férias e de a sua trajectória de vida estar orientada para o estrangeiro, conseguem manter vivos os laços com Portugal e se afirmam como portugueses em questões como, por exemplo, o futebol:

*"... Os meus sobrinhos, que a mãe é francesa, o pai, o meu irmão, é português, foi o futebol lá em França, o Europeu, e eles era todos Portugal e esses só biero uma bez a Portugal" (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

São, todavia, os netos, já inseridos na sociedade francesa, e com percursos de vida muito diferentes dos pais, quem faz referência às suas origens portuguesas com mais orgulho, não como algo "escondido".

### 3.3. As viagens

Uma das características das férias dos emigrantes é o tempo disponível para actividades de lazer. Neste âmbito, o papel do automóvel é de extrema importância. Em termos físicos, ele permite evasão e ruptura franqueando o acesso a muitos locais.

No que respeita ao tipo de visitas, segundo os guias turísticos, podemos distinguir:

- a excursão (menos de vinte e quatro horas);
- a curta estadia (um a quatro dias);
- as férias (quatro dias a quatro meses).

Durante o período de férias, em Portugal, os emigrantes realizam sobretudo excursões e viagens de curta estadia a diferentes localidades. Nas suas práticas de lazer, o emigrante pode exprimir-se de formas distintas, algumas delas reprimidas durante o tempo do trabalho.

#### 3.3.1. Curtas evasões

Em Melgaço, as termas do Peso são o local de eleição para as tardes de verão de muitos emigrantes: *"Em Portugal gosto de tudo, gosto do Peso"*(Manuel, Prado, 20/8/00).

O uso das praias, que no início do século era quase exclusivo das elites vai alargar-se, gradualmente, a outros grupos sociais, incluindo os emigrantes. O espírito de liberdade caracteriza estes lugares:

*"Gosto mais de Espinho é outra mentalidade, tem mais coisas p'ra sair, tem praia, com os meus amigos vou à discoteca"* ( Adeline, Prado, 20/8/83).

Em Braga, a preferência dos emigrantes também recai sobre a praia. Não só as praias do Norte, mas também as do Algarve:

*"É só vir cá por ser a terra que a gente nasceu, de resto o país é bom, tem praias bonitas, prefiro ir de viagem ao Algarve, já lá estive e gostei, é calor, sempre é melhor do que aqui"* (Prazeres, Merelim S. Pedro, 42 anos, 26/7/00).

O facto de as praias do Norte possuírem um clima incerto (frio, chuva e, sobretudo a nortada) leva muitos emigrantes a procurar o Algarve, local que se tem tornado acessível, em termos económicos, e de deslocação física (o automóvel com ar condicionado permite fazer esta viagem com alguma rapidez e conforto):

*"...agora tenho ido 15 dias p'ro Algarve e 15 dias aqui. As praias aqui são um bocado frias e lá é outra coisa, são mais quentes. Agora faço férias em dois sítios, mas dantes era aqui em Merelim ou ia à praia de Esposende, Viana, cheguei a alugar casa na Póvoa do Varzim, mas não gosto de estar preso naquele sítio, gosto de ir hoje aqui, amanhã acolá" (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).* O sentimento de evasão, de liberdade, de ruptura com os condicionalismos, tais como os horários, marca as férias dos emigrantes.

Os passeios, mesmo que sejam na cidade de Braga, servem para admirar o progresso, o crescimento e as diferenças em relação a um tempo "antigo":

*"A cidade de Braga é um luxo, modificou muito, está muito bonita, dá gosto andar lá. Quando éramos mais novos íamos a praias e viajávamos mais um bocadinho, mas agora, na nossa idade, é ir à cidade de Braga e estar em família" (Senhor Ricardo, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

Mesmo que não façam grandes passeios pelo país, admirar a sua terra, passear na aldeia, tomar café, comprar o pão ou ir à "tasca", constituem actividades que adquirem um sabor especial para os emigrantes:

*"Merelim S. Pedro é a coisa mais bonita em Portugal. O meu marido é Alentejano, mas a terra que mais gosta é Braga. Já estive no Algarve, já conheço Portugal inteiro, a parte que não conheço é as ilhas" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).* O regresso à terra natal, o reencontro com certos lugares, cheiros e outros pequenos prazeres continua a motivar os emigrantes.

O turismo cultural não é um bem de fácil acesso, pressupõe a existência de capital económico, mas, mais do que isso, é necessário o domínio de certos códigos para a apropriação e usufruto certos lugares sem incómodo nem estranheza. Muitos emigrantes, graças ao percurso realizado no estrangeiro, nomeadamente ascensão sócio-profissional e o contactos com outros meios sócio-económicos, visitam determinados locais com o duplo objectivo de se enriquecerem culturalmente e de reencontrarem as suas "raízes":

*"E os monumentos, eu já estive no Algarve, Nazaré, vários anos, agora não vou p'ra esses sítios, temos aqui coisas muito bonitas que não damos importância e que*

*estão aqui bem à nossa beira, como é essa zona do Gerês, o Mosteiro da Póvoa de Lanhoso. As pessoas falam muito no Algarve assim... O Algarve é bonito p'ra quem nunca lá foi, eu já lá fui três vezes, p'ra mim chega. Depois outra coisa coisa que se vê bem.... venho da Póvoa do Varzim e vou p'ra lá amanhã passar quatro dias num hotel... por exemplo a tourada, o ano passado na Nazaré assisti, muito bonit "* (Senhor Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00).

Em Portugal, os emigrantes destinam parte do seu tempo de férias à praia, com destaque para a Nazaré e o Algarve. Gostam de conhecer o património cultural, principalmente, dos locais onde habitam. Muitas visitas têm cariz religioso. Por exemplo, em Braga, são frequentes as visitas ao Bom Jesus, Sameiro e Santa Marta.

A preocupação em vir de férias todos os anos não é sentida da mesma forma pelas gerações mais novas. Normalmente repartem as suas férias por vários locais, cabendo a Portugal apenas uma parcela. Nem todos os esforços económicos e afectivos são canalizados para o mesmo lugar. Para os mais jovens, Portugal já não é o país do regresso previsto, reduz-se apenas a um local de férias:

*"Já estive uma semana nas Caraíbas e agora vou para o Algarve"* (Senhor Álvaro, Merelim S. Pedro, 36 anos, 21/7/00).

*"Mas em França já gozei férias, fui a Paris, à Disneyland. Aqui eu gosto de ir à praia, mas também gosto de visitar monumentos. O ano passado fomos passear e visitar o Mosteiro da Batalha e sempre adoro estas coisas as minhas raízes...Fomos à Nazaré, Figueira da Foz, Aveiro... Lisboa mas precisava de uma pessoa que nos lebe, que me mostrasse, fomos à Expo e inda não estava acabado, fomos ao Bairro Alto, mas precisamos de uma pessoa que nos lebasse aos locais, aquilo é muito grande."* (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00)

Lamentam a ausência de indicações em muitos lugares, como Lisboa. Consideram que seria uma boa iniciativa, por sinal lucrativa, se oferecessem programas e visitas guiadas, pensados para os emigrantes, de forma a faze-los sentirem-se orientados e não perdidos. Talvez seja de considerar a hipótese da proposta de programas, não muito extensos ou dispendiosos, destinados aos emigrantes. Desde que devidamente organizados e publicitados, seriam susceptíveis de granjear a adesão, sobretudo nas gerações mais jovens.

Os jovens regressados que estudam em escolas portuguesas, quando questionados sobre as melhores recordações das vindas de férias a Portugal, respondem:

*"Ver a família, brincar com os meus primos, ir às praias, viver na casa dos meus pais, visitar Portugal inteiro" (Escola E B 2, 3 de Real, 6º ano, rapariga, 14 anos).*

*"Visitar a família, brincar com os meus amigos e ir à praia" (Escola Secundária de Melgaço, 5º ano, 11 anos, rapaz).* Portugal sobressai como o país onde se visitam familiares e amigos, mas também como um espaço de férias onde as praias assumem uma posição privilegiada.

### **3.3.2. Itinerários de sonho**

Para além de tudo o que normalmente se faz em férias, existe sempre a possibilidade de sonhar e, em particular de planear futuras pequenas viagens. Uma das questões colocadas era: "Que locais gostaria de visitar e que tipo de alojamento seria escolhido?". Foi com base nas respostas obtidas que se delinearão alguns dos seus sonhos.

Muitos emigrantes, caso se deslocassem mais de um dia da sua residência habitual de férias, encavam recorrer, para alojamento, ao hotel ou a quarto para alugar. Os destinos de sonho, são: Lisboa, Algarve, Nazaré, Alentejo e vários locais associados à religião como Fátima, Santa Luzia, Sameiro, Bom Jesus e Santa Marta:

*"Gostaria de ir ao Algarve, não fomos lá, talvez p'ró ano" (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).* Diz-nos uma filha de emigrantes em França, onde possui casa própria e onde decorre a educação dos filhos, que costumam passar "férias à neve" e a Inglaterra, quando têm possibilidade. Em Portugal, está alojada em casa de familiares, e quando passeia, aluga quarto.

*"O que eu gostaria de visitar era Lisboa" (Genro da Senhora Cremilda, 38 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).* Emigrante na Suíça, confessa não gostar de Portugal, aposta na educação dos filhos na Suíça e não pensa regressar. Portugal é apenas país de férias e para alojamento usa a casa da sogra.

*"Lisboa não conheço, gostava de ir a Lisboa, o Porto conheço" (Senhora Adélia Mota, 50 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).* Gosta muito das férias em Portugal. Embora esteja casada com um francês, não se importaria de viver para sempre em Portugal. Aprecia comer em bons restaurantes e passear na praia. Gosta de percorrer a cidade de Braga e aprecia os espectáculos que a Câmara promove, durante as noites de

verão, no Campo da Vinha. As filhas estão radicadas em França, mas vêm gozar férias a Portugal. Em Portugal, aloja-se na casa da mãe.

*"Gostaria de ir ao Algarve, Lisboa, e escolheria um hotel p'ra dormir"* (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00). Em Portugal, usa como alojamento a casa de familiares, que, por sua vez, se deslocam a França e ficam na casa dele, também para passar férias. Admirador de ranchos folclóricos, fundou um em França.

*"Escolhia, para conhecer, Estoril e Cascais"* (Senhor Álvaro, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00). Diplomado, este emigrante no Canadá demonstrou relutância a ser tratado pela designação de emigrante, o que me levou a empregar o de turista. Em Portugal, diz fazer-se passar por Inglês pois em locais como o Algarve, consegue, desta forma, melhor atendimento. Gosta de viajar e conhecer o país, e usa habitualmente o hotel como alojamento.

*"Gostava de conhecer o Alentejo, as minhas filhas estibero lá, gostava muito"* (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00). As filhas fizeram a escolaridade em França, mas a universidade em Portugal. Conhece Évora, pois foi a cidade onde as filhas estudaram e aspira visitar mais zonas do Alentejo. É emigrante em França.

*"Olhe actualmente gostava de ir ao Gerês, a Viana do Castelo, Santa Luzia, Sé de Braga está em obras, gosto de ver a restauração..."* (Senhor Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00). Emigrante na Suíça, recorre habitualmente ao hotel como alojamento quando visita o País. Não gosta de permanecer mais de três quatro dias no mesmo local.

*"Gostava de ir à Madeira e aos Açores. Já conheço Portugal inteiro"* (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00). O marido é do Alentejo e, como refere, o carro tem ar condicionado, o que lhe torna as viagens agradáveis. Prefere alugar quartos quando se desloca pelo País. É emigrante na Alemanha, mas tem ideia de regressar a Portugal, onde construiu uma casa. As filhas frequentam a escola portuguesa na Alemanha.

### **3.4. A suspensão do tempo e do espaço**

A ideia de férias constitui-se em torno da suspensão da normalidade, do curso habitual das coisas, e portanto, caracteriza-se teoricamente, por uma atitude de disponibilidade e de abertura.

As férias abrem um parênteses que corta o tempo do quotidiano. Mas este intervalo, este tempo de férias, tem de ser preenchido e ocupado. Neste âmbito, poderá observar-se um fosso entre o tempo objectivo e o tempo subjectivo. O tempo, nas férias, pode ser mais ou menos denso, passar depressa ou, pelo contrário devagar (Laurent: 1973).

As férias inserem-se em datas fixas no ciclo de vida anual dos emigrantes, e constituem um marco por contraste. É algo que se espera com alguma impaciência. Neste sentido, são objecto de projectos antecipados, previsões e programações que manipulam o tempo. Elas alimentam a esfera afectiva e o imaginário do indivíduo que as vive por antecipação (e após as férias, como reminiscência).

Introduzindo uma ruptura, as férias são um tempo entre parênteses (Gonçalves, 1991), que se vive com intensidade, que se opõe à rotina quotidiana. Mas o tempo liberto não é necessariamente um tempo livre (Laurent: 1973; Rauch: 1993).

Durante este tempo extraordinário, podem ser desempenhados papéis diferentes dos desempenhados no resto do ano.

Em relação ao espaço, as férias dos emigrantes desenrolam-se fora da sua residência habitual. Por um lado estão longe do local de trabalho, potenciando-se os momentos de evasão. É um período de redução das actividades produtivas, de abandono momentâneo das funções sociais de trabalho. Os emigrantes acedem a um modo de vida (temporário). Não se trata de um espaço e de um tempo vazios, mas dinâmicos e tensos, onde se jogam e se vivem situações e experiências importantes.

### 3.4.1. A conquista do espaço e da liberdade

No questionário distribuído aos filhos dos emigrantes, actualmente inseridos em escolas portuguesas, estes recordam as férias em Portugal como um período em que usufruíam de muita liberdade. É um tempo contraposto ao vivido no estrangeiro: *"É um país bonito, tenho mais liberdade do que em França, essa liberdade é viver numa casa, pois em França vivíamos num apartamento, onde tinha que sair acompanhada"* (Escola Secundária de Melgaço, rapariga, 11 anos, 5º ano).

A experiência de férias em Portugal é o oposta à vivida no estrangeiro. No estrangeiro a vida é mais presa, as saídas são reduzidas, vive-se, sobretudo, para trabalhar. Em Portugal procura-se o movimento, o convívio com as pessoas e a evasão:

*"Gosta de estar aqui (em férias), antes quer estar aqui. É outra liberdade, é o convívio,. Lá cada um trata da sua vida, não tinha liberdade, está na escola durante o dia presa, não tinha a liberdade que tem aqui "* (Mulher , Corredoura, 23/8/83).

*"Gosta daqui, lá não tem coisas como aqui, é de casa p'ró colégio, não tem liberdade como aqui... diz que é uma prisão, ao domingo saem connosco os quatro, é diferente"* (Lindalva, Galvão, 23/8/83).

Encontramos outros testemunhos que reforçam a ideia de Portugal como País com mais espaço e liberdade do que no estrangeiro. Por outro lado, em tempo de férias, é permitido um maior contacto com a natureza:

*"O que mais apreciava nas férias é que tinha mais liberdade para brincar, podia andar a passar e vi cobras que lá na França não as vi"* (Escola secundária de Melgaço, 6º ano, rapaz, 14 anos).

Muitas opiniões recolhidas em Melgaço, no verão de 1983 vêm de encontro à ideia de que em Portugal há mais espaço, incluindo nas habitações: *"Vivo num quarto, num quarto que remédio nós temos de nos sujeitar..."* (Teresa do Fraco, Prado, 21/8/83).

Estes emigrantes têm como objectivo o regresso. Por isso o investimento que se faz no conforto da casa e numa certa qualidade de vida é prioritariamente feito em Portugal.

A vida de férias em Portugal parece atravessada por uma dinâmica inversa àquela que se vive em França. Os convívios alargam-se, as saídas sucedem-se, as rotinas são quebradas:

*"O Artur já não quer ir embora, o do meio está aqui a sentir-se melhor, não que chegamos lá é escola. Ao chegar lá queriam vir já embora. Têm todos a ideia de Portugal de virem de férias ...lá não se sai, só se fala com o marido e com os filhos na casa e mais nada, é uma vida oprimida para os que não querem gastar dinheiro" (Mulher, Penso, 25/8/83).*

No estrangeiro vive-se para o trabalho e todos os esforços se conjugam no sentido de juntar dinheiro. Na maioria dos casos, trata-se de uma vida triste. Em Portugal multiplicam-se as diversões, abundam os amigos e as pessoas mostram-se sempre alegres:

*"Aqui vou às discotecas, vou aos bailes, falo com amigos (...) Lá é sempre escola/ casa, passo sempre por aquelas coisas e pessoas sempre triste. Cá é mais fácil, pessoas sempre alegres. Lá só se levantam da cama p'ra ir trabalhar e aqui não" (Zé Manuel, Paderne, 21/8/83).*

Ao contrário do que se passa em Portugal, as saídas no estrangeiro são reduzidas e tenta-se permanecer invisível. Nos diferentes grupos sociais, a invisibilidade está associada à desvalorização social, acompanhada, nos emigrantes de uma certa vergonha cultural

*"Quer dizer, nós fazemos uma vida praticamente de escravos. Nós não saímos, não vamos ao cinema (...), quer dizer dentro de casa fazemos um vida normal, o que não temos é aquela coisa de ir a um cinema, de ir à praia. O meu filho tem uma rapariga e vai com ela p'ro cinema, vai com ela p'ros bailes, é francesa" (Tio João, Prado, 23/8/83).*

Em Braga, nas freguesias em que foram realizadas as entrevistas, verificámos que em alguns casos, sobretudo quando existe o objectivo de regresso a Portugal, ainda persiste a oposição entre a vida que se tem no estrangeiro e a vida que se tem em tempo de férias, reflectindo-se em aspectos tais como o espaço físico disponível, o conforto, as saídas e outros "privilégios" inexistentes, ou raros, no estrangeiro:

*"Gostam de estar aqui, eles (filhos) estão mais à vontade, eles lá não têm nada disto e aqui admiro, podem andar aqui a brincar. Nós moramos ali atrás na quinta da Goja, lá também tem aquele pátio, elas estão sempre a brincar lá em baixo, por isso que as meninas admiro aqui o ambiente (..) Nós lá vivemos no meio da cidade, não se pode sequer deixar uma horinha brincar lá p'ra baixo, está muito trânsito. Elas coitadinhas se nós temos tempo vamos ao parque e mais nada. E é quando podemos, às vezes temos de ir aos médicos de tarde, porque eu trabalho de manhã. Tens que ir às*

*compras, uma vez que tens tempo está a chover, não podes sair de casa, pode-se contar pelos dedos as vezes c'as meninas bão ao parque" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00). Em Portugal, existe uma atracção especial por tudo aquilo que não se pode fazer no estrangeiro: "passear, ir à praia, tudo um bocadinho, fazer o que lá não se faz" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00). Esta frase diz-nos quase tudo sobre as férias dos emigrantes. Em Portugal podem e gostam de fazer tudo o que não fazem no estrangeiro.*

Sentir mais liberdade e conforto, em Portugal, é também para onde aponta o testemunho desta emigrante, que partiu para o estrangeiro uma bebé mas que investe económica e afectivamente em Portugal, com a perspectiva de um dia regressar. Em Portugal, os pais estão mais disponíveis para sair com os filhos e os recursos existentes são outros:

*"Aqui tínhamos mais liberdade, tínhamos os primos, lebabo-nos com eles, saíamos muito, todos os anos gostávamos de vir cá... ensinábo-nos muitas coisas daqui, jogos que nós não conhecíamos, ir p'o rio, porque lá não temos nada disso. Os meus pais aqui metia-nos a todos no carro e todos p'o rio uma tarde inteira. Nós lá não saímos. Temos uma piscina, mas é preciso pagar e os meus pais não tinha dinheiro p'a pagar, nós aqui temos o rio" (Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

No estrangeiro passam os tempos livres, dia após dia, fechados em casa. Em contrapartida, durante as férias aproveita-se para "profitar" do espaço e gozar de uma maior sensação de liberdade, mesmo que seja a fazer pequenas coisas e a saborear ínfimos prazeres:

*"Gosto das praias, gosto de me entreter a jogar umas cartitas e à malha, são os meus jogos preferidos, ver televisão, também gosto do café, já gostei mais, a gente vai evoluindo,... aqui gosto muito das praias, não gosto de estar fechado em casa, porque já chega em França, gosto muito dos animais, tinha três, agora tenho dois" (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).*

Quando os emigrantes não se pautam pela perspectiva de um eventual regresso, o investimento no conforto e qualidade de vida é feito no estrangeiro. Nestes casos, já não existe uma tão grande clivagem entre os estilos de vida no estrangeiro e durante as férias em Portugal:

*"Ora aton eu lá em França tenho lá a minha vida. E o dar aos nossos filhos o necessário e o conforto é onde estamos, porque eu ter uma casa fechada aqui, bimos cá a casa em França fica fechada um mês, a casa cá fica fechada um ano" Em Portugal*

aprecia-se sobretudo passear, passar o tempo em família e assistir a espectáculos: *"É bom passear, bamos bisitar santinhos, passar tempo em família, assistir a espectáculos, ranchos, é a minha alegria..." (Senhor Armando. 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00)*

Estes testemunhos mostram que apesar das férias passadas em Portugal, do apego ao País, e dos laços familiares, a ideia de regresso está posta de lado. Os investimentos em termos de qualidade de vida, são feitos no estrangeiro:

*"O que menos gosto de fazer em férias é lavar a louça, tenho máquina de lavar louça lá e benho aqui a minha sogra também tem de ter uma" (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

*"Parce qu'en France on vit mieux" (Filha da Beatriz, Merelim S. Paio, 15 anos, 24/7/00).*

*"É verdade que em França a gente tem as casa com conforto, banheira com água quente, têm tudo, têm mais luxo e mais conforto" (Marido Beatriz, 40 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

As férias, nestes casos, são frequentemente repartidas em pequenos períodos. Durante o ano, são aproveitadas para visitar outros locais, em França, em Inglaterra ou noutros lugares, normalmente próximos do País onde residem.

Em Portugal, as visitas a familiares mantêm-se como uma constante. Mas gostam de passear e de conhecer o país: *"Bisitar o país, pegamos no carro e bamos passear, gostamos muito de pegar no carro e dois dias de hotel aqui, dois dias ali, p'ra ver o máximo de coisas" (Beatriz, Merelim S. Paio, 36 anos, 24/7/00).* As férias, mesmo em Portugal, não se limitam ao torrão natal. Repartem-se por diferentes locais do país, com recurso ao aluguer de quarto ou de hotel, quando a estadia se prolonga.

### **3.4.2. A luta contra o tempo**

O tempo, por vezes, custa a passar. A ausência de brinquedos ou de actividades de lazer parece abrandar o tempo desta criança:

*"O meu filho de 7 anos, inda hoje de manhã me perguntou, ó mãe quando vamos embora p'ra França? Eles gostam de vir aqui, mas depois... começam a ficar cheios, se tivesse brinquedos como ali em Vila Verde, chegam ali, saltam, temos lá a família da minha mulher" (Cucos, Prado, 21/8/83).*

Uma aluna, da escola de Melgaço, que esteve em França, dá-nos uma visão de que em férias tudo corria bem. O tempo passava depressa e as diversões eram abundantes. Mas, segundo a sua experiência, as coisas funcionam de forma diferente quando o regresso é definitivo:

*"Enquanto se está aqui de férias está tudo bem, mas quando é para ficar, torna-se uma seca" (Escola Secundária de Melgaço, 9º ano, 15 anos, rapariga).* Em férias, o tempo foge. Cria-se uma imagem de Portugal, que não tem correspondência no regresso. A agitação do sol e do verão, não duram todo o ano. Portugal é um país bom para férias, mas não para viver, *"vivre ici jamais, jamais..." (Filha Beatriz, 15 anos, Merelim S. Paio, 24/7/83).*

Apesar de as entrevistas em Melgaço e em Braga terem sido efectuadas em diferentes épocas, todos concordam que em Portugal o tempo passa normalmente depressa e que não chega para fazer tudo o que se tinha planeado (assuntos administrativos, passeios, trabalhos, etc.). Mesmo os que não pensam no regresso definitivo consideram que o tempo é escasso, peculiar e que se vive de forma diferente.

O tempo é pouco para os trabalhos com a casa: *"Estou de férias, mas eu não tenho férias, nem um dia parei, posso estar aqui um bocadinho, mas tenho de trabalhar...." (Tio João, Prado, 22/8/83).*

Os dias são passados numa correria, sempre apressados com muitas tarefas a fazer: *"Entrevistador - Entre p'ra qui e sente-se.*

*Dulce - Não posso, porqu' olha tenho d'ir à Vila, temos qu'ir buscar de comer, mas tu tens aí o Tone e a Deolinda..." (Dulce, 22/8/83, Paderne).*

Existe, inclusivamente, falta de tempo para si próprio, sobretudo quando os trabalhos e afazeres domésticos se juntam aos encargos da construção casa:

*"A senhora quando aqui chega não pode consagrar o tempo nem a si próprio, nem à família, nem aos filhos. Agora chega aqui e é preciso chamar um picheleiro, agora um pintor, o electricista, há sempre qualquer coisa p'ra fazer" (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

A frequência de certos actos sociais, como as festas e os casamentos, eram vistos como algo que agradava aos emigrantes nos anos 70. Actualmente, o que reivindicam é cada vez mais tempo para si próprios (Dumazedier, 1979). Os compromissos sociais não são vistos como uma forma de lazer, mas antes como algo que ocupa, que rouba tempo e liberdade a um período que se quer vivido de outro modo:

*"Eu até acho giro as pessoas esperar por nós p'ra casar, mas é aquela coisa de dizer não posso ir esta semana p'ra li, porque tens de estar sábado aqui, não tens liberdade, já estás preso por causa de estares aqui nesses dias" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).*

O período que antecede as férias é vivido, no estrangeiro, com ansiedade e expectativa:

*"Aqui (o tempo) passava muito depressa, lá, ui! nunca mais vinha as férias, nunca mais vinha as férias" (Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

Defendem mesmo que para tratar de todos os assuntos precisavam de estar mais tempo em Portugal:

*"Olhe o tempo aqui passa mais depressa, aqui porque só viemos quatro semanas e devíamos vir mês e meio não é, o tempo não chega p'ra tudo" (Senhor Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 31/7/00).*

Mesmo aqueles que vêm para Portugal apenas passar férias, trata-se de um período em que o tempo é vivido com muita intensidade:

*"Filha- Le temps, ici passe très vite; Pai - Ela tem sempre poucos dias aqui, porque sempre que temos d'ir ela quer sempre ir à discoteca, p'ra ela é curto o tempo" (Filha e Marido da Beatriz, 15 e 40 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

Apesar de se estar em férias, o tempo reservado ao descanso e ao repouso é pouco:

*"Mas sabes lá descanso mais, aqui ando sempre p'ra qui p'acolá, tenho coisas que, como aqui lá não tenho ninguém a sujar, o meu marido também me ajuda muito" (Senhora Adélia Mota, 50 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

O ritmo das férias pode ser acelerado, mas não implica stress, como acontece com a vida no estrangeiro:

*"Não gosto de andar a correr como na Alemanha, o stress e assim não gosto. Gosto assim..., aceitar as coisas conforme elas bem, se aparece uma coisa que não gostas, não te enervar, na Alemanha andamos sempre num stress..." (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).*

Nas férias, o tempo, mesmo quando está todo preenchido, parece não ser vivido com stress. Tudo é aceite com mais calma e com outra disposição.

### 3.4.3. Marcação do período de férias

Existem vários factores que influenciam a marcação do período de férias, sendo os mais frequentes a disponibilidade dos patrões, a coincidência das férias do casal e o calendário escolar dos filhos.

Muitos dos emigrantes que têm como objectivo o regresso sempre que podem vêm a Portugal em dois períodos distintos do ano:

*"...todos os anos os meus pais vinho de férias e nós vínhamos com eles... Vou partir amanhã à noite. Nos costumamos sempre vir, quando podemos, duas vezes por ano. Às vezes é pouquinho tempo. Da última vez foi dez dias, desta vez viemos um mês porque tivemos os dois férias na mesma altura, cheguei a Portugal no dia 2 de Julho" (Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

O tempo é aproveitado ao máximo:

*"Estive cá uma semana no Natal e venho agora em Agosto,. A fábrica fecha agora. (...) Cheguei hoje, trabalhei ontem até ao meio dia e cheguei hoje às 9 horas. Saí ontem às 2 horas da tarde p'a chegar aqui às 9 horas... Descansei na viagem, parei 4 horas para dormir e descansar....Vou partir no dia 28, p'a começar a trabalhar na segunda" (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).*

Outro factor que influencia a marcação do período de férias é o calendário escolar dos filhos:

*"Vamos embora p'a semana que vem, dia 5 de Agosto, os meninos já tem escola" (Prazeres, 42 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00).*

Alguns emigrantes repartem as férias não só no tempo, mas também no espaço, gozando-as tanto em Portugal, como nos países em que se encontram emigrados:

*"Sim, já gozei lá na Suíça uma semana, cheguei a Portugal no princípio do mês... Não marquei as férias quando queria, bom, a escola dos meninos..." (Genro da Senhora Cremilde, 38 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).*

Existem ainda aqueles emigrantes que passam uma parte do ano em Portugal e outra no estrangeiro. Fazem-no por vários motivos, entre os quais o usufruto do sistema de saúde no estrangeiro e a ligação com os filhos que lá se encontram:

*"Eu normalmente só posso estar aqui 6 meses e tenho de estar lá outros 6 meses, passo lá o inverno e aqui o verão...aqui sinto-me mal porque me vejo só, lá*

*sinto-me melhor porque estou no meio dos meus filhos, tenho os filhos à minha beira. No meses de Fevereiro, juntei-os todos mesmo o da Suíça e a que está no 78, Nós estamos no 63. Juntei-os a todos c'o meu marido fazia anos e juntei-os a todos na minha casa." (Senhora Cremilde, 59 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).* Os planos de regresso desta emigrante não se concretizaram completamente. Os filhos formaram família no estrangeiro, na França e na Suíça. Confessa preferir usufruir do sistema de saúde do estrangeiro. Sempre que pode reúne os filhos, seja em Portugal durante as férias, onde estes usam como alojamento a casa da mãe, seja no estrangeiro, quando existem datas festivas que sirvam como pretexto.

### **3.5. O dinheiro dos emigrantes**

Nas férias não é só o tempo que voa, o dinheiro também. A relação com o dinheiro é diferente neste período de exceção. Como estão em férias não se importam de pagar determinados bens e serviços, o que não aconteceria caso estivessem no estrangeiro ou noutros períodos do ano:

" Os emigrantes (...) inserem(-se) numa estratégia ditada pela lógica espacial em que se jogam as figuras de um ethos promocional em oposição às figuras de um ethos ascético. As práticas de poupança fora, no país de estadia, regidas pelo ethos ascético correspondem antiteticamente às manifestações perdulárias e consumptórias, regidas pelo ethos promocional, dentro, no país de origem. É a dupla referência ética que origina os sentimentos de ambivalência observados quando o emigrante se deixa apanhar nesta rede contraditória análoga aos mecanismos de dominação bem conhecidos do "double bind" (Rodrigues, in Arroteia: 1984).

A maior parte dos residentes considera que os emigrantes sobrevalorizam o poder do dinheiro. "A maneira como exibem e invocam o dinheiro e o erigem em padrão de avaliação de todas as coisas, tudo isto constitui um manancial de práticas que exasperam os residentes, (...)" (Gonçalves: 1986).

Mas que visão têm do dinheiro os emigrantes?

Os emigrantes em férias vivem de forma diferente e gastam de forma diferente. A relação que mantêm com o dinheiro, durante o ano muda radicalmente quando estão de férias.

A maioria dos emigrantes entrevistados considera que, no período de férias, é explorado. Os preços em Portugal, quando comparados com o estrangeiro, são elevados. Por outro lado, observa-se uma maior propensão para gastar o dinheiro.

### **3.5.1. A "carteira cheia"**

"Portugal é muito lindo,  
só nas férias de verão:  
Leva-se a carteira cheia  
E volta-se sem um tostão"

(Campos, M. Rosa, Vila Nova (Montalegre) in Lourenço, J., 1981:171)

Durante o período de férias são muitos os gastos. Fazem-se a uma grande velocidade. Este ritmo de despesas não deixa de preocupar os emigrantes:

*"Eu estou aqui desde o mês de Julho...já tenho 100 contos gastos, diga-me em quê? Inda tenho mais dez dias pela frente. Lá a gente a vida está cara, mas não se vê o dinheiro sair como aqui" (Aurora Prado, 22/8/83).*

A maior parte dos emigrantes considera que nunca aguentaria viver desta forma durante muito tempo:

*"... gasto mais agora num mês, do que gasto daqui em diante se for preciso em dois ou três meses..." (Senhora Cremilde, Merelim S. Paio, 59 anos, 25/7/00).*

Mas se o dinheiro foge, é também porque, em Portugal, os preços sobem nos períodos em que estão de férias e porque são vítimas da exploração por parte dos residentes:

*"... chego aqui assim só não o fodem mais porque não podem, dizem, este traz dinheiro, é emigrante. Uma pessoa diz qualquer coisa, dizem, na França é melhor. Inda gozam por cima. Ó tu tens dinheiro, tu podes..." (Arménio Augusto, Galvão, 23/8/83).*

Na óptica dos emigrantes, a maior parte dos residentes não tem em conta as "suas lutas" e dificuldades no estrangeiro para "ganhar o dinheiro". Quando os encontram cá, tentam é explorá-los o mais possível :

*"Começam a dizer que eles (emigrantes) bem c'o as carteiras cheias, que as coisas estão mais caras. Porquê? Nós temos culpa, chegamos cá e compramos as coisas ao preço que estão. Mas depois dizem que as coisas estão mais caras, que a culpa é dos emigrantes que vêm c'o a carteira cheia e dão não importa quê. Mas tomara a gente comprar barato..."(Senhora Cremilde, 59 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).*

Pelo mesmo produto, estão convencidos que pagam mais em Portugal do que no estrangeiro:

*"Aqui é tudo mais caro. Inda ontem tivemos a ber em Braga e fomos a uma loja de discos e tudo isso e não vale a pena ir carregado. É tudo o dobro do que lá. Tudo o que é música portuguesa é o dobro de lá" (Senhor Álvaro, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).*

Os residentes abusam dos emigrantes, sobem os preços, exploram-nos:

*"Porque a minha família diz toda: é na altura dos emigrantes tudo encarece pó dobro. É isso que me enerva porque se fosse caro mas é sempre assim o ano inteiro, mas pronto as pessoas abusam por a gente estar cá. Se a vida dá durante o ano, podia também dar nesses meses" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).* Sabemos que alguns comerciantes na cidade de Braga conseguem equilibrar o ano a nível de vendas graças às compras dos emigrantes. Se de um modo geral, os emigrantes acham que durante as férias, em Portugal, tudo é mais caro, acabam, porém, por reconhecer que compensa comprar alguns produtos. Por exemplo, nos saldos, conseguem adquirir certas marcas de roupa a preços mais acessíveis do que no estrangeiro.

É certo que se sentem explorados, mas em tempo de excepção, o dinheiro não lhes custa tanto a dar. Trabalha-se para se poder fazer "boa figura" durante as férias:

*"Ganha-se a gente está rico, ganha-se e custa menos a dar o dinheiro" (Cucos, Prado, 21/8/83)*

Durante o ano, habituaram-se a que certos bens e serviços fossem gratuitos, mas em férias os tempos são outros. Paga-se, por exemplo, a consulta a um médico, algo impensável noutros períodos do ano:

*"Eu já tive dois anos seguidos que bim aqui a Portugal e tive que ir c'o a minha filha p'ro médico, paguei 5 contos, mas é como digo a mim não me faz diferença, gastar mais 5 menos 5 nas férias" ( Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Paio, 21/7/00).*

Comprar, gastar dinheiro, fazer compras chega mesmo a ser um prazer, é uma prática com uma clara componente lúdica:

*"Fazer compras, adoro, gosto muito de ir aos armazéns e ver o que tem de diferente que nós temos lá, ver os preços, ver as coisas" (Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 27/7/00).*

*"Gostamos muito de comprar muitas coisas,... gastamos muito dinheiro em Portugal" (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

*"Compras... caijo todos os dias, eu gosto de gastar dinheiro" (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Pedro, 24/7/00).*

Apesar das queixas da presumível exploração e da especulação por parte dos residentes, os emigrantes sentem prazer em fazer compras e assumem uma relação com o dinheiro completamente distinta daquela que têm durante o tempo de trabalho.

### **3.5.2. A carteira vazia**

Em Melgaço, a maior parte dos emigrantes entrevistados tem como objectivo o regresso. Boa parte do dinheiro é enviado para Portugal. Durante o ano "fazem uma vida de escravo" para conseguirem juntar umas "notinhas":

*"...eu se quisesse fazer a vida de francês, eu não tirava um tostão p'ra mandar p'ra qui. Eu faço uma vida de escravo lá. P'ra mim todas as horas que eu possa, aparece um trabalho ao sábado, ao domingo vou trabalhar, quer dizer não fazemos uma vida como um francês, quer dizer se eu fosse p'ro trabalho e num levasse a "gamela" ,chegasse ao meio dia e fosse a um restaurante eu nunca tirava pataca p'ra mandar p'ra qui" (Tio João, Prado, 22/8/83).*

Todo o dinheiro gasto nos meses de Verão em Portugal, é ganho com muito esforço, passando por muitas privações e com o trabalho de muitas horas suplementares:

*"Eu lá p'ra ganhar mais um bocadito faço 10 ou 12 horas, senão o dinheiro também fica lá" (António, Prado, 25/8/00.)*

Para muitos o objectivo imediato de estar no estrangeiro consiste em amealhar dinheiro para enviar para Portugal:

*"É uma vida oprimida porque os que não querem gastar dinheiro, p'ra mim o que eu posso tirar da França é que tenho tanto dinheiro em Portugal, é isso o meu conforto" (Mulher, Penso, 25/8/83).*

Muitos emigrantes já dividem as economias entre o estrangeiro e Portugal, uma fatia importante sendo destinada à construção da casa:

*"Uma parte do dinheiro temos lá na França, p'ra cá só p'ra fazer uma casa" (Justina Pinheiro, Prado, 23/8/83).*

As pessoas que gastam muito dinheiro são alvo de críticas por parte dos próprios emigrantes: *"... há muita gente que ganha muito dinheiro, mas gasta tudo" (Aurora Prado, 22/8/00).*

Por outro lado, os emigrantes também criticam o facto de muitos não se pouparem para juntar dinheiro. Acabam por perder o essencial, por exemplo, a saúde:

*"Eu queria construir um lar e vir habitar p'ra qui. Tenho saúde e dinheiro não trouxe, mas a saúde que muitos deixam-lá, trazem dinheiro mas deixam a pele." (Arménio Augusto, Galvão, 23/8/83)*

Em Braga, perto de 20 anos depois, encontrámos uma visão diferente. A preocupação dominante, é agora, investir no conforto no local em que se vive a maior parte do tempo, seja no estrangeiro, seja em Portugal. O dinheiro é encarado como algo para usufruir no momento em que se necessita, e não para "juntar":

*"A família do meu marido é que fala muito de dinheiro, dinheiro. Eu na França, o que conta é o que uma pessoa vive, o dinheiro de todos os dias, não é o banco. Eles estão sempre a falar, tenho junto isto e aquilo. Eu, lá em França, tenho um carro, uma casa e vamos fazer férias, o dinheiro é p'ra fazer alguma coisa, não é p'ra ter dinheiro ,é p'ra servir e p'ra servir não é p'ra ficar no banco, só p'ra dizer que tem" (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).* Os pais da Beatriz, também entrevistados, não pensam regressar a Portugal, apenas vêm de férias visitar o país e a família.

O Senhor Armando pertence a uma geração diferente. É da primeira vaga de emigração. Mas também prefere investir no país onde vive, onde estão todos os seus filhos:

*"Ora aton eu lá em França, eu tenho a minha bida lá. E o dar aos nossos filhos o necessário e o conforto é onde estamos, porque eu ter uma casa fechada aqui,*

*estamos em França bimos cá, a casa em França fica fechada um mês, a casa cá fica fechada um ano" (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 17/7/00).*

Enquanto que em Melgaço, nas entrevistas efectuadas em 1983, encontramos uma mentalidade mais de índole rural, onde o esforço pela poupança permanece enorme, acarretando, por vezes, um grande acréscimo de sacrifícios, privações, horas de trabalho, em Braga, em 2000, confrontámo-nos com uma mentalidade mais urbana, operária, onde o dinheiro é valorizado, na medida em que permite o acesso a determinados bens de consumo e a um certo estilo de vida, seja no estrangeiro, seja durante as férias.

### 3.6. "As casas castores"

A casa é um dos principais objectivos de vida para muitos emigrantes. São frequentemente, "casas - castores, porque por eles próprios construídas, sabe-se lá a poder de quantos sacrifícios e de quantas idas e vindas" (Ribeiro, Cassola, 1986: 71).

A casa serve, sobretudo, como local de habitação. Deste modo, são apenas usadas durante um curto espaço de tempo, normalmente durante as férias. No período em que estão ausentes, as casas, os jardins e os quintais são confiados à guarda de um familiar ou amigo (Arroteia, 1984).

O tempo passado em casa durante as férias, , no sossego do lar, é um dos pequenos mas mais gratos prazeres dos emigrantes:

*"Eu tenho passado aqui muitas tardes sozinho no quintal e em casa..." (Senhor, 60 anos, Merelim S. Paio, 20/7/00).*

Em casa, o tempo é empregue de muitas formas: modificar a decoração, "*pôr as coisas em ordem, mudar os móveis, tirar daqui p'ra li, pôr as coisas diferentes*" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00), fazer pequenos trabalhos quer na casa, quer no quintal. Actividades como a *bricolage*, antes com um carácter utilitário, adquirem, agora, uma dimensão lúdica. A actividade *bricolage* mistura a utilidade prática, social e psicológica, alguns exigindo até alguma criatividade:

*"Gosto de bricolar, tirar umas batatas, já tenho emprego p'ra mim, eu quero é trabalho, não quero emprego" (Senhor Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).*

Em Melgaço, embora as entrevistas tivessem sido feitas em 1983, era habitual encontrar os emigrantes a fazer *bricolage* e, a ocupar-se de pequenas obras em casa:

*"...vai perguntar ao papá... é que ele anda ali a fazer um muro que na sexta-feira imos embora e temos de ter tudo pronto..." (Lindalva, Galvão, 23/8/83).*

Em Melgaço, nas respostas aos questionários distribuídos na escola, em 2001, muitos dos alunos afirmam que o que mais apreciavam nas férias, e no regresso a Portugal, era a sua casa nova e normalmente grande. A mesma realidade transparece em Braga. As casas são construídas, muitas vezes, com grandes dimensões, de forma a permitir a reunião de toda a família em tempo de férias. Frequentemente o oposto das casas onde residem no estrangeiro, de reduzida dimensão (Leandro, 1995).

Mas a casa pode também ser fonte de muitos trabalhos e desgostos, sobretudo quando se deixam familiares ou amigos responsáveis pela sua manutenção:

*"...chego aqui encontro os quartos de banho a berter, encontro a casa assim toda estragada e toda suja, isto é dinheiro" (Prazeres, 42 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00).*

Os próprios agradecimentos a quem fica a tomar conta da casa têm de ser feitos são fonte de incomodidade e controvérsia:

*"Uma pessoa está fora, temos a nossa casinha aqui, bom deixamos a chave e fico-nos a olhar por a casa, mas quando bimos agradecemos como deve ser ou senão depois imos embora e somos bendidos e falo da gente" (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

A casa é símbolo de fartura, onde todos podem "comer e beber". Nesse sentido tem de ser preparada, por exemplo, para receber os filhos:

*"As minhas férias venho p'ra cá preparar a casa que os filhos, alguns já estão cá, e venho preparar a casa p'ros aceitar nas férias deles,...p'ra ter a casa mais ou menos limpa e ter que lhe dar de comer e beber." (Senhor, 60 anos, Merelim S. Paio, 20/7/00)*

Por vezes, torna-se necessário cuidar da fartura da casa com um certa antecedência:

*"Venho ali no fim de fevereiro e faço por frangos, por feijão, faço por tudo. eles bem agora, come e bebe...fazemos o quintalzinho, é para fazer por os franguinhos..." (Senhora Cremilde, 59 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).*

Os filhos gostam desfrutar das férias em casa dos pais. São várias as vantagens:

*"Aqui passo as férias na casa dos meus pais, eu benho p'ra num fazer nada, eu por isso que benho p'ra casa dos meus pais porque assim num faço nada"(Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

Apesar da casa construída e dos projectos de regresso, muitos emigrantes permanecem divididos entre o estrangeiro e Portugal. Nestes caso o destino das casas está ainda por definir: "é impossível conhecer a tendência que parece comprometida entre o eterno desejo do regresso, a vontade em salvaguardar os benefícios do país de trabalho e, em especial, o sonho em manter vivos os laços com as gerações mais novas, cujas decisões, a favor ou não do regresso, suspendem temporariamente os projectos dos mais velhos. "(Leite, 1993: 202)

O investimento económico e afectivo na casa é muito forte. Aproveitam-se as férias para fazer muitas compras:

*"... aqui há tudo, vejo agora na minha casa. É o primeiro ano que lá estamos e precisamos de muitas coisinhas. Não digo que as coisas aqui sejam mais baratas do que lá. Lá bais durante o ano, faz as comprinhas... Eu digo que aqui dar todo duma bez custa mais..." (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00).*

A casa e a família contribuem para prender os emigrantes a Portugal. É com grande desgosto que partem, muitas vezes com a sensação de não ter usufruído e gozado o suficiente:

*"A casa está a estragar-se toda sem a gente gozar dela. A casa é uma coisa que me deixa pena e a família..." (Senhor Barbosa, 50 anos, Merelim S. Paio, 13/7/00).*

Que futuro estará reservado às casas dos emigrantes? Divididos entre um projecto sempre adiado e as opções dos filhos, a vida vai-se construindo no estrangeiro e as "casas de sonho", concretizações do "amor à terra", tornam-se, por vezes, pesados encargos.

### **3.7. Os emigrantes e a religião**

Habitualmente, fala-se de religião popular, com um sentido negativo, opondo-se à religião oficial. É quase um sinónimo de comportamento desviante. Em termos da hierarquia da Igreja, o popular inscreve-se quase na continuidade de um certo

paganismo. Durante séculos a Igreja preocupou-se em controlar e canalizar a religiosidade popular, através da criação de festas e romarias, onde o sagrado e o profano se misturam, mas sob o olhar atento da hierarquia eclesiástica. À maneira dos povos europeus da Idade Média, os portugueses sempre atribuíram, a Deus o inexplicável, com alguma fatalidade. Predomina a ideia da sina e do destino. Para comunicar com Deus, existem fórmulas, rituais e intermediários que permitem vias e formas de conciliação com o sagrado.

As férias dos emigrantes representam um momento privilegiado para esta conciliação com o sagrado, mesmo no caso daqueles que não se consideram muito crentes. Algo os toca que os leva a "acertar contas" com a religião, nem que seja através de um parente (sogra, mãe, etc.). Estas trocas com o divino são aproveitadas para actividades de lazer: promovem-se pique-niques, vai-se ao restaurante, prolongam-se os itinerários, convidam-se outros familiares e amigos. A ocasião e a experiência vão para além do mero quadro religioso.

### **3.7.1. Fátima "Altar do mundo"**

"Nossa Senhora de Fátima  
Rainha de Portugal,  
Ajudai os emigrantes,  
Livrai-nos de todo o mal"  
(Silva, Manuela, in Lourenço,1981: 128).

Fátima sobressai como o local que todos os emigrantes entrevistados já visitaram. Mesmo aqueles que afirmam não ser religiosos, deslocam-se lá para dar a conhecer aos filhos, levar a mãe, a sogra, ou outro parente. Todos os emigrantes têm algum tipo de relação com Fátima. As deslocações são feitas normalmente num só dia. Por vezes em excursão, não implicando alojamento. São, no entanto, acompanhadas pela merenda e justificam idas ao restaurante.

A peregrinação dos emigrantes a Fátima foi instituída em 1976 e são muitos os que nela participam. Esta visita tem carácter religioso, mas também encerra uma componente de festa e de convívio que promove a inserção no espaço religioso português (Trindade,1989).

No caso de Fátima, a religiosidade comporta uma forte componente de lazer, dando também azo a uma excursão turística:

*"Foi visitar, (Fátima) eu não conhecia e a minha sogra queria ir e fomos" (Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

*"Todos os anos, vou lá (Fátima) pela religião e levar a mãe. Nós o ano passado fomos p'ra levar a canalha, p'ra mostrar o que é Fátima e eu não sei que tenho, quando entro lá dentro nem sei que parece..." (Beatriz, 36 anos, Merelim S. Paio, 24/7/00).*

Muitos emigrantes não se consideram católicos, mas concordam, quase todos, que de alguma forma Fátima os toca.

Esta devoção tem continuidade em França: "Quand on visite les lieux de culte, de réunion et de catéchisme, dans la crypte de Passy, on ne trouve qu'un symbole signalant la présence régulière des Portugais dans cet espace: une petite statue de Notre-Dame de Fatima (...)" (Leandro, 1995: 139).

Existem pontes e elos de ligação entre a vida religiosa em Portugal e em França:

*"E já fomos ( a Fátima) em Paris, fica a 200 Km donde nós moramos. Admiro se bou a Fátima, bou o Bom Jesus, bou o Sameiro, bou à Santa Luzia, bou ao São Bentinho, bamos bisitar os santinhos todos." (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

A devoção a Fátima é anterior ao surto da emigração para o continente Europeu. Mas Fátima nem por isso deixa de ser "a doce arte de um país irmanado a chorar num imenso cais de saudade, o cais de todas as lágrimas que os portugueses verteram pelos quatro cantos do mundo, por onde andaram sempre a despedir-se, sem nunca saberem bem qual era a sua terra "(MARTINS, 2000: 147). O encontro dos emigrantes com Fátima, é como reavivar as raízes e a identidade. Representa um momento que os acompanha no estrangeiro. Mesmo não sabendo ao certo onde pertencem, sentem-se privilegiados por fazer parte do cantinho escolhido por Deus, a "Terra de Santa Maria".

Outros locais religiosos, para além de Fátima, são venerados e visitados: o Sameiro, em Braga; a Santa Luzia, em Viana do Castelo e o São Bento da Porta Aberta:

*"Por acaso no sábado que passou foi a Fátima. Sempre que viajo gosto de ir ao Sameiro, não sou muito praticante mas elevo a cabeça, vejo aquela imagem e digo-lhe muito obrigada, mas não sou aquele praticante de ir à missa e tudo " (Senhor Barbosa, 50 anos, Merelim S. Pedro, 31/7/00).*

Os emigrantes afixam que, em Portugal, a esfera em que se sentem aceites, incluindo os não crentes, é na religião, especialmente em Fátima, o lugar de uma dupla reconciliação com "Deus e com a Pátria".

### **3.7.2. Acertar contas com Deus**

Para obter o benefício de Deus, muitas vezes recorre-se aos seus intermediários, os Santos, e às promessas. Existe uma troca: Deus fez-me um favor, logo eu tenho de pagar de qualquer maneira. Este pagamento pode envolver dinheiro, presentes, esforço físico ou psíquico. Pode implicar promessas ou peregrinações, com proibição de comer, falar, etc. Uma promessa é sagrada:

*"Ai a Fátima bou muitas bezes, houve um ano que até foi na carreira, eles não me querio lebar, eu tinha uma promessa a pão e auga, meti-me na caminete, à semana e lá foi e lá bim, tudo correu bem. Eu promessas que prometo, bou... inda fomos estes dias ao São Bentinho" (Senhora Cremilde, 59 anos, Merelim S. Paio, 25/7/00).*

Por vezes a devoção é de tal ordem que se acredita em pequenos milagres. É o caso de um emigrante que contava a sua viagem para França, a salto, onde uma parte do caminho foi feita a pé e o "homem" que os levava desapareceu. Sentiram-se perdidos, pois a viagem era para ser feita em grupo. A partir daí, orientava-se como as pombas correias. Num momento de mais aflição :

*"... botei-me de joelhos e disse: Mãe da Conceição bendita eu deixei aqueles que mais amava e não os torno a ver, tende pena de mim. E atão eu recuperei uma força que eu nem posso explicar e aton fiquei bá lá, tenho a nossa Mãe do meu lado" (Senhor Armando, 60 anos, Merelim S. Pedro, 19/7/00).*

São muitas as promessas pagas no tempo de férias. Se visitarmos qualquer local religioso, como Sameiro, Senhora do Alívio, Fátima, S. Bento da Porta Aberta, comprovamos que são muitos os donativos e os ex-votos.

### **3.7.3. Frequentar actos sócio-religiosos**

As festas e os festejos têm sempre, a par do carácter religioso, uma vertente profana e lúdica. Os mais frequentes são os casamentos e os baptizados. Os preparativos

para a participação em casamentos, em geral, ocupam pelo menos um dia inteiro e são encarados como algo que corta o ritmo de vida das férias:

*"Ui... o ano passado, todos os fins de semana houve casamentos, até um fim de semana que houve um casamento no sábado e no domingo. Tivemos um baptizado e outros três fins de semana sempre casamentos" (Senhora Palma, 36 anos, Merelim S. Pedro, 21/7/00) .*

Esta Senhora queixa-se de que assim estavam sempre presos, não podiam ir para nenhum lado. Até acha "giro" as pessoas esperarem por eles para casar, mas é um transtorno que retira muito tempo.

As procissões são muito apreciadas, bem como o lado profano das festas, com os bailes, as animações e os fogos de artifício:

*"Têm procissões bonitas, com fogos, aqui são muito bonitos, que lá em França não há..." (Ana Maria, 27 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

Foram muitas as festividades que alteraram as suas datas em função da presença dos emigrantes. Este fenómeno é particularmente notório em Melgaço. Nos locais em que não se procedeu a um ajustamento de datas, por exemplo em Merelim S. Paio, a festa do S. Roque faz com que muitos emigrantes prolonguem a sua estadia até ao início de Setembro, altura em que a festa é realizada.

### **3.8. Conquista de liberdade no feminino**

Foi numa segunda fase, a partir dos anos sessenta e ao longo dos anos setenta, que muitas mulheres se foram juntar aos maridos no estrangeiro. Inicialmente a integração nem sempre é fácil e as saudades são muitas. Gradualmente, vão-se adaptando à sociedade de acolhimento e a saborear os "pequenos privilégios" conquistados. Tarefas, tidas em Portugal como menores, vão ganhar outro estatuto no estrangeiro. Graças a elas adquirem independência e autonomia:

"Il s'avère que plusieurs femmes qui, au Portugal, ne pouvaient pas admettre l'idée de ce type d'activité (ménage), le font en France sans aucune gêne. Ayant intégré pendant la majeure partie de leur vie dans une société traditionnelle où le statut des femmes est tacitement admis comme inférieur à celui des hommes, la découverte de

leur capacité de gagner de l'argent les libère de ce préjugé et leur permet de s'affirmer en tant que femmes" (Trindade, 1973: 90-91).

A mulher, no estrangeiro, acedeu a uma certa autonomia económica, sendo mais "respeitada" pelos maridos. Mas quando regressa a Portugal, mesmo que seja por um curto período de tempo, como as férias, esta situação modifica-se:

*"não, eu desde que venho p'ra qui, (o controle do dinheiro) acabou..."(Dulce, Paderne, 22/8/83).*

A vida urbana proporcionada no estrangeiro, em conjunto com a independência económica, a participação activa na gestão do orçamento doméstico e o exercício de uma actividade profissional, levam a que muitas mulheres "não vejam com bons olhos" a perspectiva do regresso (Leite, 1998: 11).

Este problema é vivido durante as férias com muitas mulheres a queixar-se da mudança de comportamento dos maridos em relação ao estrangeiro:

*"As mulheres puxam mais p'ra lá, porque as mulheres aqui são umas escravas, isso não se pode deixar de dizer. Por isso mal por mal é melhor lá. Aqui as mulheres são muito mal estimadas, gente sem civilização. Vão ao domingo por esses cafés, por essas aldeolas, as mulheres ficam a cuidar da horta, ou que seja (...). Os maridos lá andam bem, aqui têm vergonha de sair com as mulheres, aqui é serem ruins p'ras mulheres e lá andam mais amoráveis. Ao passar a fronteira, não sei que é..." (Mulher, Paderne, 22/8/83).*

O papel da mulher no estrangeiro muda. Adoptam novas atitudes face à educação, emancipam-se e alcançam uma maior abertura sócio-cultural (Leandro, 1995: 232). Estão perto dos mercados, a vida urbana proporciona-lhes a proximidade de muitos bens e serviços, as casas embora exíguas, reúnem condições de conforto, tais como o aquecimento e os electrodomésticos, que por vezes, faltam nas casas onde passam férias em Portugal.

A maioria das mulheres considera que os homens franceses ajudam as mulheres e repartem com a esposa as tarefas de casa:

*"os franceses ajudam todos, tudo, tudo..." (Sr<sup>a</sup> Adélia Mota, 50 anos, Merelim S. Pedro, 29/7/00).*

Mas os maridos portugueses, quando se encontram no estrangeiro também ajudam as esposas nos trabalhos domésticos. Deixam, no entanto, de o fazer logo que "passam a fronteira":

*"Acompanho (a esposa) aos magasins, gosto de ver aquilo, mas as coisas de casa não, já me ocupo em França (...)" (Sr. Domingos, 50 anos, Merelim S. Paio, 29/7/00).*

Homens e mulheres estão de acordo que o facto de "passar a fronteira", vai implicar mudança de papéis, da distribuição de tarefas e da capacidade de gerir orçamentos e movimentos.

Não convém esquecer que, para além do contacto com uma sociedade diferente, muitos homens emigraram anteriormente às mulheres e acabaram por aprender a fazer compras e a realizar trabalhos até aí tidos como exclusivos das mulheres. O próprio percurso migratório, com os seus desafios e dificuldades, contribuiu para que o homem altere muitos hábitos e comportamentos.

## **IV – PERCURSOS E EXPECTATIVAS ESCOLARES NUMA ESCOLA DE MASSAS**

### **4.1. Escolaridade obrigatória e igualdade de oportunidades: realidade e utopia**

No final do século XIX, acompanhando a formação dos Estados Modernos, acentuou-se a necessidade de fortalecer e centralizar o poder do Estado, deparando-se a escola como um instrumento adequado para esse fim.

Em Portugal uma das primeiras medidas, tendentes a instituir o ensino básico gratuito, surgiu em 1772 (Carreira, 1996). Em relação ao ensino universal, os alicerces foram lançadas em 1826, com a Carta Constitucional. Em 1836 foi prevista a escolaridade primária universal, mas a sua obrigatoriedade só se concretizou em 1878.

Estas metas foram difíceis de alcançar em Portugal, se pensarmos que em 1911 tínhamos 75% de analfabetos, enquanto que a Inglaterra em 1850 tinha apenas 30% (Abreu e Roldão, 1989).

Durante o período do Estado Novo, era atribuído à família o papel principal na educação das crianças, cabendo à escola um papel diminuto. Os cinco anos de escolaridade obrigatória que a República tinha estabelecido foram reduzidos, em 1927, para quatro e, em 1937, para apenas três. Aos pais competia decidir se aquilo que as crianças aprendiam na escola lhes era ou não útil no futuro e se podiam ou não dispensar a mão-de-obra dos filhos (Mattoso, 1994).

Segundo Walll (1998), na região do Minho, as famílias rurais, designadamente as mais abastadas, consideravam útil o que se aprendia na escola, encarando como imprescindível o domínio da leitura, da escrita e o saber fazer contas para assumir o negócio ou mesmo a posição de chefe de família abastado. Os rapazes frequentavam mais a escola do que as raparigas, dado que a instrução destas era considerada pelas famílias como menos necessária.

Apesar de o Estado Novo não se empenhar na alfabetização, a verdade é que uma parte considerável da população frequentava a escola, não recusando a mudança social, tentando mesmo integrá-la no seu quotidiano (Wall, 1998).

Durante o Estado Novo a educação das crianças, afirmava-se imprescindível a presença e a participação da Igreja Católica. O padre era uma figura proeminente com autoridade para transmitir valores tais como o respeito, o gosto pelo trabalho, a honra e a centralidade da família.

Em 1974, estas instituições encontravam-se em fase de desgaste, e com a mudança de regime, a Igreja vê o seu papel reduzir-se significativamente. Com a reforma de Veiga Simão, no final dos anos 60, início dos anos 70, o ensino passa a abranger cada vez mais camadas da população. A Revolução de Abril e a Constituição de 1976 vão dar maior relevo às políticas sociais, assistindo-se, ao mesmo tempo, a uma expansão dos direitos de cidadania. Se a Revolução teve de se confrontar com elevadas taxas de analfabetismo, os jovens de Abril apostaram na profissionalização e na escolarização.

Não obstante a evolução recente, a escolaridade obrigatória é ainda nos nossos dias alvo de estratégias de resistência por parte de alguns sectores da população. No actual sistema de ensino são muitas as crianças que abandonam a escola sem concluir a escolaridade obrigatória e mesmo aquelas que a concluem estão longe de adquirir as competências consideradas essenciais para prosseguir estudos ou entrar no mundo do trabalho. A escolaridade aparece por vezes como uma imposição às comunidades, por parte de entidades que lhes são estranhas, o Estado, recorrendo frequentemente a medidas de “força” para manter as crianças na escola. Atente-se, por exemplo no controle que é exercido através do Rendimento Mínimo. As decisões de índole educativa são tomadas pelas elites sem se basearem nas necessidades económicas ou no desejo das comunidades.

A escolaridade obrigatória tem sido alvo objecto de políticas e decisões contraditórias (Barreto, 1995). Por outro lado, a maior parte da população não vê utilidade nos saberes que a escola transmite (Mónica, 1978) continuando a privilegiar o saber de carácter instrumental.

A escolaridade básica e universal pretende proporcionar a igualdade de acesso ao saber e de igualdade de oportunidades nas diversas regiões do país bem como nos distintos grupos sociais. As assimetrias existentes no País são fortes e o acesso aos saberes escolares varia

conforme o grupo social a que se pertence. As carreiras escolares estão ligadas à origem social<sup>6</sup>:

“O maior mecanismo social, criado presumivelmente para distribuir indivíduos na estrutura ocupacional através do seu talento e não na base da ascendência – o sistema educativo- funciona, de facto, apenas entre os trabalhadores “livres”; e mesmo entre estes, sobretudo como forma de manter linhas de ascendência criando algumas excepções (co-optação dos indivíduos inteligentes das classes trabalhadoras), assim justificando a distribuição por ‘castas’ como consequência da aplicação da razão humana. Diz-se que cada indivíduo tem um estatuto que é conseguido em vez de ser herdado” (Wallerstein, 1984: 154-4).

A massificação da escola trouxe consigo muitas situações de exclusão, particularmente das classes populares e de certas minorias, que olham para a escola com uma certa desconfiança. Esta desconfiança acentua-se quando se descobre que os títulos escolares arduamente conseguidos estão desvalorizados no mercado de trabalho. Frequentemente, o encontrar-se um “bom emprego” depende mais das relações sociais que se possui e menos do título escolar.

A ideologia liberal, bem como a ideologia socialista, encaravam a escola como um instrumento de diminuição das desigualdades e uma forma de promover a justiça social. Este processo seria efectuado através da defesa dos mecanismos meritocráticos e da criação de medidas de discriminação positiva em relação às classes populares e às minorias étnicas. Mas a escolaridade obrigatória é sentida por muitos grupos sociais como um processo carregado de violência simbólica (Benavente et al., 1994; Iturra, 1990; Stoer e Araújo, 1992).

A escola portuguesa continua a contribuir para a reprodução de desigualdades sociais e a massificação pouco contribuiu para promover a justiça social e a igualdade de oportunidades.

Na realidade, a escola continua a ser palco de muitos confrontos culturais, contribuindo para a “reprodução da sociedade” (Bourdieu e Passeron, 1977). Esta reprodução tende a perpetuar, de forma encoberta mas eficaz, a estrutura económica e social existente. Os alunos provenientes das famílias das classes populares são os mais penalizados ao nível da obtenção

---

<sup>6</sup> Ch. Baudelot e R. Establet, *L'école Capitaliste en France*, Maspéro, 1971; D. Berteaux, *Destins Personels et Structures de classe*; P. Bourdieu e J. C. Passeron, *La reproduction*, Éditions de Minuit, 1979, Ana Benevente;

de diplomas. São eles, aliás, aqueles que em maior número e mais precocemente abandonam a escola, a par com algumas minorias étnicas, nomeadamente a etnia cigana <sup>7</sup>..

“O que separa da auto eliminação diferida a eliminação imediata baseada numa previsão das probabilidades objectivas de eliminação, é o tempo que é necessário para que os excluídos se persuadam da legitimidade da sua exclusão” (Bourdieu e Passeron, 1977: 282).

Este facto resulta agravado quando existe a dificuldade em falar o português, o que contribui para o bloqueio das outras aprendizagens. Isto acontece nos grupos populares, sobretudo em meios periféricos e semiperiféricos, como são os casos contemplados neste estudo, Melgaço e Real (Braga), nos filhos dos emigrantes que regressam a Portugal prosseguindo os estudos no ensino português. As diferenças culturais e de linguagem são grandes, fazendo sobressair a existência de uma cultura dominante (Bourdieu e Passeron, 1977). Quando os alunos escrevem “bota”, em vez de “deita”; “noute” em vez de “noite”; “adente” em vez de “adiante”... (enfim seriam muitos os exemplos, retirados da minha experiência profissional, que poderiam ser aqui apontados) ao serem constantemente corrigidos pelos professores e pelos próprios colegas, sentem a sua auto estima diminuída e tendem a alhear-se cada vez mais da escola.

A “distribuição desigual entre as diferentes classes sociais do capital linguístico escolarmente rentável constitui uma das mediações mais sofisticadas pelas quais se instaura a relação entre a origem social e o êxito escolar” (Bourdieu e Passeron, 1977: 157).

Para uma larga camada da população portuguesa a única forma de ter acesso à cultura científica escrita é através da escola, mas esta com frequência os marginaliza e limita o seu acesso (João Sebastião, 1998).

Neste estudo pretende-se analisar as trajectórias dos alunos em duas escolas, uma periférica, Melgaço, e outra semiperiférica, Real (Braga). Este conceito foi inspirado em Immanuel Wallerstein que situou Portugal como um país de semiperiferia, com uma “formulação inovadora segundo a qual, e diferentemente do defendido pelas teorias de

modernização e de dependência, se identifica o sistema capitalista como o único sistema mundial (...) Wallerstein vem adoptar no seu referencial analítico uma nova categoria intermédia (entre o centro e periferia)- a semiperiferia. Trata-se não de uma categoria residual, mas antes incorpora, de modo persistente, traços que simultaneamente a aproximam e/ou demarcam dos países do centro e da periferia” (Rodrigues, 1989: 21). Para Wallerstein, as desigualdades sociais que existem num país dependem da sua posição no sistema económico internacional, na economia mundial, podendo, por sua vez, cada região, ser situada em relação à economia nacional.

Segundo Sousa Santos (1985: 872), a especificidade de Portugal, como país de semiperiferia, deriva da “descoincidência articulada entre relações capitalistas de produção e relações de produção social”, acrescentando que Portugal tem um grande “atraso nas relações de produção capitalistas, mas padrões de consumo equivalentes aos países do centro” (ibidem).

Portugal, como país de semiperiferia europeia, apresenta características muito particulares, sendo interessante encarar as mutações pelas quais as escolas estão a passar e a situação do ensino numa escola de massas.

As zonas de semiperiferia foram, gradualmente, contactando com novos padrões de consumo, muitas vezes através da emigração, particularmente no caso de Melgaço. Esta migração era feita, não exclusivamente, mas também por “razões económicas, quer sob o prisma da procura por parte das necessidades do país receptor, quer a partir da oferta do país fornecedor e, em especial, das carências dos actores-migrantes num país semiperiférico como Portugal...” (Silva, 1999: 79).

No nosso país, foram muitas as migrações internas para cidades como Lisboa e Porto, tendo inclusive, em muitos casos precedido as migrações para o estrangeiro. No mundo rural, para resistir à exclusão económica realizada através do sistema tradicional de heranças que contempla unicamente o primogénito, ou simplesmente, por não estarem dispostos a continuar na agricultura, migravam, tendo alguns conseguido estabelecer-se por conta própria, como comerciantes ou artesãos, na cidade ou vila mais próxima, ou mesmo no estrangeiro.

---

<sup>7</sup> Ver, a este propósito, dados fornecidos pelo Secretariado Coordenador dos programas da Educação multicultural de 1996,1997, 1998.

Em zonas periféricas e semiperiféricas, quer em Melgaço, quer em Real (Braga), as populações recorreram muito a migrações internas e para o estrangeiro. Muitas vezes enveredaram pela acumulação do trabalho na agricultura com o da fábrica ou na oficina. Forma-se assim um “semiproletariado” (Stoer e Araújo, 1992) que possui valores e visões do mundo característicos do seu espaço socio-cultural, mas ao mesmo tempo influenciado por valores e práticas do mundo urbano, que cada vez mais lhes servem como referência.

## 4.2. Caracterização da população escolar/ origem social

Na Escolas de Real (Braga) e Melgaço, encontramos uma repartição equilibrada dos alunos segundo o sexo: 48,3% de rapazes no primeiro caso e 52,3% no segundo.

Quadro nº1: Composição do agregado familiar por laço de parentesco

	Braga	Melgaço	Totais
Pais	15,6	25,3	19,0
Pais e irmão	47,5	25,8	39,8
Pais e irmãos	18,0	12,2	15,9
Mãe e irmão(s)	3,7	7,1	4,9
Pai e irmão(s)	0,4	1,9	0,9
Pais, irmão(s), avó(s) e tio(s)	1,5	1,2	1,4
Pais, irmão(s) e avó(s)	7,6	14,6	10,1
Pais, irmão(s) e tio(s)	2,5	1,5	2,1
Pai, madrasta e irmão(s)	0,0	0,2	0,1
Mãe, padrasto e irmão(s)	0,5	1,0	0,7
Mãe, avó(s) e irmão(s)	0,0	1,9	0,7
Mãe, avó(s) e tio(a)	1,2	2,2	1,5
Avó(s) e irmão(s)	0,4	2,9	1,3
Avó(s), irmão(s) e tio(s)	0,7	1,0	0,8
Tia, primo(s) e irmão(s)	0,0	0,2	0,1
Tia	0,5	0,7	0,6
Padrinhos	0,0	0,2	0,1
Totais	%	100,0	100,0
	<i>n</i>	752	411
			1163

Conforme podemos verificar no quadro 1, em Real, a maior parte dos alunos vive com a família nuclear e um irmão, ou seja 47,5%. Em Melgaço encontramos 25,3% dos alunos a viverem com a família nuclear, 25,8% com mais um irmão. Enquanto que em Real (Braga) apenas 7,6% dos alunos têm o/a avô/ avó a viver com a família nuclear, em Melgaço esse valor sobe para 14,6%. Esta situação repete-se quando contemplamos os outros agregados em que está presente um avô ou avó, que somam 7,3% em Melgaço e apenas 3,8% em Real. Isto demonstra, provavelmente, um maior envelhecimento da população em Melgaço. Revela ainda o carácter rural desta sociedade, em que, na maior parte das vezes são os filhos que tomam conta dos pais na sua “velhice”. Em alguns casos, como durante a emigração, os avós tomam conta dos netos na ausência dos pais, sobretudo quando o objectivo destes é o regresso à sociedade de origem e preferem escolarizar os filhos em Portugal:

*“A minha filha está cá com os meus pais (...) gostava que ela fizesse a escola aqui, custa muito mas tem que ser” (Mulher, Paderne, 25/8/83).*

Os alunos que vivem apenas com a mãe, em Melgaço, são 7,1%, enquanto que em Real este número desce para 3,7%. Isto poderá dever-se ao facto de em Melgaço existir maior número de emigrantes e ser muitas vezes o pai apenas a emigrar. Sublinhe-se que existem 0,7% de pais emigrantes em Real e 2,9% em Melgaço.

Em relação à profissão do pai dos alunos que frequentam estas escolas (ver o quadro 2), observa-se que em Melgaço a agricultura ainda ocupa 9,7% da população. Em contrapartida, em Real este valor desce para 1,1%. Já os valores relativos ao comércio/ artesanato e empregados/ técnicos são superiores em Real, o que poderá mostrar o carácter mais urbano desta população. Mas a maior parte dos alunos que frequentam estas escolas é proveniente do grupo operários/ trabalhadores braçais (44,7% em Real e 43,3% em Melgaço).

Quadro nº2: Profissão do pai

		Braga	Melgaço	Totais
Operário/ Trabalhador braçal		44,7	43,3	44,2
Empregado/ Técnico		16,3	11,5	14,6
Comerciante/ Artesão		13,1	8,4	11,5
Funcionário público		4,7	3,9	4,4
Forças de segurança		4,0	5,0	4,3
Empresário		3,6	5,8	4,3
Agricultor		1,1	9,7	4,1
Outras situações		3,7	2,9	3,4
Gestor/ Quadro		2,9	1,3	2,4
Desempregado		2,3	2,1	2,3
Profissão intermédia		1,9	2,6	2,2
Emigrante		0,7	2,9	1,4
Profissão liberal		1,0	0,5	0,8
Totais	%	100,0	100,0	100,0
	<i>n</i>	725	381	1106

Ao nível da profissão da mãe, é de destacar que em Melgaço a percentagem de mulheres que desempenham exclusivamente a função de domésticas (57,4%) é mais do dobro da correspondente a Real (26,5%). Estes números demonstram quanto Melgaço permanece uma sociedade de cariz rural, onde a mulher garante os trabalhos domésticos não deixando, porém, de acumular muitas vezes outras actividades (na agricultura, no artesanato ou no apoio a trabalhos do marido, nomeadamente aos negócios). Em Real a proporção de empregadas/ técnicas (21,1%) e de operárias/ trabalhadoras braçais, (24,6%) é superior à de Melgaço (10,3% e 5% respectivamente). Comprova-se, pelos resultados do quadro 3, que o papel da mulher, em Melgaço, ainda é muito associado ao trabalho em casa, mesmo quando desempenha outras profissões, estas tendem a ser profissões tradicionalmente femininas, como é o caso da agricultura e do artesanato, facilmente articuláveis com as tarefas domésticas. Acresce ainda o facto de Melgaço continuar a ser uma zona de muita emigração, assegurando o marido a sobrevivência económica do agregado familiar.

Quadro nº3: Profissão da mãe

		Braga	Melgaço	Totais
Doméstica		26,5	57,4	37,3
Operária/ Trabalhadora braçal		24,6	5,0	17,8
Empregada/ Técnica		21,1	10,3	17,3
Comerciante/ Artesã		7,4	10,8	8,6
Funcionária pública		6,5	6,5	6,5
Profissão intermédia		4,6	3,0	4,0
Desempregada		3,9	0,5	2,7
Agricultora		0,7	4,8	2,1
Outras situações		1,6	0,5	1,2
Gestora/ Quadro		1,2	0,3	0,9
Empresária		1,2	0,0	0,8
Emigrante		0,3	0,5	0,4
Profissão liberal		0,3	0,3	0,3
Totais	%	100,0	100,0	100,0
	<i>n</i>	741	397	1138

Em Real, a maior parte das mulheres têm profissões fora de casa, o que muitas vezes lhes acarreta trabalho suplementar, porque quando chegam a casa fazem ainda os serviços

domésticos. Estes grupos sociais não possuem, normalmente poder económico para delegar esses trabalhos numa empregada doméstica, como acontece nas classes superiores.

### 4.3. Práticas e representações na escola

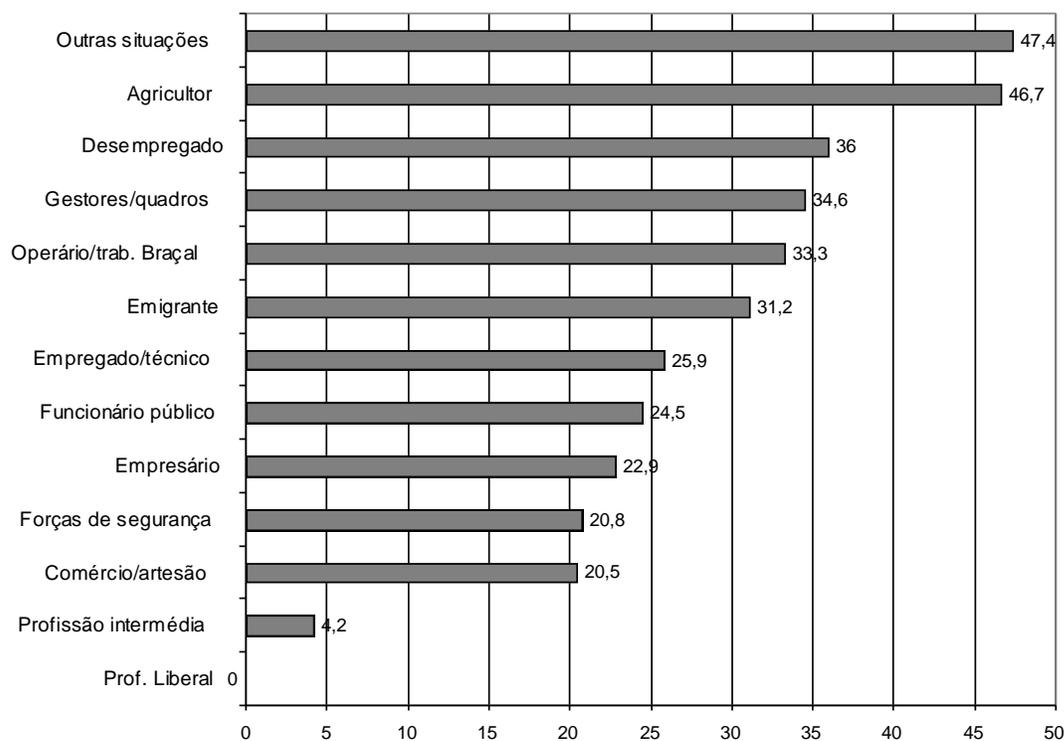
Bourdieu e Passeron (1977) mostraram como no ensino universitário, e mesmo secundário, os professores estabelecem uma empatia, uma série de afinidades com os alunos oriundos de meios cultos. O professor, que representa a cultura legítima, valoriza aqueles que “respiram” em casa a mesma cultura da escola. Estes alunos conseguem um certo à vontade e diletantismo em relação à cultura legítima. Os procedimentos escolares transformam esta relação particular com a cultura numa espécie de propriedades naturais e inatas. Em contrapartida, no caso dos alunos oriundos das classes populares, a escola funciona como o único contacto com a cultura legítima.

A linguagem assume muita importância na escola erguendo-se como um dos principais factores de diferenciação e selecção dos alunos, como o afirmam vários autores:

“Podemos (...) dizer que certos grupos de crianças, através das suas formas de socialização, estão orientados para receber e oferecer significados universalistas em certos contextos, ao passo que outros grupos de crianças estão orientados para significados particularistas. (...) Ora quando consideramos as crianças na escola, vemos que é provável que existam dificuldades. Porque a escola se ocupa necessariamente da transmissão e do desenvolvimento de ordens de significação universalistas.” (Bernstein, 1982: 26).

“Particularmente manifesta nos primeiros anos de escolaridade em que a compreensão e o manejo da língua constituem o ponto de aplicação principal de julgamento dos mestres, a influência do capital linguístico não cessa nunca de se exceder (...) a distribuição desigual entre as diferentes classes sociais do capital linguístico escolarmente rentável, constitui uma das medições mais sofisticadas pelas quais se instaura a relação entre a origem social e o êxito escolar.” (Bourdieu e Passeron, 1997: 103 e 157).

Gráfico 1: Percentagem de reprovação por profissão do pai



Os resultados de reprovação segundo a profissão do pai patentes no gráfico 1 confirmam globalmente esta desigualdade de rendimento escolar em função do capital cultural e linguístico dos pais. São efectivamente as crianças provenientes das classes mais “baixas” aquelas que apresentam taxas de reprovação (agricultores, desempregados, operários e outras situações). Pelo contrário, os estudantes oriundos das profissões intermédias e liberais são caracterizados por taxas de reprovação mínimas ou nulas. Uma das excepções reside no facto dos filhos oriundos do grupo social, gestores/ quadros obterem um resultado de 34,6%. (gráfico 1) cuja composição baseada na declaração dos alunos não é muito líquida. Os filhos de emigrantes obtêm melhores resultados escolares, quando comparados com os alunos oriundos dos grupos sociais com posição social próxima. O seu rendimento escolar assevera-se ainda menos se tivermos em conta que alguns deles foi durante o regresso a Portugal, na questão das equivalências entre o ensino estrangeiro e o português que perderam anos, considerando mesmo terem reprovado.

Quando analisamos os valores da reprovação por áreas de residência, as diferenças não são significativas. Em Braga existem 29,1% de reprovações e em Melgaço 33,8%.

Foi colocada uma série de frases para os alunos classificarem de acordo com a seguinte escala: “concordo”, “nem concordo nem discordo” e “discordo”. Estas frases pretendem apreender como se sentem os alunos face à escola. A primeira frase foi introduzida apenas para habituar os alunos a este tipo de resposta, uma vez que exige uma forma de pensamento diferente das questões antecedentes no inquérito. Neste caso, enquanto que em Real 43, 7% dos alunos consideram a escola bonita, em Melgaço são 62,5%.

Quadro nº4: Opiniões em relação à escola por concelhos

Acerca da dificuldade das matérias que se administram nas aulas, a maior parte das respostas concentra-se no “nem concordo nem discordo”. Um dos factores que pode contribuir para esta opção reside no facto de a questão abarcar todas as disciplinas, sendo possível os alunos sentirem dificuldades numas e noutras não. No que se refere à língua portuguesa, em Real, 39% dos alunos discordam da frase: “Tenho dificuldade em compreender o português”, enquanto que, em Melgaço esse valor sobe para 56,2%. A maioria dos alunos estimam que “nas aulas aprendem-se coisas interessantes” (concordam 84,9% em Melgaço e 80,3% em Real).

Apesar de a escola ser também um local de convívio onde se fazem amigos (existe inclusivamente uma sala de convívio em cada escola), cerca de metade dos alunos inquiridos (48,7% em Real e 48,9% em Melgaço) discorda da afirmação, “Na escola, só gosto dos intervalos”. Mas a escola nem por isso deixa de ser um local privilegiado de comunicação e interacção; “Tenho dificuldades em fazer amigos” suscita logo a discordância da maior parte dos alunos (76,4% em Real e 71,8% em Melgaço). Acresce que uma percentagem semelhante considera que os colegas “são bons amigos” (75,2% em Real e 83,7% em Melgaço).

Poucos alunos “discordam”(4,5%) da frase “Os professores gostam de mim”, as respostas concentram-se no “nem concordo nem discordo” (59,3%) e no “concordo”. (36,2%). Embora em certas disciplinas se sintam mais “queridos” do que noutras, de uma forma geral, sentem que os professores gostam deles.

Apenas uma minoria assume faltar muito às aulas,(4% em Real e 5,8% em Melgaço). Poucos são também aqueles que admitem estar na escola porque são obrigados (9,2% em Real e 10% em Melgaço).

Com o objectivo de continuar a “sondar” indirectamente como é que os alunos se sentem na escola foram convidados a pronunciar-se sobre o que é necessário mudar nas escolas portuguesas mediante a seguinte questão projectiva: “Se fosses presidente de Portugal, o que mudarias na escola portuguesa?”. A questão é aberta e as respostas foram diversificadas. Muitas vezes houve mais que uma resposta. Não querendo perder essa informação foram contabilizadas todas as respostas, sendo a percentagem calculada em relação ao número total de alunos. Por esta razão o quadro que se segue contempla um número de respostas superior

ao número de alunos existente nas escolas, cada aluno podendo ser contabilizado mais do que uma vez.

Quadro nº5: Mudança nas escolas, segundo a opinião dos alunos

	Braga	Melgaço	Totais
Acabava com as aulas de 90'	9,3	1,7	6,6
Aumentava a segurança na escola	35,8	11,4	27,2
Melhorava as instalações	13,0	20,2	14,7
Acabava com a escolaridade obrigatória	1,8	0,7	1,5
Aumentava a disciplina	1,3	4,6	2,5
Criava mais actividades	3,7	2,2	3,2
Embelezava a escola	2,9	2,4	2,8
Aumentava a higiene	3,5	1,2	2,7
Acabava com a sobrelotação da escola	7,2	1,0	5
Nada	12,1	28,2	17,8
Proibia cigarros e droga na escola	2,1	5,6	3,4
Mudava os professores e funcionários	2,9	4,6	3,5
Tornava o ensino mais fácil	2,3	1,9	2,2
Criava intervalos maiores	4,8	7,5	5,8
Tudo	4,3	1,9	3,4
Mudava os horários	1,2	4,7	2,5
Acabava com aulas de substituição	8,7	0	5,6
Colocava menos disciplinas	4,3	5,6	4,7
Criava aulas de educação sexual	3,5	2,2	3,0
Outros (aspectos positivos)	6,3	12,7	8,5
Outros (aspectos negativos)	2,5	0,5	1,8
<i>Totais (inquiridos)</i>	<i>749</i>	<i>411</i>	<i>1160</i>

Perante a grande diversidade das respostas obtidas, decidimos agregar algumas em dois grupos heterogéneos:

1) “Outros aspectos positivos”, que inclui respostas tais como: introdução da disciplina de informática; mais passeios escolares; dividir os livros em fascículos, melhores transportes, melhor relação professor/aluno; mais aulas de educação física; maior autonomia da escola; mais apoio aos alunos que vêm do estrangeiro; mais ajudas aos pobres; cursos pagos; escolas gratuitas; mudar a reforma; criar uma atmosfera de maior harmonia; mais debates; aulas actuais e interessantes; ou criar universidades para alunos com deficiências auditivas.

2)“Outros aspectos negativos”, onde estão incluídas respostas tais como: tirava as câmaras; acabava com as línguas estrangeiras; deixava fumar; deixava entrar droga; acabava com o Conselho Executivo.

Neste quadro, verificamos que o principal problema sentido pelos alunos de Real é a segurança. Este problema é apontado por 35,8% dos alunos. São muitas as respostas obtidas neste sentido limito-me a citar alguns exemplos:

*“Eu construía mais escolas, ecentiva-va as crianças a ir para a escola até pelo menos ao 9º ano. E criava-se meios de segurança para a escola. Para que estivesse sempre segura” (Real, 8º ano, rapaz, 14 anos).*

*“Acabaria com as violências, as drogas e também metia mais segurança” (Real, 8º ano, rapaz, 13 anos).*

*“Punha as escolas mais seguras e mandaria arranjar as escolas em mau estado” (Real, 9º ano, rapaz, 14 anos)*

Estes alunos não só levantam o problema, mas também apontam soluções, como colocar tropas de choque na entrada da escola, instalar polícias por toda a escola, colocar cercas altas com picos, diminuir agressões físicas a colegas, não deixar pedir dinheiro aos mais novos, aumentar a vigilância multiplicando os funcionários e as câmaras, acabar com a droga, castigar os que fizessem mal enviá-los para uma casa de correcção, criar escolas para os “tolos da cabeça”. Precise-se que a Escola de Real tem câmaras espalhadas em algumas zonas dos edificios. Apesar disso, os alunos solicitam mais medidas de segurança, quer dentro da escola, quer em relação ao meio envolvente. Os alunos associam frequentemente ao problema da insegurança a droga e os fumadores (2,1%), bem como a necessidade de um aumento da disciplina escolar (1,3%).

Prosseguindo a análise do quadro nº5, verificamos que em segundo lugar os alunos mudariam as instalações da escola (13,0%). Neste capítulo apontam como principais aspirações: o aumento do conforto nas salas de aula; arranjar a escola para não chover dentro; colocar piscinas, mudança de quadros e apagadores; e a colocação de aquecimento. O problema das instalações pode ser ligado ao da sobrelotação da escola (7,2%). Neste domínio também apontam soluções: a construção de mais escolas; turmas mais pequenas; e salas de aula maiores. A higiene (3,5%), sobretudo das casas de banho, e o embelezamento exterior

((2,9%) , com mais jardins, mais árvores e espaços de recreio, constituem, na sua perspectiva os factores susceptíveis de dar à escola mais qualidade ao nível de instalações exteriores e interiores

Mas existem alunos que consideram que não é necessário mudar nada na escola (12,1%) e também existem aqueles que mudariam tudo (4,3%).

Com a reforma educativa, foram introduzidas as aulas de 90', o que suscita a discordância de 9,3% dos alunos de Real: *“Eu mudaria de imediato as aulas de 90 minutos, porque nós alunos e professores, vai ser muito cansativo. Inseriria em todas as escolas actividades de lazer, tal como formar equipas de futebol ou outro desporto qualquer ou de dança, etc. Algo para descontrair os alunos. Faze-los gostar da escola e enxergar que sem ela não somos nada”*. (Real, 8º ano, 13 anos, rapariga). Ainda no que se refere ao funcionamento da escola, alguns alunos (8,7%) também acabariam com as aulas de substituição mas em contrapartida 3,7% criariam mais actividades de lazer.

Para 4,3%, as disciplinas deviam ser em menor número, mas 3,5% consideram necessária a introdução de uma disciplina de educação sexual. Quanto aos horários, alguns alunos (4,8%) são de opinião que ganhariam em ser mudados (1,2%), mas queriam os intervalos maiores (4,8%).No que respeita aos professores e aos funcionários, 2,9% dos alunos queriam ver algumas mudanças. As respostas obtidas neste âmbito revelaram, pontualmente, alguns conflitos interpessoais no seio da escola.

Em jeito de balanço, pode avançar-se que a maior parte dos alunos considera a escola como uma realidade necessária (apenas 1,8% dos alunos refere que acabava com a escolaridade obrigatória) o que não impede de tecer muitas criticas em relação às formas de organização e de ensino actuais.

A falta de segurança na escola é também um problema sentido em Melgaço (11,4%). Também aqui os alunos se queixam dos fumadores e da droga (5,6%). Assinalam certas zonas da escola menos vigiadas, como, por exemplo, as imediações de certos pavilhões. Os alunos dão sugestões para modificar estas situações: *“Fazia uma policia escolar para fazerem segurança na escola”* (5º ano, Melgaço, 10 anos, rapaz). O aumento da disciplina (4,6%), o maior respeito pelos professores, alunos e funcionários também é solicitado: *“As escolas portuguesas estão a ficar cada vez mais sem idocação devido aos alunos. Começava a pôr*

*regras, como por exemplo expulsar um aluno por mau comportamento” (8º ano, Melgaço, rapaz, 14 anos)*

As instalações aparecem como algo que carece melhoria, é mesmo uma prioridade para os alunos de Melgaço (20,2%). Melhor aquecimento, bufete mais espaçoso, quadros novos, armários para os alunos guardarem os livros, ginásio melhor, piscinas, renovação das mesas e cadeiras. A sobrelotação da escola, ao contrário do que acontece em Real, não surge como uma questão de grande acuidade para estes alunos (1,0%). No que diz respeito à higiene (1,2%), esta prende-se sobretudo com as casas de banho e a falta de papel higiénico. O embelezamento exterior, também preocupa alguns alunos (2,4%) que propõem a criação de mais espaços verdes e nova pintura da escola: *“Mudaria a cor, punha mais relva e punha mais flores”*(Melgaço, 7º ano, rapariga, 14 anos).

Ainda no que se refere a Melgaço, é interessante notar que a maior parte dos alunos (28,2%) nada mudaria na escola e apenas uma minoria (1,9%) modificava tudo.

Ao contrário do que se verifica em Real, onde a reforma educativa já está em vigor há três anos, em Melgaço à semelhança de um grande número de escolas do país só agora vai ser implementada. Este é um dos factores que poderá contribuir para explicar que só 1,7% dos alunos se manifestem acerca do funcionamento das aulas de 90'. As aulas de substituição não existem em Melgaço, pelo que os alunos não se pronunciaram acerca deste assunto. 2,2% dos alunos de Melgaço gostariam de ver na escola introduzidas novas actividades, sobretudo desportivas, e ao nível da biblioteca, estas relacionadas com os computadores. 5,6% dos alunos consideram necessária a existência de menos disciplinas, 2,2% queriam no entanto que existisse a aula de educação sexual. Alguns alunos (4,7%) consideram que os horários deviam sofrer alterações, sendo uma das sugestões: *“A escola de manhã entrasse às 9.30' e saiasse às 12.30. De tarde entrasse às 2.30' e saiasse às 5.30”* (Melgaço, 6º ano, rapaz, 11 anos). 7,5% sugerem que os intervalos deveriam ser maiores apontando como uma razão as longas filas que se formam para comprar as senhas. Neste âmbito propõem a existência de duas caixas registadoras.

Em relação aos funcionários e aos professores, alguns alunos (4,6%) desejam mudanças. Uma percentagem mínima de alunos considera que acabaria com a escolaridade obrigatória (0,7%).

Quadro nº6: Tempo dedicado ao estudo

	Muito	Bastante	Pouco	Muito pouco	Totais (n)
Braga	21,0	43,4	33,0	2,7	752
Melgaço	17,8	49,6	26,8	5,8	411
Totais	19,9	45,6	30,8	3,8	1163

Os factores incluídos no grupo de “outros aspectos positivos”,(tais como escolas gratuitas, criação de mais cursos , etc.) compõem a terceira prioridade em Melgaço.

Na perspectiva dos alunos o tempo que dedicam ao estudo é “bastante”, (43,4% em Real e 49,6% em Melgaço, ver quadro 7). Seguem-se aqueles que consideram o tempo dedicado ao estudo “pouco” (33% em Real e 26,8% em Melgaço). A maior parte das respostas concentram-se nas opções do meio da grelha de respostas. Sabemos, por experiência que esta visão dos alunos em relação ao seu tempo de estudo é, por vezes, bem distinta da dos pais e professores, tendendo a pecar por excesso.

Quadro nº 7: Companhias de estudo

	Braga	Melgaço	Totais
Só	71,9	78,3	74,2
Só ou com colegas	6,5	8,8	7,3
Só ou com irmã (o)	8,3	5,6	7,3
Com os pais	3,9	1,2	2,9
Com a mãe	1,9	3,9	2,6
Só ou com a família	2,9	1,5	2,4
Só ou com a mãe	1,6	0,2	1,1
Só ou com o pai	1,7	0,0	1,1
Com o pai	1,1	0,5	0,9
Com irmão (s) e colegas	0,3	0,0	0,2
Totais	% n	100,0 751	100,0 411
			100,0 1162

O estudo costuma ser feito sozinho, (71,9% em Real e 78,3% em Melgaço) (ver quadro nº7), em casa, sobretudo no quarto (47% em Real e 57,2% em Melgaço; ver quadro nº8).

Quadro nº 8: Locais de estudo

		Braga	Melgaço	Totais
Quarto		47,0	57,2	50,6
Casa		32,2	22,4	28,7
Sala		7,3	10,5	8,4
Escritório		6,0	1,5	4,4
Cozinha		2,3	3,6	2,8
Sala de estudo e em casa		4,3	0,2	2,8
Biblioteca		0,0	4,1	1,5
Nas explicações		0,9	0,0	0,6
Casa da cultura		0,0	0,5	0,2
Totais	%	100,0	100,0	100,0
	<i>n</i>	751	411	1162

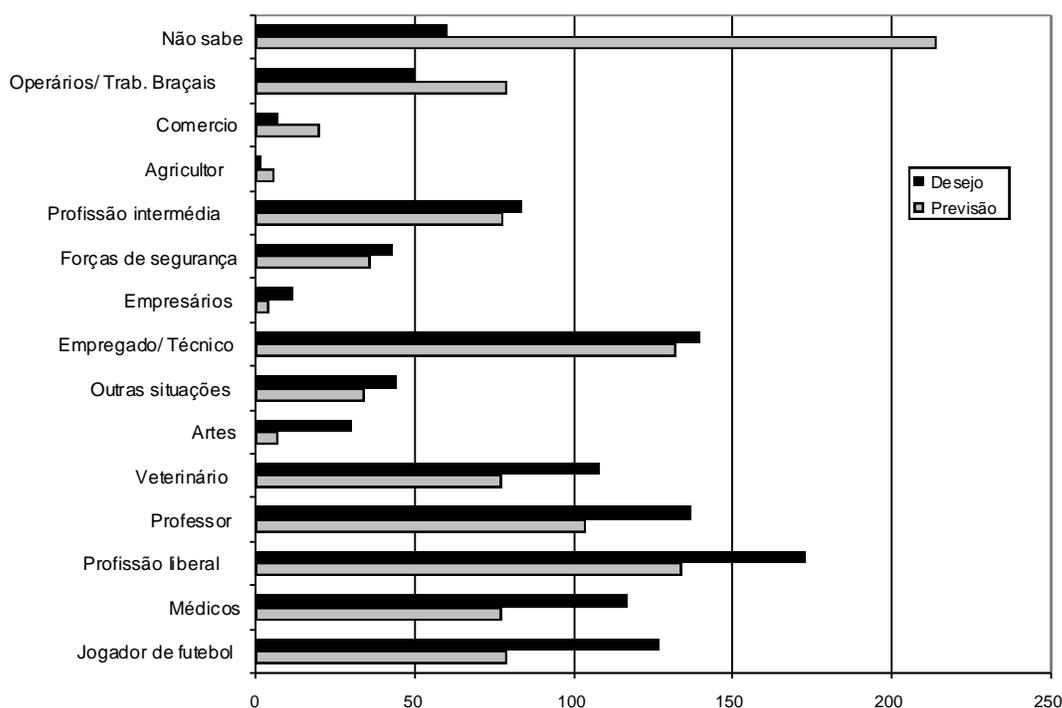
#### 4.4. Perspectivas de futuro

As opções que os alunos tomam e a forma como investem no futuro, ou no presente, são condicionadas pelo seu trajecto biográfico, pelas suas identidades e, pelas relações sociais em que estão envolvidos.

No que se refere à continuidade ou não dos estudos, a maioria dos alunos, quer em Braga (83,1%), quer em Melgaço (86,4%) pretende prosseguir os estudos. As incertezas são poucas (13,8%, em Real e 10,0% em Melgaço). É deveras reduzido o número de alunos que não pretende continuar a estudar (3,1% em Real e 3,6% em Melgaço). A maior parte destes alunos encaram continuar a estudar até à universidade (57,5% em Real e 50,1 em Melgaço). Seguem-se aparecem os alunos que pretendem continuar a estudar, mas apenas até ao ensino secundário (35,0% em Real e 38,7% em Melgaço). São poucos os que querem ficar apenas pelo cumprimento da escolaridade obrigatória (7,5% em Real e 11,1% em Melgaço).

Com o objectivo de analisar as perspectivas de futuro dos alunos, foram colocadas as seguintes questões: “que profissão pensas ter?” e “que profissão gostarias de ter?”.

**Gráfico 2:** Profissão prevista e profissão desejada



Como se pode observar no gráfico 2, as distribuições das respostas relativas à profissão prevista e à profissão desejada estão longe de ser coincidentes. Em primeiro lugar, os alunos mostram-se muito mais indecisos a propósito da primeira, 19,8% não sabem que profissão vão ter no futuro, mas apenas 4,3% não indicam a profissão que gostariam de ter. Em segundo lugar, constata-se uma clara sobre-representação de determinadas profissões em relação às probabilidades objectivas e ao seu peso real na sociedade. É o caso dos jogadores de futebol, dos médicos e dos veterinários. Em contrapartida, profissões como agricultor, comerciante ou operário resultam sub-representadas tendo em consideração o seu peso efectivo na população activa. De um modo geral, as profissões consideradas das classes altas e médias surgem sobre-representadas, o inverso acontece com as profissões associadas às classes populares

Em terceiro lugar, merece destaque a posição de algumas profissões que costumam povoar o imaginário e o universo lúdico das crianças. Atente-se por exemplo, nos jogadores de futebol ou até certo ponto nas forças de segurança.

Por último, comparando as duas distribuições, comprova-se que as maiores disparidades tendem a situar-se nos extremos da hierarquia social das profissões. No caso das profissões “menos cotadas”, tendem a ser em maior número aqueles, que prevêem vir a exercê-las do que as desejam. Inversamente, no caso das profissões “mais cotadas” asseveram-se em maior número aqueles que as desejam do que aqueles que prevêem vir a exercê-las.

Quadro nº9: Profissão prevista e desejada por concelho

	Profissão prevista		Totais	Profissão desejada		Totais
	Braga	Melgaço		Braga	Melgaço	
Não sabem	19,5	20,4	19,8	5,8	4,3	5,3
Profissão liberal	12,4	12,3	12,4	15,4	15,1	15,3
Empregado/ Técnico	12,3	12,0	12,2	12,4	12,3	12,3
Professor	9,0	10,7	9,6	10,3	15,2	12,1
Operário/ Trabalhador braçal	6,7	8,4	7,3	3,8	5,5	4,4
Jogador de futebol	9,4	3,4	7,3	13,9	6,3	11,2
Profissão intermédia	7,3	7,1	7,2	7,7	6,8	7,4
Médico	7,9	5,8	7,1	10,3	10,3	10,3
Veterinário	7,4	6,5	7,1	10,1	8,5	9,5
Forças de segurança	2,0	5,8	3,3	3,3	4,8	3,8
Outras situações	3,0	3,4	3,1	3,4	4,8	3,9
Comerciante	2,1	1,3	1,9	0,5	0,8	0,6
Agricultor	0,4	0,8	0,6	0,0	0,5	0,2
Arte	0,1	1,6	0,6	2,4	3,0	2,6
Empresário	0,3	0,5	0,4	0,7	1,8	1,1
<i>Totais n</i>	<i>699</i>	<i>382</i>	<i>1081</i>	<i>736</i>	<i>398</i>	<i>1134</i>

As diferenças entre os dois concelhos não são grandes tanto ao nível das profissões previstas como das desejadas. Sobressai apenas uma excepção significativa no que se refere aos jogadores de futebol, profissão mais assinalada em Real do que em Melgaço. Este facto pode dever-se ao elevado número de jogadores de futebol oriundos das freguesias da área da Escola de Real que conseguiram ingressar em equipas de 1ª, 2ª e 3ª divisão. Nestas freguesias existem vários “treinadores” que incentivam as crianças, desde tenra idade (cerca dos 3 anos),

a participar em “torneios”. Algumas pequenas e médias empresas, e até os próprios pais, apoiam financeiramente estas associações desportivas

Quadro nº10:Profissão desejada, segundo a profissão do pai

Profissão do pai Profissão desejada	Agricultor	Patrão	Empregado ou Técnico	Função pública	Quadro/ Prof. liberal	Operário/ Trab. braçal	Outras situações	Totais
Agricultor	0,0	0,6	0,0	0,0	0,0	0,0	1,3	0,2
Arte	4,5	4,6	2,5	1,1	5,2	1,9	1,3	2,6
Comercio	0,0	2,3	0,0	0,0	0,0	0,6	0,0	0,6
Empregado/ técnico	11,4	8,1	16,1	6,4	3,4	13,6	19,2	12,3
Empresário	2,3	2,9	0,6	0,0	0,0	0,4	1,3	0,9
Forças de segurança	4,5	2,9	4,3	6,4	0,0	3,8	3,8	3,8
Jogador de futebol	6,8	13,3	8,1	13,8	12,1	10,9	9,0	10,9
Médico	11,4	11,0	11,2	20,2	19,0	7,1	11,5	10,6
Não sabe	6,8	8,1	5,0	2,1	5,2	4,4	5,1	5,1
Operário/Trab. braçal	2,3	0,6	1,2	3,2	0,0	7,1	7,7	4,3
Outras situações	11,4	5,2	3,7	3,2	6,9	2,9	3,8	4,1
Profissão intermédia	9,1	9,2	6,2	12,8	8,6	6,3	3,8	7,4
Profissão liberal	4,5	15,0	19,3	13,8	24,1	15,7	11,5	15,7
Professor	18,2	8,7	12,4	7,4	6,9	14,9	9,0	12,2
Veterinário	6,8	7,5	9,3	9,6	8,6	10,3	11,5	9,5
<i>Totais n°</i>	<i>44</i>	<i>173</i>	<i>161</i>	<i>94</i>	<i>58</i>	<i>477</i>	<i>78</i>	<i>1085</i>

Para conseguir efectuar esta análise, ao nível da profissão do pai efectuou-se algumas agregações. Assim comércio, artesão e empresário foram designados patrões. Os desempregados foram incluídos no grupo, outras situações. Na função pública estão incluídos os funcionários públicos e forças de segurança. Os gestores, quadros, profissões intermédias e profissões liberal formam o Quadro/ Profissão liberal.

A escola reproduz a sociedade, (Ch. Baudelot e R. Establet, *L'école Capitaliste en France*, Maspéro, 1971; D. Berteaux, *Destins Personels et Structures de classe*; P. Bourdieu e J. C. Passeron, *La reproduction*, Éditions de Minuit, 1979, Ana Benevente). As expectativas escolares destes alunos apresentam as marcas da respectiva origem social(V Cramer's 0,148 e Chi Square P-Value <, 0001). O quadro 10 contempla as profissões que os alunos desejam ter e não aquelas que, pela sua trajectória de vida, pensam ser provável virem a desempenhar.

Alguns alunos enveredam por projectos de vida que implicam uma ruptura radical com a condição social. É o caso dos filhos dos agricultores que pretendem aceder a profissões intermédias e liberais. Os filhos de empregados/ técnicos orientam as suas preferências para as

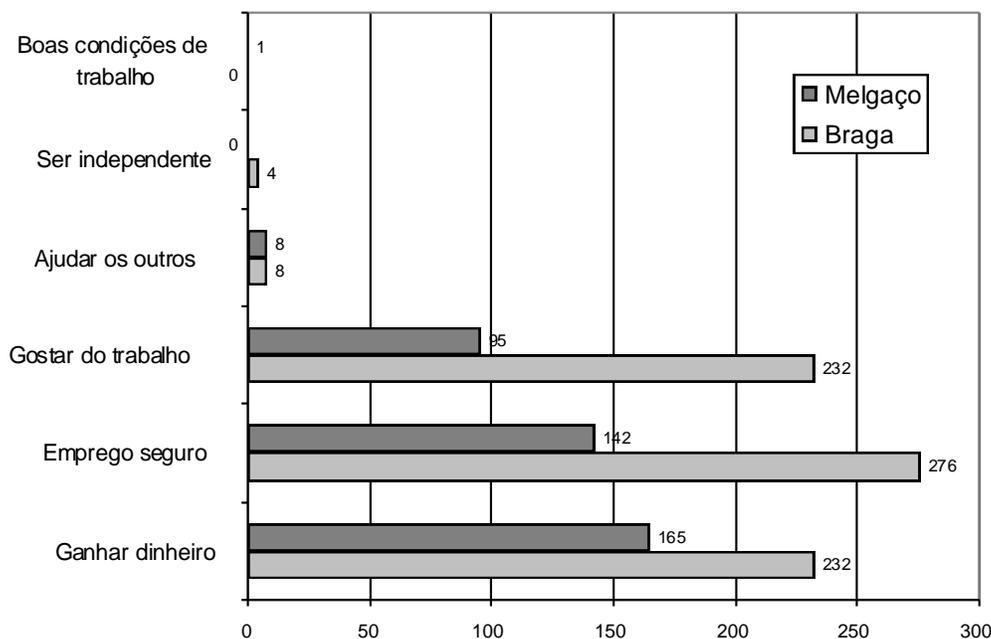
profissões liberais, sem desdenhar, porém, manter-se na mesma categoria dos pais. As profissões liberais e intermédias são também a preferência dos filhos dos funcionários públicos e dos membros de forças de segurança. Este grupo social, juntamente com os filhos dos patrões, escolhe a profissão de jogador de futebol com uma frequência asinalável. Os alunos provenientes das classes superiores escolhem, sobretudo profissões que poderão mantê-los no mesmo grupo social, ou seja as profissões liberais, incluindo a medicina.

Se analisarmos as profissões que os alunos gostariam de ter em função do ano lectivo frequentado, verificamos que, à medida que os anos avançam profissões como jogador de futebol (5º ano, 13,2% e 9º ano 6,1%) e veterinário (5º ano 15,8% e 9º ano 1,6%) são cada vez menos escolhidas. O inverso vai acontecer a profissões como empregados/ técnicos (5º ano 9,8% e 9º ano, 15,1%); profissões intermédias (5º ano 5,3% e 9ª ano 9,0%); profissões liberais (5º ano 10,2% e 9º ano 20,8%). Curiosamente, aumentam também os indecisos (5º ano 3,0% e 9º ano 10,2%).

O que mais valorizam estes jovens no seu emprego futuro?

De um modo geral, privilegiam a segurança e a remuneração. Também conta muito o gosto que o trabalho dá. Dimensões como ajudar os outros, a independência e as boas condições no trabalho pouco ou nada são indicadas.

**Gráfico 3:** Preferências relativas ao emprego



Em Melgaço, é valorizado o ganhar dinheiro, só depois a segurança no emprego e, finalmente, o gosto pelo trabalho. Em Real, o mais valorizado é a segurança no emprego, logo seguido da remuneração e do gosto pelo trabalho. Actualmente, quase todos estes jovens têm conhecimento da existência do emprego precário e das condições instáveis em que são assinados os contratos de trabalho. Através dos pais, são confrontados com os recibos verdes, os contratos temporários e outras situações de forte instabilidade e incerteza.

## V – A INSERÇÃO DOS FILHOS DOS EMIGRANTES NA ESCOLA PORTUGUESA

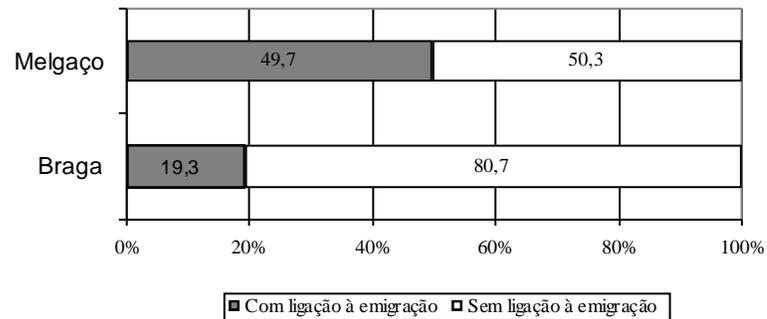
### 5.1. O regresso

Cristophe, o “francês”; David, o “avec”; Dinis, o “alemão” e o Marco possuem algo em comum, os pais são emigrantes e estudam todos em escolas portuguesas. O Cristophe regressou com os pais, de França, aos 13 anos. Enquanto esteve em França frequentou aulas de português. Fala e compreende o português, mas “exibe” sinais característicos das sociedades urbanas, como o penteado, os brincos, as correntes e as roupas largas. Na escola conquistou a simpatia das raparigas, a admiração dos rapazes e a antipatia dos professores. Embora os colegas o tratem por “francês”, não parece incomodado com esse facto. O David regressou de França, onde não frequentou a escola portuguesa. A irmã já estava em Portugal. Ele regressou aos 12 anos com os pais. Revela dificuldades na expressão oral e escrita em português, pede aos professores que lhe façam o teste em francês. Os pais, em casa continuam a falar o francês com o David. Nas reuniões, os professores comentam, que é um aluno inteligente, com bom método de trabalho, mas que só comunica por “grunhidos”. Os colegas chamam-lhe o “avec”, facto que o revolta; pontualmente “queixa-se” aos professores. O Dinis regressou da Alemanha, onde frequentou aulas de língua portuguesa. Consegue falar o português, mas tem muitas dificuldades na expressão escrita. Não frequenta as aulas de apoio que a escola oferece a alunos nesta situação, por incompatibilidade de horário. O Marco tem os pais emigrados na Suíça, está em Portugal a viver com as tias. Tem mais dinheiro que os colegas e recebe muita protecção das tias e das avós

Estes são exemplos de filhos de emigrantes, todos eles abrangidos por este estudo. Os filhos dos emigrantes inseridos em escolas portuguesas podem ter nascido em Portugal ou no estrangeiro, ter vivido ou não no estrangeiro e frequentado, ou não, escola no estrangeiro.

Inseridos actualmente em escolas portuguesas, não deixam de evidenciar sotaque diferente e não dominam certas expressões usadas em Portugal. Possuem sinais exteriores, no vestuário e adereços, que os demarcam dos restantes colegas da escola.

**Gráfico 4:** Ligação dos pais à emigração



No estudo efectuado com base no inquérito foi privilegiada a análise por concelho. Enquanto que em Braga apenas 19,3% dos alunos têm ligação com a emigração<sup>8</sup>, em Melgaço esse valor sobe para 49,7%. Seguindo a tradição e fazendo justiça aos trabalhos que tem inspirado (Gonçalves, 1996), Melgaço continua a ver partir muitos dos seus jovens conterrâneos. Atente-se que a maioria dos jovens abrangidos pelo inquérito têm idades entre os 10 e os 15 anos

---

<sup>8</sup> É considerado ter ligação à emigração os alunos em que é ou foi emigrante: só o pai; só a mãe e o pai e a mãe.

**Quadro nº11: Distribuição dos inquiridos por outras nacionalidades que não a portuguesa**

	Braga	Melgaço	Totais
Francesa	36,4	68,6	56,1
Canadiana	13,6	17,1	15,8
Suíça	27,3	0,0	10,5
Venezuelana	4,5	2,9	3,5
Espanhola	0,0	5,7	3,5
Moçambicana	4,5	2,9	3,5
Alemã	4,5	0,0	1,8
Angolana	0,0	2,9	1,8
Russa	4,5	0,0	1,8
Sul Africana	4,5	0,0	1,8
<i>Totais</i>	<i>22</i>	<i>35</i>	<i>57</i>

No que se refere à nacionalidade, a maior parte dos estudantes possuem nacionalidade portuguesa (96,9% em Braga e 91,5% em Melgaço; em Braga 2,3% dizem possuir nacionalidade dupla e 0,8% outra; em Melgaço esses valores são de 4,4% e 4,1% respectivamente) Os alunos que têm outras nacionalidades, que não a portuguesa, pertencem maioritariamente à francesa, sendo o seu valor maior em Melgaço. Em Braga é de salientar o número de alunos com nacionalidade Suíça, como se pode verificar no quadro número 11.

Neste quadro estão incluídos os alunos regressados das ex- colónias portuguesas (Angola e Moçambique). O seu peso no conjunto não é grande não influenciando por isso a análise.

Dos alunos que nasceram no estrangeiro, (4% em Braga e 11,4% em Melgaço), em Braga a maior parte nasceu em França, seguindo-se a Suíça e depois o Canadá; em Melgaço os nascimentos deram-se preponderantemente em França; só depois nos aparece à distância o Canadá, conforme podemos comprovar no quadro 12.

### Quadro nº12: País de nascimento no estrangeiro

	Braga	Melgaço	Totais
França	44,8	78,7	65,8
Canadá	10,3	10,6	10,5
Suíça	20,7	2,1	9,2
Venezuela	3,4	2,1	2,6
Espanha	0,0	4,3	2,6
Moçambique	3,4	2,1	2,6
Alemanha	6,9	0,0	2,6
Angola	3,4	0,0	1,3
Luxemburgo	3,4	0,0	1,3
África do Sul	3,4	0,0	1,3
<i>Totais</i>	<i>29</i>	<i>47</i>	<i>76</i>

Algumas crianças apesar de o pai ou de a mãe terem emigrado nunca chegaram a viver no estrangeiro. Passamos a não as contemplar para o estudo se debruçar apenas as crianças e os adolescentes que nasceram e/ou viveram no estrangeiro.

Existem crianças que nasceram no país de acolhimento e são reenviadas para o país de origem, desde muito cedo, para serem criadas pelos avós, ou outros familiares, porque estes têm mais tempo e disponibilidade que os pais. Quando o objectivo da família é regressar alguns são enviados para fazerem a escolaridade em Portugal:

“Para ti, criança amiga,

Em idade escolar:

Regressa a Portugal

Para a escola frequentar”

(Silva Manuel, Seixal, in Lourenço, 1981: 34).

Mas existem ainda aqueles que apesar de terem nascido e/ou vivido alguns anos no estrangeiro, acabam por regressar com os pais, ingressando então na escola portuguesa: *“Como não pensamos ficar toda a vida lá, eu prefiro dar-lhes a escola aqui. Começar lá, ter que andar um ano ou dois em França, depois ter de vir p’ra cá é aborrecido”* (Manuel, Melgaço, 20/8/83).

Em Melgaço é maior o número de estudantes que viveram no estrangeiro (17,5%) em relação a Braga (6,0%). Os países em que viveram são: a França, no caso de Braga segue-se a Suíça e depois o Canadá.

As crianças que nasceram no país de acolhimento, ao ingressarem pela primeira vez na escola, além de encontrarem os problemas habituais de adaptação a um meio desconhecido, comuns a todas as crianças, as suas relações interpessoais correm o risco de serem afectadas pelo desconhecimento, ou pelo domínio deficiente do idioma. A criança que começou a escolaridade no país de acolhimento e depois pretende continuá-la no país de origem vai enfrentar, para além dos obstáculos já mencionados, uma nova readaptação.

### Quadro nº13: País em que viveu no estrangeiro

	Braga	Melgaço	Totais
França	41,3	78,9	64,1
Suiça	32,9	5,6	12,8
Canadá	6,5	8,5	7,7
Espanha	0,0	4,2	2,6
Luxemburgo	6,5	0,0	2,6
Moçambique	4,3	1,4	2,6
Alemanha	4,3	0,0	1,7
Venezuela	2,2	1,4	1,7
África do Sul	2,2	0,0	0,9
Angola	2,2	0,0	0,9
Inglaterra	2,2	0,0	0,9
Macau	2,2	0,0	0,9
Rússia	2,2	0,0	0,9
<i>Totais</i>	<i>46</i>	<i>71</i>	<i>117</i>

Segundo Laffon (1973), a adaptação de um indivíduo a uma situação concreta resulta do confronto entre duas forças, uma que parte do sujeito para o meio exterior, outra que vem do meio exterior para o sujeito. Nesta perspectiva são possíveis três tipos de adaptações: a) Adaptação por assimilação do meio, quando o sujeito é suficientemente forte para vencer as resistências exteriores e consegue satisfazer o seu desejo. b) Adaptação por acomodação, quando o sujeito desiste do seu desejo, e acaba por transformar-se, esquecendo o seu objecto de desejo. c) Adaptação por deslocamento ou substituição. Processo que na realidade se trata de uma falsa adaptação.

Segundo Felix Neto, “todo o processo adaptativo pressupõe, primordialmente, reciprocidade entre o organismo e o meio, podendo realizar-se por mudanças que o indivíduo efectua no seu meio, isto é, *adaptação aloplástica*, ou por mudanças efectuadas em si próprio, *adaptação autoplástica*.” (Neto, 1985: 28)

Festinger (1957) desenvolve a teoria da dissonância cognitiva, com o propósito de analisar a mudança de opinião no sujeito, mudança efectuada por pressão da realidade social,

ou da realidade objectiva. Esta mudança implica optar por julgamentos contrários àqueles que foram aceites até aí pelo sujeito. Para se adaptar ao novo meio a pessoa racionaliza os seus sentimentos e modifica inclusivamente as opiniões, de forma a que a sua sensibilidade sofra o menos possível.

A adaptação implica sempre interacção com o meio. Do ponto de vista social, a integração dos filhos dos emigrantes é feita quer por uma *adaptação aloplástica*, quer por uma *adaptação autoplástica*, na maior parte das vezes há mesmo uma combinação das duas. O processo de adaptação dos filhos dos emigrantes à escola portuguesa, depende de vários factores. Neste estudo serão analisados:

- a língua,
- as relações de amizade,
- o tempo livre/ lazer,
- as vivências das férias,
- a experiência de regresso.

## **5.2. Língua**

Existem diferentes tipos de pessoas bilingues. Alguns estão muito à vontade no domínio das duas línguas, com poucas variações em relação aos unilingues. Existem casos em que há o uso das duas línguas, com alterações sensíveis, outros dominam o sistema de vocabulário das duas línguas mas só falam bem uma delas, outros embora possuam vocabulários equivalentes das duas línguas, estes só se assemelham em quantidade, porque em qualidade são diferentes. Os bilingues podem não sê-lo sempre. Trate-se de um processo dinâmico. Uma língua pode ser muito importante num certo momento da vida e deixar de o ser noutro. É o que acontece muitas vezes com os filhos de emigrantes, que por momentos podem quase não usar a língua do país de origem e privilegiar o uso da língua do país de acolhimento. No caso dos emigrantes o uso de uma determinada língua pode depender do prestígio relativo das línguas faladas. Nos primeiros tempos de emigração clandestina era frequente os jovens usarem menos a língua do país de origem, a favor da língua do país de

acolhimento, por vergonha da sua língua, cultura e mesmo nação. Esta atitude era muitas vezes incentivada através da frequência da escola no país de acolhimento.

Uma das questões colocadas no questionário administrado era se, no estrangeiro, os alunos frequentavam algum curso de língua portuguesa? Em Braga 30% e em Melgaço 33,8% dos alunos responderam afirmativamente

“ No caso concreto de certas populações emigradas, parece vantajoso iniciar a educação bilingue já desde a entrada para o jardim infantil. É a posição que defendi como resultado do estudo duma amostra de crianças portuguesas imigradas em França: o contacto com a língua francesa é precoce e inevitável; o que se torna necessário é corrigir e desenvolver o português num projecto bilingue e intercultural que restitua a dignidade à língua e cultura do país de origem” (Mesquita, 1987: 44).

Pichon (1947) refere que quando a aquisição da segunda língua se faz tardiamente, o indivíduo será considerado poliglota, o termo bilingue ou plurilingue é aplicado apenas quando a aprendizagem é feita precocemente, seja no meio familiar ou no meio escolar.

#### Quadro nº14: Língua falada em casa no estrangeiro

	Braga	Melgaço	Totais
Português	57,5	49,2	52,4
Francês	22,5	44,4	35,9
Inglês	7,5	3,2	4,9
Alemão	7,5	0,0	2,9
Castelhano	2,5	1,6	1,9
Espanhol	0,0	1,6	1,0
Russo	2,5	0,0	1,0
<i>Totais</i>	<i>40</i>	<i>63</i>	<i>103</i>

Aos alunos abrangidos por este inquérito era colocada a questão, “Qual era a língua que mais falavas em casa?”

No quadro número 14 verificamos que quer em Braga, quer em Melgaço a língua mais falada em casa era o português (57,5% e 49,4%, respectivamente) embora em Melgaço a

língua francesa seja também muito falada (44,4%) “ *Em casa falamos o português, mas há uma grande dificuldade porque eles na escola falam o francês todo o dia, este ano mandam os papéis p’ra puxar a escola portuguesa p’ra lá, mas não vejo nada. A mais velha não quer ir p’ra escola portuguesa, não quer o português, quer o francês e o espanhol e isso tudo, mas o português é no dia de repouso e é um problema*” (Mulher, Penso, 25/8/83). Apesar de existirem os cursos de língua portuguesa, muitas vezes funcionam em horários menos nobres. No “bilinguismo de emigração a criança vê-se obrigada a enfrentar, fora do meio familiar, uma língua diferente que os pais não falam ou falam mal” (Mesquita, 1987:36).

Para sondar a língua falada fora do meio familiar, foi colocada a questão “Tinhas amigos portugueses?” Em Braga 75% das respostas e em Melgaço 64,6% foram afirmativas. Mas quando foram questionados acerca da língua falada com os amigos, a conclusão é que predominam as línguas estrangeiras.

**Quadro nº15: Língua falada com os amigos no estrangeiro**

	Braga	Melgaço	Totais
Francês	50,0	91,1	74,7
Alemão	20,0	0,0	8,0
Inglês	10,0	4,4	6,7
Português	13,3	2,2	6,7
Castelhano	0,0	2,2	1,3
Luxemburgo	3,3	0,0	1,3
Russo	3,3	0,0	1,3
<i>Totais</i>	<i>30</i>	<i>45</i>	<i>75</i>

Apesar de terem preferencialmente amigos portugueses, a língua mais falada com os amigos é a francesa em Melgaço é de 91,1% e em Braga é de 50,0%. Não podemos esquecer que em Braga a emigração se reparte por outros países como a Suíça, e o Canadá, daí que línguas como o alemão (20,0%) e o inglês (10,0% nos apareçam mais representadas do que em Melgaço, onde a emigração é predominantemente para a França. A língua portuguesa aparece-nos mais representada em Braga (13,3%) do que em Melgaço (2,2%).

Podemos concluir que todos estes alunos que viveram no estrangeiro, mas regressaram a Portugal estão actualmente inseridos em escolas portuguesas. A língua que predominava em casa era o português, mas o mesmo não se passava no exterior, mesmo quando os amigos eram também portugueses. Na transição para a escola portuguesa, o domínio da língua revela-se um dos principais obstáculos à sua inserção:

“ a) no tienen dominio del lenguaje oral (errores de acentuación, interferencias lingüísticas y vocabulario limitado; b) no tienen dominio del lenguaje escrito (faltas de ortografía, vocabulario vacilante y gran dificultad al hora de construir oraciones; c) no entienden el texto de los exámenes o ningún texto escrito; d) ignoran algunas expresiones técnicas en portugués usadas en materias tales como la electrónica, la física, etc.; e) no entienden y no son muy sensibles a las sutilezas de los grandes escritores de la literatura portuguesa” (Trindade, 1989: 159).

Mas se as dificuldades com a língua são grandes, uma das “vantagens” que os filhos dos emigrantes possuem é o método de trabalho adquirido no estrangeiro e talvez isso justifique a taxa de reprovação expressa no gráfico 1 “Os estudantes obtêm melhores resultados em algumas disciplinas que, de outro modo, nunca teriam alcançado, caso de inglês, Francês ou Alemão, trazem um método de trabalho considerado superior ao dos alunos portugueses, além de que tiveram oportunidade de alargar os seus conhecimentos e experiência noutro país” (Rocha-Trindade 1988 b: 170). Por outro lado, a favor do “sucesso escolar” dos filhos dos emigrantes está ainda o relativo êxito económico da maior parte dos emigrantes que de algum modo lhes permite alcançar um nível e um estilo de vida que lhes facilita a integração na sociedade portuguesa. Pode-se, por último acrescentar:

“No tocante aos desajustes culturais (outros que linguísticos) característicos dos descendentes de migrantes que fecharam o seu ciclo migratório, uma reflexão de outra ordem é de propor: por muito que a duplicação de referências e que os conflitos de hábitos, de memórias e de valores possam perturbar a afirmação e reconhecimento da identidade cultural própria, entendemos que o conhecimento aprofundado, de vivência feito, de duas culturas distintas, constitui muito mais uma vantagem do que um prejuízo individual” (Rocha-Trindade, 1998: 56)

### 5.3. Relações de amizade

Questionados sobre os locais habitualmente frequentados com os amigos (portugueses ou de outras nacionalidades) deram as seguintes respostas:

#### Quadro nº16<sup>9</sup>: Locais frequentados com os amigos no estrangeiro

	Braga	Melgaço	Totais
Escola	42,9	51,9	48,8
Parques	32,1	36,5	35,0
Casa	14,3	25,0	21,2
Outros <sup>10</sup>	10,7	15,4	13,8
Infantário	10,7	9,6	10,0
Cinema	10,7	7,7	8,8
Piscina	3,6	11,5	8,8
Jardim	17,9	1,6	7,5
Rua	7,1	7,7	7,5
<i>Totais</i>	<i>28</i>	<i>52</i>	<i>80</i>

Em ambas as localidades verificamos que era na escola e em parques, seguindo-se a casa, onde preferencialmente estavam com os amigos. Este facto poderá ser justificado, em parte, pela idade de regresso ao nosso país destes alunos, que se centra maioritariamente entre um ano e os sete anos. Locais como o cinema, a piscina ou outras diversões que implicam gastos de dinheiro são menos mencionados. Os emigrantes no estrangeiro são muito contidos nos gastos, embora esta postura seja cada vez menos visível nas gerações mais novas, uma vez que até as primeiras gerações de emigrantes vivem agora menos “estoicamente” no estrangeiro<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> A questão que está na origem deste quadro é aberta logo foram obtidas respostas diversificadas. Muitas vezes existiu mais que uma resposta. As respostas foram todas contabilizadas de forma a não se perder nenhuma informação. A percentagem foi efectuada em relação ao número total de alunos. Por esta razão o quadro nº 16 contempla um total de respostas superior ao número de alunos inquiridos. O mesmo acontece nos quadros números 17, 18, 19, 20, 21 e 22.

<sup>10</sup> Na secção “outros”, inserimos locais como café, cidade, futebol, praia, teatro e missa.

<sup>11</sup> Conforme se pode verificar no III capítulo deste trabalho.

Além dos amigos portugueses, estes jovens, tinham no estrangeiro amigos de outras nacionalidades: 76,9% em Braga e 69,2% em Melgaço respondem afirmativamente à questão: “Tinhas amigos de outras nacionalidades?”

#### **5.4 Usos do tempo livre**

No tempo livre estão incluídas actividades de lazer. O tempo livre é frequentemente associado ao tempo vivido na primeira infância.

“Mas a este respeito, há confusão entre a experiência infantil da liberdade no jogo e a nostalgia do estado social anterior à divisão do trabalho. Em ambos os casos, a totalidade e a espontaneidade que o lazer procura restituir, porque sucedem num tempo social marcado essencialmente pela moderna divisão do trabalho, assumem a forma objectiva da evasão e da irresponsabilidade” (Braudillard, 1995: 165)

Os tempos livres, são nas respostas dos alunos associados sobretudo a actividades de lazer.

Uma das ocupações mais mencionadas quer em Braga (32,4%) quer em Melgaço (44,8%) é “brincar”, categoria que pode incluir várias modalidades de lazer associadas à primeira infância e a um tempo de liberdade e irresponsabilidade. É uma actividade oposta ao trabalho, onde a espontaneidade impera e o tempo e o espaço parecem fluir. Todas as outras actividades seguem a mesma lógica, como os jogos ou os passeios. Surgem também algumas actividades mais passivas como “ver TV” e “estar em casa”. No grupo “outros” reencontramos actividades activas ligadas mesmo a uma certa distinção social ao nível do lazer. É de referir práticas tais como a expressão artística, o balet, o karaté, ouvir música. Os desportos aqui assinalados, não são de equipa, como é

o caso do futebol, mas modalidades individuais normalmente associadas às classes médias e altas. Os passeios (fazer compras, Disneyland e Zoo) implicam a posse de um certo capital económico e, sobretudo, uma predisposição para gastar, efectuar saídas durante o período em que se está no estrangeiro, em vez de “guardar” esses momentos exclusivamente para quando se vem de férias a Portugal.

A escola aparece como fazendo parte do tempo livre. Isto deve-se porventura a facto de ser um espaço onde se convive com os amigos. Por outro lado, as escolas podem oferecer várias oportunidades de lazer, como as actividades desportivas, os jogos de xadrez e de damas, a biblioteca ou os jogos multimédia.

### Quadro nº17: Ocupação dos tempos livres no estrangeiro

	Braga	Melgaço	Totais
Brincar	32,4	44,8	40,2
Futebol/ jogos	32,4	12,1	19,6
Passear/ parques	20,6	19,0	19,6
Ver TV	14,7	22,4	19,6
Casa	11,8	22,4	18,5
Escola	8,8	20,7	16,3
Outros <sup>12</sup>	11,8	12,1	12,0
Andar de bicicleta	11,8	6,9	8,7
Piscina	2,9	10,3	7,6
Estar com amigos	2,9	3,4	3,3
Cinema	2,9	3,4	3,3
<i>Totais</i>	<i>34</i>	<i>58</i>	<i>92</i>

Pelas actividades de lazer dos jovens filhos de emigrantes pode-se reforçar a ideia de que cada vez menos os emigrantes canalizam todas as economias e todos os afectos para o mês das férias. No estrangeiro saem cada vez mais, passam “fins de semana fora” e, sobretudo, em relação aos filhos proporcionam-lhes diferentes alternativas. Não se pode esquecer que em muitos casos, a emigração fez-se muito com o objectivo de proporcionar uma “vida melhor para os filhos”.

“Beaucoup de jeunes son encore scolarisés et l’avenir nous apportera d’autres éléments d’analyse. En tout état de cause il est important de souligner que les Portugais placent “l’enfant” au centre de tous leurs projects d’immigration” (Leandro, 1995: 220).

A socialização dos pais, no estrangeiro, fez-se através dos filhos e por eles estão dispostos a fazer “sacrifícios” :

---

<sup>12</sup> Neste quadro, no grupo “outros” foram englobadas respostas como: aulas de balet, karaté, ouvir música, passeios ao zoo, passeios à Disneyland, fazer compras, ir à praia e “brigas”.

<sup>6</sup> No grupo “outros” estão inseridos: passear, dormir, brincar, comida, a cidade, o cheiro, falar português, estilo de vida, Portugal e ver novas terras.

“Gostava que eles [filhos] tivessem uma boa educação. Depende deles, se eles aproveitarem bem o tempo gostava que continuassem os estudos, mas se eles não aproveitarem também não nos vamos esforçar para gastar dinheiro à toa. Nós gostávamos que eles acabassem os estudos e sacrificamos se vir que eles aproveitam o tempo” (Manuel, Prado, 20/8/83).

### 5.5. Vivências das férias

Quando vinham de férias a Portugal o que é que mais marcava estes jovens, que recordações guardam desse tempo?

Quadro nº 18: Aspectos mais apreciados nas férias

	Braga	Melgaço	Totais
Natureza/ paisagem	10,3	45,1	32,5
Família	31,0	32,4	31,2
Praia	58,6	9,8	27,5
Outros <sup>13</sup>	37,9	17,6	25,0
Clima	13,8	11,8	12,5
Liberdade	3,4	15,7	11,2
Amigos	3,4	15,7	11,2
Tudo	3,4	7,8	6,2
Ambiente/ festas	3,4	5,9	5,0
Casa	6,9	2,0	3,8
Não sei	0,0	2,0	1,2
<i>Totais</i>	<i>29</i>	<i>51</i>	<i>80</i>

<sup>13</sup> No grupo “outros” estão inseridos: passear, dormir, brincar, comida, a cidade, o cheiro, falar português, estilo de vida, Portugal e ver novas terras.

É interessante constatar que em Melgaço o que estes jovens apreciaram mais durante as férias foram os encantos das paisagens e a natureza, designadamente o ver alguns animais de perto: *“O que mais apreciei nas férias é que podia andar a passear e vi cobras que lá na França não as vi”* (Rapaz, 6º ano, Melgaço, 14 anos).

Estar com a família é algo que se aprecia muito durante as férias, quer em Braga (31,0%), quer em Melgaço (32,4%). A praia faz parte das férias dos emigrantes. Aliás, acentua-se a tendência para os emigrantes repartirem as férias por mais do que um lugar. Muitos entregam-se ao campismo, o que proporciona aos jovens um afastamento de uma sociedade mais tradicionalista, nas aldeias, a maior proximidade a uma sociedade onde o controle social e familiar se faz sentir menos. No grupo “outros” estão respostas de difícil inclusão nos restantes itens, continuam, no entanto, a ser actividades de lazer já registadas nos testemunhos dos emigrantes entrevistados, alguns familiares destes jovens. O clima, a liberdade, estar com os amigos, o ambiente e as festas, bem como a casa, são aspectos prezados pelos emigrantes em férias.

É interessante verificar que a maior parte destes jovens durante as férias, quando questionados sobre o que apreciavam menos, respondem “nada”. Isto é sobretudo em Melgaço (37,2%). Em Braga, o que estes alunos menos apreciavam nas férias está inserido na categoria “outros”: a escuridão da noite, a dificuldade em falar o português, os emigrantes, os médicos, a falta da família, os insectos, a natureza, os monumentos e a paisagem. Em Braga também nos aparece como pouco apreciado o clima, o que poderá ser explicado pelo facto de nesta cidade o calor no verão se fazer sentir muito. O “falatório das pessoas” e as “pessoas cuscas” são pouco apreciados. O controle social pesa tanto mais quanto, muitos foram educados em sociedades urbanas, acusando algumas algumas dificuldades de inserção no meio rural. “Em contrapartida vê-se mal a vinda para a aldeia destes jovens filhos de emigrantes, em maioria nascidos e educados no ambiente urbano das cidades francesas. Geração em situação de bi-culturalismo, perante um ambiente físico e social a que estão estranhos, reagem de maneira crítica em relação a um contexto marcadamente diferente” (Trindade, 1984: 166).

### Quadro nº19: Aspectos menos apreciados nas férias

	Braga	Melgaço	Totais
Nada	15,4	37,2	29,0
Outros <sup>14</sup>	23,1	9,3	14,5
Momento da partida	3,8	16,3	11,6
Clima	19,2	4,7	10,1
Poluição	19,2	2,3	8,7
Pessoas	7,7	4,7	5,8
Cidades	3,8	7,0	5,8
Estradas	11,5	0,0	4,3
Trabalhar	0,0	7,0	4,3
Café	3,8	2,3	2,9
Falta de diversão	0,0	4,7	2,9
Comida	0,0	4,7	2,9
<i>Totais</i>	<i>26</i>	<i>43</i>	<i>69</i>

Em Braga, as estradas e a falta de sinalização são pouco apreciadas. Por sua vez, em Melgaço, são os trabalhos agrícolas e a “bricolage” efectuadas em férias, assim como os cafés, falta de diversões e a comida a não merecer a aprovação destes jovens vidos de férias

Mesmo com as boas recordações de férias e estando a maior parte destes jovens inseridos na escola e sociedade portuguesas, quando questionados se gostariam de voltar ao país estrangeiro onde viveram 67,6% em Braga e 63,3% em Melgaço respondem que sim. São várias as razões apontadas.

### Quadro nº20: Motivos para o regresso ao país estrangeiro

	Braga	Melgaço	Totais
Amigos que lá deixei	55,0	29,4	38,9
Família que lá deixei	25,0	23,5	24,1
Outros	15,0	17,6	16,7
Estilo de vida	15,0	14,7	14,8
Saudades	0,0	20,6	13,0

<sup>14</sup> No grupo “outros”, a escuridão da noite, a dificuldade em falar o português, os emigrantes, os médicos, a falta da família, os insectos, a natureza, os monumentos e a paisagem.

Beleza do país	15,0	5,9	9,3
É o meu país natal	0,0	11,8	7,4
Organização	10,0	0,0	3,7
<i>Totais</i>	<i>20</i>	<i>34</i>	<i>54</i>

Os laços deixados no país estrangeiro ainda são alguns, seja com amigos, sejam com familiares. No grupo “outros” destacam-se os juízos negativos sobre a sociedade portuguesa, tais como: aqui é bom para férias , mas viver é uma seca; não gosto das pessoas portuguesas, aqui não há neve, preferiam o país estrangeiro para fazer férias. O estilo de vida e a organização, as saudades, a beleza, bem como o facto de ser o país natal de alguns alunos, são factores que os unem ao país estrangeiro.

Os alunos que responderam que não gostariam de voltar ao país onde estiveram emigrados assinalam como factores explicativos: não ter saudades desse país, sentir-se bem em Portugal, ter aqui os amigos, usufruir em Portugal de mais liberdade, gostar mais deste clima, estar junto da família e das pessoas que gostam, o amor a este país, a casa ser maior, a insegurança que se vive no estrangeiro, a poluição do estrangeiro e o trânsito.

## **5.6. Experiência de regresso**

A adaptação à vida no estrangeiro depende em parte da ideia que os emigrantes nutrem ou não em relação ao regresso ao país de origem.

Apesar das dificuldades sentidas com a língua e até na inserção escolar, a maior parte dos filhos dos emigrantes apontam factores positivos que apreciaram no regresso a Portugal e que em parte são coincidentes com os factores que referiram em relação às férias.

Os amigos surgem logo como o factor principal apontado tanto em Braga como em Melgaço. Em Braga muitas respostas estão reunidas no grupo “outros”. A família, a paisagem, a natureza, a casa e a liberdade são apreciados no regresso, tal como no caso das férias . Mostram a sua inserção na

sociedade portuguesa. Enquanto que em Melgaço 13,5% dos alunos apreciaram tudo no regresso a Portugal, em Braga 14,3% dos alunos não apreciaram nada.

**Quadro nº21: Aspectos mais apreciados no regresso a Portugal**

	Braga	Melgaço	Totais
Amigos	21,4	21,2	21,2
Outros <sup>15</sup>	35,7	11,5	20,0
Família	17,9	19,2	18,8
Paisagem/ natureza	7,1	25,0	18,8
Casa	21,4	11,5	15,0
Liberdade	3,6	13,5	10,0
Tudo	3,6	13,5	10,0
Nada	14,3	5,8	8,8
Escola	3,6	9,6	7,5
Clima	10,7	3,8	6,2
<i>Totais</i>	<i>28</i>	<i>52</i>	<i>80</i>

No que se refere aos aspectos que estes alunos menos apreciaram no regresso a Portugal, é de salientar que em Melgaço 34,1% referem que “nada”. A escola é o factor apontado em primeiro lugar em Braga e em segundo lugar em Melgaço, e a este factor podemos acrescentar a dificuldade em falar o português. É nestes domínios que sentem mais dificuldades e confrontos culturais e sociais. Tal como acontecia nas férias dos emigrantes, as pessoas continuam a ser pouco apreciadas. A falta de amigos e de família é sentida por alguns destes jovens, podendo estar aqui incluídos os filhos de emigrantes que foram enviados para Portugal para prosseguir aqui a escolaridade na perspectiva do regresso dos pais.

---

<sup>15</sup> No grupo “outros”, estão inseridos factores como: cidade de Braga, o país, as praias, a vida das pessoas, o desporto, os carros, o aeroporto e os monumentos.

## Quadro nº22: Aspectos menos apreciados no regresso a Portugal

	Braga	Melgaço	Totais
Nada	11,5	34,1	25,7
Escola	15,4	15,9	15,7
Outros <sup>16</sup>	11,5	15,9	14,3
Pessoas	11,5	11,4	11,4
Falta de amigos	7,7	6,8	7,1
Falta de família	19,2	0,0	7,1
Poluição	7,7	6,8	7,1
Cidade	7,7	4,5	5,7
Clima	7,7	4,5	5,7
Dificuldade falar português	3,8	2,3	2,9
Tudo	3,8	2,3	2,9
<i>Totais</i>	<i>26</i>	<i>44</i>	<i>70</i>

Os emigrantes continuam a apostar na formação dos filhos , na expectativa de lhes proporcionar um futuro de “colarinhos brancos”:

*“O mais velho se arranjar aqui um amor já queria ficar aqui. Ele queria ser mecânico. Mas o meu homem diz que é um trabalho sujo. Ele puxa-le p’ra desenhador”*  
(Cucos, Prado, 21/8/83)

*“Uma filha ficou lá, ela acabou agora o curso, já tem 22, ela estudou mas inda quer estudar mais um bocadinho p’ra coisa do IRS, preencher papéis e assim. Mas ela inda quer fazer mais estudos ao sábado e à noite, p’ra ver s’inda tira mais dois ou três anos”*  
(Prazeres, 40 anos, Merelim S. Pedro, 26/7/00).

"Etre docteur, ce n'est pas pour des gens comme nous". Le niveau moyen des ambitions en ce qui concerne la profession future de leurs enfants, situerait des derniers dans la catégorie des "cols blancs": une profession "propre", un travail non manuel et un statut social supérieur à celui dont jouissent actuellement les parents" (Trindade, 1973: 123).

---

<sup>16</sup> No grupo “outros estão inseridos: Melgaço, saudades do Canadá, comida, falta de diversão, falta de aquecimento e a pobreza.

Seja no estrangeiro ou em Portugal as apostas dos emigrantes na educação escolar dos filhos são apreciáveis. O diploma é encarado como um “bilhete” que permite ter acesso a uma melhor posição na hierarquia social.

Os filhos de emigrantes que residiram no estrangeiro e que se encontram inseridos actualmente na escola portuguesa sentem dificuldades ao nível da língua e de algumas disparidades culturais. Mas a sua integração social processa-se na maior parte das vezes com uma certa facilidade, conseguindo usufruir dos benefícios do bilinguismo e do facto de viverem entre duas culturas.

## CONCLUSÃO

Ao dar início a este estudo estava consciente que em Sociologia qualquer tema sobre o qual nos debrucemos está rodeado de discursos e pré-noções.

Na Sociologia proposta por Durkheim é possível promover uma análise dos fenómenos sociais objectiva e neutra, sendo para isso necessário distanciar-se daquilo que as pessoas acreditam, ou seja, romper com senso comum. Para Durkheim, a objectividade não é apenas desejável, é também possível desde que se respeite o método científico.

Os actores e os fenómenos sociais são imprevisíveis, são entidades vivas, não são seres fossilizados, sem dinâmica e sem criatividade.

Max Weber defende que é necessário compreender o que se passa dentro dos fenómenos sociais, o simbólico, o subjectivo, as diferentes formas de pensar e de sentir. Quanto ao sociólogo, ele é sempre movido por valores. Este autor defende que por mais pequeno que seja o fenómeno social, o seu estudo é inesgotável. Na investigação e na análise, o investigador deve, no entanto, permanecer rigoroso e reger-se pelos valores universais da ciência.

Karl Manheim (1956) deu um importante contributo para a questão da neutralidade axiológica, ao considerar que o conhecimento "verdadeiro", científico, também está sujeito à influência de valores, sendo necessário "desmontar" as condições sociais que contribuíram para a emergência desse conhecimento. Na sua esteira, Pierre Ansart sustenta que nada justifica que o envolvimento seja menos elucidativo do que a distanciação social.

Na sua teoria sobre o "campo científico", Pierre Bourdieu (1976) pretende apreender os discursos, as condições de produção, as estruturas, os enredos, as estratégias e dinâmicas que presidem à produção do conhecimento universal.

Quando comecei a efectuar algumas leituras sobre o tema da emigração<sup>17</sup>, eram muitos os preconceitos que pairavam no ar e dentro da minha cabeça. Quando efectuei a primeira entrevista a um casal que passeava na rua que me perguntou como os identifiquei

---

<sup>17</sup> Autores como: Oliveira Martins, Joel Serrão, M<sup>a</sup> Beatriz Rocha-Trindade, Miriam Halperm Pereira, Felix Neto, M<sup>a</sup> Engrácia Leandro, Albertino Gonçalves, Paulo Filipe Monteiro, Carolina Leite, outros.

como emigrantes pensei “o cabelo loiro da senhora e a carteira do marido debaixo do braço”, mas “inventei” uma desculpa. Ao realizar a segunda entrevista, o Senhor Armando, que me recebeu em sua casa, fez questão de me contar toda a sua estória de vida de emigrante. À medida que as entrevistas prosseguiam a minha admiração e respeito pelos emigrantes foi aumentando. A proximidade foi sendo cada vez maior e fui conhecendo diferentes elementos das famílias, outras gerações de emigrantes, os seus sentimentos, vivências e emoções. A realização deste trabalho modificou a minha “visão” em relação aos emigrantes, e isso traduziu-se em novas práticas e atitudes como a tolerância para com os carros de matrícula estrangeira, dar de bom grado indicações aos emigrantes, não olhar com “desprezo” quando oiço falar estrangeiro num hipermercado, não ser antipática quando na praia se colocam perto da minha barraca para se proteger da areia. Muitos poderiam ser os exemplos aqui apontados. Estas ocasiões serviram para conversar mais ou menos prolongadamente com alguns deles e confirmar ou refutar algumas das minhas hipóteses de trabalho. Como defendia Lucien Goldman (1952), na investigação social existe uma "unidade entre o sujeito e o objecto". Como investigadores não somos apenas espectadores que assistimos duma plateia ao desenrolar dos fenómenos sociais no palco, eles tocam-nos, envolvem e questionam os nossos valores e ideias feitas.<sup>18</sup>

No início deste trabalho aventurei-me a formular muitas questões. Nem todas obtiveram as devidas respostas, e muito menos respostas cabais. Este estudo assume-se como exploratório, não pretende ter um carácter exaustivo, nem definitivo apenas tecer algumas reflexões e tatear algumas pistas acerca do comportamento dos emigrantes quando inseridos na sociedade portuguesa, mais precisamente em férias ou na escola, nomeadamente após o regresso, no caso dos filhos.

Durante o período de férias, os emigrantes vivem, actualmente, mais para si próprios e menos para o exterior. As férias são cada vez mais repartidas por mais de um lugar em Portugal e nalguns casos, sobretudo as gerações mais novas, fazem alguns percursos turísticos. Durante o resto do ano, torna-se corrente gozarem férias noutros locais. Nestes

---

<sup>18</sup> No sentido de contrariar estas tendências surgem várias propostas, como o relativismo cultural, (ex, BENEDICT, Ruth, Padrões de Cultura, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.), o descentramento (PIAGET, Jean, (1973) Estudos Sociológicos, São Paulo, Ed. Forense) ou a auto socia análise, onde o investigador aplica os instrumentos da sociologia a si mesmo (BOURDIEU, Pierre, (1980) Les sens pratique, Paris, Minuit; BOURDIEU, Pierre, (1980) Questions de Sociologia, Paris, Minuit; BOURDIEU, Pierre, (1992) Réponses pour une anthropologie réflexive, Paris, Éd. du Seuil).

casos, o nosso país nem sempre é eleito. No conjunto, Portugal passou a ser mais país de férias e menos país de retorno.

As escolas portuguesas debatem-se com muitos problemas e bastantes carências. Alguns foram aqui focados, tais como a segurança, a qualidade das instalações e a higiene. Talvez seja tempo de se adoptar mais medidas de segurança através de uma intervenção de carácter preventivo. Aprender com comodidade, segurança e qualidade é o que a maior parte dos alunos deseja. A escola é considerada imprescindível para a sua formação. A maioria dos alunos pretende, aliás, prosseguir os seus estudos. Os filhos de emigrantes, uma vez regressados a Portugal, deparam-se com a escola que existe no nosso país. Sentem muitas dificuldades, sobretudo ao nível da expressão escrita, da diversidade cultural e da integração social. Mas a maior parte acaba por obter sucesso escolar e fazer uso em seu benefício do bilinguismo e do multiculturalismo:

“L’homme marginal est celui qui participe à deux cultures différentes, qui se battent audedans de lui, et qui par conséquent se sent divisé: il peut être un métis, mais il existe une hybridation culturelle indépendante de la miscégenation. Certes, on reconnaît que ces marginaux pouvaient être plus intelligents que les autres, qu’ils pouvaient avoir l’esprit plus aiguisé et plus critique” (Bastide 1971: 107).

Ao fazer este trabalho nunca me senti o cientista de “bata branca”, a sociedade está dentro de cada um de nós e condiciona a nossa pesquisa e o nosso olhar. Certo é que tudo o que fazemos, enquanto investigadores, tem reflexos na sociedade (Giddens, 1978), realidade que Pierre Bourdieu designa por *efeito de teoria*, ou seja, “poder agir sobre o mundo agindo sobre a representação do mundo” (1992: 123).

Tenho esperança de com este trabalho dar um contributo ao referido nível de representação do mundo, no sentido de os emigrantes encontrarem um

“lugar ao sol” na sociedade portuguesa e deixarem de ser a parte

“sombria da nossa história”.

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV., *A Emigração Portuguesa e o Seu Contexto Internacional*, organização e prefácio de Eduardo de Sousa Ferreira, Centro de Estudos da dependência - CEDEP, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1977.
- ABREU, Isaura e ROLDÃO, Maria do Céu (1989), A evolução da escolaridade obrigatória em Portugal nos últimos vinte anos, in Pires, Eurico L., *O Ensino básico em Portugal*, Porto, Asa.
- AFONSO, Almerindo Janela (1998): *Políticas Educativas e Avaliação educacional*, Braga, Universidade do Minho.
- ALMEIDA, Carlos e BARRETO António (1976): *Capitalismo e Emigração em Portugal*, 3ª edição, Cadernos de Hoje nº 10, Lisboa.
- ANIDO, Nayade e FREIRE, Rubens (1978): *L'Émigration Portugaise Présent et Avenir*, Presses Universitaires de France, France.
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (1990): Direcção de; *História da Vida Privada*, Volume 4, Edições Afrontamento, Porto.
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (1991): Direcção de; *História da Vida Privada*, Volume 5, Edições Afrontamento, Porto.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho (1984): *Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração portuguesa*, Litoàgueda, Aveiro.
- BAGANHA, Maria Ioannis B., Emigração Imigração em Portugal, in *Interesses colectivos versus interesses individuais: A política americana de imigração, 1776-1927*: 28.
- BAKHTIN, Mikhail, (1987): *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, o contexto de François Rabelais* Editora Universidade de Brasília, São Paulo.
- BARDIN, Laurence (1979): *Análise de conteúdo*, Edições 70, Persona, Lisboa.
- BARRETO, António (1995), Centralização e descentralização no sistema educativo, *Análise Social*, nº 130, Lisboa, ICS.
- BASTIDE, Roger, (1971), *Anthropologie appliquée*, Petite Biliothèque Payot, Paris.
- BECKER, Adeline, (1982): *The role of school in the maintenance and change of ethnic group affiliation*, Brown University, dactilografado.
- BECKER, Howard S. (1977): “Social-class variations in teacher-pupil relationship”, in Scholl and Society. A sociological reader, Open University.
- BECKER, S. Howard (1988): *Les mondes de l'art*, Paris, Fammarion.
- BENAVENTE, A., J. Campiche, T. Seabra e J. Sebastião (1994), *Renunciar à escola. O Abandono escolar no Ensino Básico*, Lisboa, Fim de Século.

- BERELSON (1948): *The Analysis of Communication Content*, Chicago/ New York, University of Chicago/ Columbia University.
- BERTEAUX, Daniel (1977): *Destins Personels et Struture de Classe. Pour une Critique de l'Anthroponomie Politique*, PUF, Paris.
- BOURDIEU, P. (1979): *La Distinction*, Ed. du Minuit, Paris.
- BOURDIEU, Pierre (1987): Propostas para o Ensino do Futuro, in *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 5, 101-120.
- BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain (1969): *L'Amour de l'art, les musées d'art européens et leur public*, Paris, Éditions Minuit.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (1977): *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Lisboa, Vega Universidade.
- BOURDIEU, Pierre, (1980): L'identité et la représentation. Eléments pour une réflexion sur l'idée de région, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 35, Paris.
- BOURDIEU, Pierre, Collège de France, Propostas para o ensino do Futuro, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 5, Julho de 1987, pp. 101-120.
- BRAUDILLARD, J. (1995): O drama dos lazeres ou a impossibilidade de perder tempo, *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70, pp. 160- 168.
- CABRAL, A. M. Pires (1985): *A Emigração na literatura Portuguesa: Uma Colactânia de textos, Série Migrações*, Secretaria de Estado da Emigração, Vila Real.
- CARREIRA, Henrique M. (1996), *As políticas Sociais em Portugal*, Lisboa, Gradiva.
- CHARBIT, Yves et BERTRAND, Cathrine (1985): *Enfants, Familles, Migrations Dans le Bassin Méditerranéen*, Etude réalisée avec le concours de l'UNICEF, Cahier nº 110, Presses Universitaires de France.
- CLARKE J. e CRITHER, C. (1985): *The Devil Makes Work*, Londres, MacMillan.
- CORBIN, Alain (1995): La fatigue, le repos et la conquête du temps, in CORBIN, Alain, *L'Avènement des loisirs, 1850 - 1960*, Aubier, France, pp. 275-301.
- CORBIN, Alain (1995): *L'Avènement des loisirs, 1850-1960*, Aubier, Paris.
- CORTESÃO, Luiza e STOER, Stephen (1996) A interculturalidade e a educação escolar: Dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas, in *Inovação*, Vol. 9, 1 e 2 , 35-51.
- COSTA, António Firmino da (1999): *Sociedade de Bairro*, Celta Editora, Oeiras.
- CUNHA, Maria do Céu (1988): *Portugais de France*, Éditions L'Harmattan, Paris.
- DIAS, Manuel (1986): *Emigração, Histórias para a História*, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, Porto.
- DONNAT, Olivier (1999), Les stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution 1973- 1997, *Revue Française de Sociologie*, XL-I, 111-119.
- DUMAZEDIER, Joffre (1979), *Sociologia empírica do lazer*, Editora Perspectiva, São Paulo.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric, (1992): *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel.

- ELIAS, Norbert, (1989): *O processo civilizacional, Investigações sociogenéticas e psicogenéticas, transformações do comportamento das camadas superiores seculares do ocidente*, 1º e 2º vol., Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- ESTANQUE, Elísio, (1995): O lazer e a cultura popular, entre a regulação e a transgressão: um estudo de caso, *Revista crítica de Ciências Sociais*, 43, pp.123-124
- ESTANQUE, Elísio, MENDES, José Manuel (1988): *Classes e desigualdades sociais em Portugal*, Edições Afrontamento, Porto.
- FARIA, Margarida Lima (1995): Museus: educação ou divertimento?, Uma análise da experiência museológica segundo o modelo figuracional de Norbert Elias e Eric Dunning, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº43, 171-194.
- FERREIRA, Eduardo Sousa (1976): *Origens e formas da emigração*, Iniciativas Editoriais, Lisboa.
- FORTUNA, Carlos, (1997) (Org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta.
- GLASER, B. e STRAUSS, A. (1967): *The Discovery of Grounded Theory*, Aldine Ed.
- GOFFMAN, Erving, (1980), *Estigma*, 3ª edição, Editores Zahar, Rio de Janeiro.
- GOMES, Carlos Alberto (1987): A interação selectiva na escola de massas, *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº3, 35-49.
- GONÇALVES Albertino (1995): O campesinato entre o Diabo e o Bom Deus: Panorama de algumas clivagens configuradoras da economia agrária, in *Cadernos do Noroeste*, vol. 8 (1), 113-144 Braga.
- GONÇALVES, Albertino (1996): *Imagens e civagens, os residentes face aos emigrantes*, Edições Afrontamento, Porto.
- GONÇALVES, Albertino (1998): Métodos e técnicas de Investigação Social, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.
- GONÇALVES, Albertino e GONÇALVES (1991): Conceição -"Uma vida entre Parênteses. Tempos e ritmos dos emigrantes portugueses em Paris", *Cadernos do Noroeste*, vol. 4 (6-7), pp.147-158.
- GONÇALVES, Albertino, (2002) Um perfume de utopia: Ir às compra ao hipermercado, a publicar nos *Cadernos de Comunicação Social*, Universidade do Minho.
- GRÁCIO Sérgio (1987): Variáveis escolares e aproveitamento escolar no primário, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº5, Julho, pp. 51-64.
- GRAZIA, Sebastian, (1962): *Of Time, Work and Leisure*, Nova Iorque, Twentieth Century Fund.
- HOGGART, Richard (1973): *As utilizações da cultura 1, aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, Editorial Presença, Lisboa.
- ITURRA, Raul (1990 a): *Fugirás da escola para trabalhar a terra*, Lisboa, Escher.**
- ITURRA, Raul, (1990 b): A construção social do insucesso escolar, Lisboa, Escher.

- LASLET, Peter (1975): *O Mundo que nós perdemos*, Edições Cosmos, Lisboa.
- LASSWELL, Harold D. (1927): *Propaganda Techhinique in the World War*, New York, Knopf, 1927.
- LAURENT, Alain (1973): *Libérer les vacances?*, Éditions du Seuil, Paris.
- LEAL, João (2000): *Etnografias Portuguesas (1870-1970)*, *Cultura e identidade Nacional*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- LEANDRO, Maria Engrácia (1995): *Au-Delà des Apparences, Les portugais face à l'insertion sociale*, Éditions L'Harmattan, Paris.
- LEANDRO, Maria Engracia (1998) *Jeunes Portugais dans l'agglomeration Parisienne - Continuités et ruptures in Presence Portugaise en France*, org. Trindade, Maria Beatriz Rocha e Raveau, François H. M., Universidade Aberta, *Colecção de Estudos Pós-Graduados*, pp.205-227
- LEITE, Maria Carolina (1993): *A casa em Construção: Actores e Decisores*, in *Emigração Imigração em Portugal*, Actas do colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal Séculos XIX e XX, Fragmentos, Lisboa, pp. 201 202.
- LEITE, Maria Carolina (1998): *Eva, depois do paraíso. Modos de habitar e identidade no percurso migratório*, Universidade do Minho, Braga.
- LIMA, J. A. Pires de (1974): *A emigração portuguesa em França*, Editorial Estampa, Lisboa.
- LOURENÇO, J.(1981): *, 700 Emigrantes falam*, Edição Diálogo do Emigrante, Braga.
- MACHADO, Helena C. F., (1996), *A construção social da praia*, Ideal, Guimarães.
- MAHE, Pierre (1998): *Religiosite populaire (des Portugais)*, in org. Trindade, Maria Beatriz Rocha e Raveau, François H. M., Universidade Aberta, *Colecção de Estudos Pós-Graduados*, pp.243-258.
- MANN, Thomas, *Montanha Mágica*, Colecção dois Mundos, Edição Livros do Brasil.
- MARTINHO, Alberto (1984): *Os filhos dos emigrantes, (16-21 anos) oriundos do distrito da Guarda, em França: nem a integração, nem retorno, estudo comparado de duas amostras*, in *Emigração e retorno na região centro*, Comissão de coordenação da região centro, Coimbra, pp. 118-121.
- MARTINS, Moisés de Lemos (1990): *O olho de Deus no discurso Salazarista*, Edições Afrontamento, Porto.
- MARTINS, Moisés de Lemos (1996): *Para uma inversa navegação. o discurso da identidade*, Edições Afrontamento, Porto.
- MARTINS, Moisés de Lemos (2000): *Fátima na ambivalência das suas expressões*, *Separata das actas, Congresso Cultura Popular*, pp.147-158.
- MARTINS, Moisés, GONÇALVES, Albertino e PIRES, Helena (2000): *A Romaria da Sr<sup>a</sup> da Agonia, vida e memória da cidade de Viana*, Grupo Desportivo e Cultural dos trabalhadores dos estaleiros navais de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- MATTOSO, José, Direcção de (1994): *História de Portugal*, 7º volume, Circulo de Leitores.

- MESQUITA, Artur (1987): Educação Bilingue, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº5, Julho, pp.35-50.
- MÓNICA, M. Filomena (1977): Correntes e controvérsias em sociologia da educação, *Análise Social*. Vol. XIII (52), pp. 989-1001.
- MÓNICA, Maria Filomena (1978), *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Editorial Presença/ GIS.
- MONTEIRO, Paulo Filipe (1990): Os usos das artes ne era da diferenciação social: críticas e alternativas a Pierre Bourdieu, *Revista de Comunicação e linguagem*, nº12/13, pp.117-141.
- MONTEIRO, Paulo Filipe (1994) *Emigração, O eterno mito do retorno*, Celta, Oeiras.
- MUCCHIELLI, Roger (1984): *L'Analyse de Contenu, des documents et des communications*, 6ª edition, Connaissance du problème, Les Éditions ESF, Paris.
- MUCCHIELLI, Roger (1988): *L'Analyse de contenu des documents et des communications*, Paris, Les éditions ESF - Entreprise moderne d'édition- Librairies Techniques.
- NETO, Felix (1987): Migração Portuguesa: informação e atitude, elementos constitutivos das representações juvenis, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº5, Julho, pp.3- 33.
- NETO, Felix (1998): Projets Migratoires et acculturation chez des jeunes d'origine Portugaise en France in *Presence Portugaise en France*, org. Trindade, Maria Beatriz Rocha e Raveau, François H. M., Universidade Aberta, *Colecção de Estudos Pós- Graduados*, pp.183-195
- NETO, Félix Fernando Monteiro (1984): *A Migração Portuguesa vivida e representada, contribuição para o estudo dos projectos migratórios*, Porto, Dissertação de doutoramento.
- NETO, Felix, (1985): *Jovens portuguesas em França, Aspectos da sua adaptação psico-social*, Edições Jornal de Psicologia, Porto.
- NETO, Félix, (1993): *Psicologia da migração portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa.
- NOIRIEL, Gerard (1988): Flux et Reflux de la Migration Portugaise, in *Presence Portugaise en France*, org. Trindade, Maria Beatriz Rocha e Raveau, François H. M., Universidade Aberta, *Colecção de Estudos Pós- Graduados*.
- Notícias de Melgaço L. B. 9 de Janeiro de 1955.
- ORIOU, Michel, (1979): L'identité produite, l'identité instituée, l'identité exprimée. Les confusions de théories de l'identité nationale et culturelle, in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, nº66, Paris.
- ORIOU, Michel, (1985): Appartenance linguistique, destin collectif, décision individuelle, in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, nº 79, Paris.
- PAIS, J. Machado (1996): Lazeres e sociabilidades juvenis, *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 132-193.

- PAIS, J. Machado, (1994): A vida como aventura: uma nova ética do lazer?, in Actas do Congresso Mundial de lazer, Ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, *Colecção Estudos e Investigações*, 2, Lisboa, pp.99-110.
- PEREIRA, Mirian Halpern (1981): *A Política Portuguesa de Emigração 1850-1930*, Biblioteca de História, nº10, A regra do Jogo, Porto.
- PORTES, Alejandro (1999): *Migrações Internacionais, Origens, tipos e Modos de Incorporação*, Celta Editora, Oeiras.
- PROST, Antoine (1991): Fronteiras e espaços do privado, in *História da vida privada*, sob a direção de Philippe Ariès e George Duby, Edições Afrontamento, Porto, pp.12-113.
- PROVONOST (1983): *Temps, culture et société*, Presses de l'université de Québec.
- RAUCH, André (1993): *Les vacances*, Press Universitaires de France, Paris.
- RAUCH, André (1995): Les vacances et la nature revisitée, in CORBIN, *Alain, L'avènement des loisirs 1830-1960*, Aubier, Paris.
- RAUCH, André (1996): *Vacances en France, de 1830 à nos jours*, Éditions Hachette, France.
- RAVEAU, François (1998): Espaces pluriculturais et ethnicité: Presence Portugaise en France, in *Presence Portugaise en France*, org. TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz Rocha e RAVEAU, François H. M. , Universidade Aberta, *Colecção de estudos pós-graduados*.
- REIS, António Coordenação de, (1994): *Portugal 20 Anos de Democracia*, Circulo de Leitores.
- RIBEIRO, F. G. Cassola (1986): *Sinais Exteriores de riqueza (contos que a emigração me contou)*, Fundo documental e iconográfico da emigração e das comunidades Portuguesas, Grafilarte, Águeda.
- RICHEZ, Jean-Claude e STRAUSS, Léon (1995): Un temps nouveau pour les ouvriers: les congés payés (1930 - 1960), in CORBIN, *Alain, L'avènement des loisirs (1850 - 1960)*, Aubier, Paris, pp. 376-415.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1973): *Immigrés Portugais*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política ULTRAMARINA, Lisboa.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1981): Estudos sobre a Emigração Portuguesa, in *Revista de História Económica e Social*, 1-2, Cadernos, Lisboa.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1983): *Sensibilização comunitária numa óptica de interculturalismo em meio de forte emigração*, Instituto da defesa nacional.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1984): Queiriga Revisitada , in *Emigração e Retorno na região centro*, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1986): Remigratorno: Migração e Retorno, in *Migração portuguesa no Mundo*, História, ano IX, Nº98 Dezembro, p.4-14.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1988) b: Diferença ou desfavorecimento?, in *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*, Universidade de Aveiro, pp. 47-57.

- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1989): A presença dos ausentes, in *Sociedade Território, Espaço: Emigração e retorno*, *Revista de estudos urbanos e regionais*, nº8, Ano 3/ Fevereiro, pp.8-16.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1989): Un informe nacional sobre la emigración de retorno en las escuelas portuguesas, in *Symposium Internacional Emigracion y retorno*, Sevilla, 8 al 11 de Noviembre, pp. 151-161.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (1998): Les Temps Mythiques des migrations, in *Presence Portugaise en France*, org. Trindade, Maria Beatriz Rocha e Raveau, François H. M., Universidade Aberta, *Colecção de Estudos Pós- Graduados*, pp.25-38.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz (2000): Emigrantes, in *Um país de longínquas fronteiras*, Guarda, *Exposição organizada pela Câmara Municipal* (catálogo), Junho, pp.21-26.
- ROCHA-TRINDADE, M<sup>a</sup> Beatriz., BAPTISTA, Luís Vicente, MENDES, M. Luísa Sobral, TEODORO, Victor Duarte (1988) a: *População Escolar Directa e Indirectamente Ligada à Emigração*, Projecto Universidade Aberta, Lisboa.
- ROJEK, Chris, (1985): *Capitalism and Leisure Theory*, Londres, Tavistock.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1985) Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português, *Análise Social*, vol. XXI, nº87-88-89, pp. 869-901.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1990), *Estado, Relações salariais e bem estar social na semi periferia: o caso de Portugal*, Departamento de Sociologia e Economia, Universidade de Coimbra.
- SANTOS, Helena (1992), O trabalho para inventar o não-trabalho, in *Actas do Congresso mundial de lazer*, Ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, *Colecção Estudos e Investigações*, 2, Lisboa, pp. 283-288.
- SEBASTIÃO, João (1988): Os dilemas da escolaridade, universalização, diversidade e inovação, in (org.) VIEGAS, José, Manuel L., e COSTA, António Firmino, *Portugal, que modernidade?*, 2<sup>a</sup> edição, Celta Editora, Oeiras.
- SILVA, Manuel Carlos (1998): *Resistir e Adaptar-se: Constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.
- SILVA, Manuela, e outros (1984): Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal, in *Emigração e Retorno na região centro*, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, 1984
- SILVA, Tomas Tadeu (1988): Distribuição de conhecimento e reprodução social, *Educação e realidade*, Porto Alegre, 13 (1), 3-16.
- STAHAL, H. M., AMARAL, J. Ferreira do, MONIZ; F, e outros (1982): *Perspectivas da emigração Portuguesa para a CEE, 1980- 1990*, Moraes Editores/I.E. D., Lisboa.
- STAHL, H. M. Amaral, J. Ferreira, Moniz, F. e outros (1982): *Perspectivas da emigração Portuguesa para a CEE - 1980-1990*, Moraes editores, I.E.D.,Lisboa.
- STOER R. Stephen e ARAÚJO, Helena Costa (1992): *Escola e aprendizagem para o trabalho: num país da (semi) periferia europeia*, Lisboa, Escher.

- SUE, Roger (1980): *Le Loisir*, Presses Universitaires de France, Paris.
- TOBOSSCH, Stefan (1984): As perspectivas dos movimentos de imigração na Alemanha Federal, in *Emigração e Retorno na região centro*, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- TODD, Emmanuel, (1994): *O destino dos Imigrados, Assimilação e segregação nas democracias ocidentais*, Instituto Piaget, Lisboa.
- URRY, J. e CRAWSHAW, C. (1995): Turismo e consumo visual, *Revista crítica de ciências sociais*, 43, pp. 47-68.
- VEBLEN, Thorstein (1970): *Théorie de la classe de loisir*. Paris, Gallimard.
- VIEGAS, José Manuel Leite e COSTA, António Firmino da, (organizadores) (1998): Portugal, que modernidade?, Celta, 2ª edição, Oeiras.
- Vivre dans deux cultures*, La condition socio-culturelle des travailleurs migrants et de leurs familles, UNESCO, 1983, in Introduction générale, Ronald G. Parris.
- WALL, Karin (1998): *Famílias no campo: passado e presente em duas freguesias do Baixo Minho*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- WALLERSTEIN, Immanuel (1990): *O sistema económico mundial*, Porto, Afrontamento.
- YANG, Michael (1971): Uma abordagem do estudo dos programas enquanto fenómenos do conhecimento socialmente organizado, in *Sociologia da Educação II*, Lisboa: Livros Horizonte.
- ZNANIECKI, Florian e THOMAS, Willian (1974): *The Polish peasant en Europe and America*, Nova Iorque, Octagon Books.